

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE**
Câmpus Pelotas

**INFLUÊNCIA DOS FATORES MOTIVACIONAIS NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM:
A CONTRIBUIÇÃO DO *COACHING* NA EDUCAÇÃO**

Ivana Caldeira Siqueira

11/10/2017

IVANA CALDEIRA SIQUEIRA

**INFLUÊNCIA DOS FATORES MOTIVACIONAIS NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM: A CONTRIBUIÇÃO DO *COACHING* NA EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia (MPET), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagens Verbo-visuais e Tecnologias.

Orientação: Prof^ª. Dr. Rafael Montoito

PELOTAS

2017

Ficha Catalográfica

S618i Siqueira, Ivana Caldeira
Influência dos fatores motivacionais no processo de aprendizagem : a
contribuição do coaching na educação / Ivana Caldeira Siqueira. – 2017.
140 f.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Montoito
Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.
1. Motivação. 2. Fatores intrínsecos e extrínsecos. 3. Teoria de
autodeterminação. 4. Coaching. I. Montoito, Rafael. II. Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.
CDD 370

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Vivian I. M. Ritta CRB 10/1488
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

IVANA CALDEIRA SIQUEIRA

INFLUÊNCIA DOS FATORES MOTIVACIONAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: A CONTRIBUIÇÃO DO COACHING NA EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia (MPET), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Campus Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagens Verbo-visuais e Tecnologias.

Orientação: Prof. Dr. Rafael Montoito

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Rafael Montoito
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas

Prof. Dr. Glaucius Décio Duarte
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas

Prof^a. Dr^a. Maria Simone Debacco
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Local: Instituto Federal Sul-rio-grandense – Câmpus Pelotas
Aprovado pela Banca Examinadora em: Pelotas, 11 de outubro de 2017

Dedico esta dissertação para as duas
bases fundamentais em minha vida:

A Deus e à minha família.

Nelas encontro o que me basta para viver:
coragem, conforto e alegria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

- A Deus, por ter me dado a dádiva da vida e a força necessária para alcançar meus objetivos.

- À minha amada Mãe, pelo amor e carinho que recebo, sempre me proporcionando tudo de melhor; com seu apoio, suas palavras, seu colo, me ajuda sempre a ir além.

- Ao meu glorioso Pai, meu grande incentivador e conselheiro, aquele em quem me espelho e de quem me orgulho todos os dias de dizer que é MEU pai.

- Ao meu esposo Daniel, pela ajuda incansável, por estar sempre comigo me apoiando para atingir meus sonhos; sem ele, nada do que eu conquistei até hoje seria possível.

- Aos meus anjos em forma de filhos, Otávio e Eduarda, por aceitarem muitas vezes a ausência da mamãe e, em minha volta, me receberem sempre com beijos, abraços e carinhos; com certeza a existência de vocês é o que me dá forças para continuar e saber que é para vocês hoje que eu vivo minha vida.

- Às minhas amadas vovós Syra e Iolanda, que me cuidam até hoje com muito carinho e amor; seus cafezinhos da tarde é o que enchem meu dia de felicidade.

- Ao meu orientador Rafael Montoito, por estar comigo neste momento tão especial, me orientando, ensinando e colaborando para meu desenvolvimento.

- A todos os Professores do Mestrado em Educação e Tecnologia do IFSUL Campus Pelotas, que compartilharam comigo seus conhecimentos, me fazendo gostar ainda mais deste mundo fantástico e cheio de desafios que é a Educação.

- Aos meus colegas, amigos e demais familiares que alegam minha vida e que deixam-na com mais sentido, me ajudando a constituir a Ivana que sou hoje.

*“Não sabendo que era impossível,
ele foi lá e fez.”*

(Jean Cocteau)

RESUMO

Os principais objetivos desta dissertação são mapear a influência dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem do aluno e verificar como o processo de *Coaching* pode contribuir para que evoluam estes fatores na Educação. O tema *Motivação* vem despertando o interesse de pesquisadores no âmbito da Educação e, ao longo dos anos, pode-se notar a busca constante por respostas que levem a entender como de fato o indivíduo consegue se motivar ou ser motivado. Para entender e contextualizar melhor os fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos, será apresentada nesta dissertação a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias*, de Deci e Ryan (1985). O *Coaching*, adentrando o universo da Educação com a finalidade de fomentar no aluno a vontade de atingir seus objetivos, torna-se também um grande aliado ao despertar, no estudante, o desejo em aprender, trazendo assim outra visão sobre o processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de contribuir para o aumento da motivação e do querer dos alunos pelo saber. Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa, conduzida através da *Análise de Conteúdo*, de acordo com os pressupostos teóricos da autora Lawrence Bandin (1977). A partir daí, formulou-se a hipótese de que o *processo de Coaching poderá contribuir para Educação, elevando a motivação dos alunos e o interesse em aprender*, sendo esta investigada tendo como indicadores: *motivação intrínseca* e *motivação extrínseca*. Após análise sobre o que foi pesquisado acerca do tema *Motivação* e o que foi discutido sobre o mesmo ao passar dos anos por diversos teóricos, dentre eles Freud, Skinner, Deci e Ryan, Bzuneck, entre outros, ao fazer a exploração do material, notou-se uma relação de continuidade e intersecção entre os conceitos e teorias destes autores, o que permitiu dividir o tema *Motivação* em cinco categorias: *Ter prazer e ver sentido nas ações*, *Objetivos bem definidos* e *Ações não ferem os valores pessoais* (que contemplam a motivação intrínseca) e *Necessidades básicas contempladas* e *Consequências positivas nas ações realizadas* (que contemplam a motivação extrínseca). Por fim, foram analisadas quais ferramentas e técnicas de *Coaching* podem contribuir para elevar a motivação e entusiasmo do aluno, cada uma delas pensada para cada categoria, atendendo, então, o objetivo e hipótese deste trabalho, ou seja, que o *Coaching* pode contribuir na formação do aluno e potencializar sua vontade em aprender.

Palavras-chave: Motivação. Fatores Intrínsecos e Extrínsecos. Teoria da Autodeterminação. *Coaching*.

ABSTRACT

The main objectives of this dissertation are to map the influence of intrinsic and extrinsic motivational factors on the student's learning process and to verify how the *Coaching* process can contribute to these factors in Education. The theme *motivation* has aroused the interest of researchers in the field of education and, over the years, it can be noted the constant search for answers that lead to understand how in fact the individual manages to be motivated or motivated. In order to better understand and contextualize the intrinsic and extrinsic motivational factors, we will present in this dissertation the *Theory of Self-Determination* and its *Mini Theories*, by Deci and Ryan (1985). Coaching, entering the universe of Education with the purpose of encouraging non-students the desire to access their goals, also becomes a great ally to wake up, not student, the desire to learn, thus bringing another vision about the teaching process and learning, with the purpose of contributing to the increase of motivation and the students' desire for knowledge. In this research was used the qualitative research approach, conducted through *Content Analysis*, according to the theoretical assumptions of the author Lawrence Bandin (1977). From there, it was hypothesized that the *Coaching* process could contribute to *Education*, raising the motivation of the students and the interest in learning, being investigated having as indicators *intrinsic motivation* and *extrinsic motivation*. After analyzing what was researched on the topic Motivation and what was discussed about it over the years by various theorists, among them Freud, Skinner, Deci and Ryan, Bzuneck, among others, in doing the exploration of the material, noticed A relationship of continuity and intersection between the concepts and theories of these authors, which allowed to divide the *motivation* theme into five categories: *To enjoy and see meaning in actions*, *Well defined Objectives and Actions do not hurt personal values* (that contemplate motivation intrinsic) and *Basic Needs contemplated and Positive Consequences* in actions carried out (that contemplate extrinsic motivation). Finally, it was analyzed which tools and techniques of Coaching can contribute to raise the motivation and enthusiasm of the student, each one of them thought for each category, attending, then, the objective and hypothesis of this work, that is, that *Coaching* can contribute in the Training and leverage their willingness to learn.

Keywords: Motivation. Intrinsic and Extrinsic Factors. Theory of Self-determination. *Coaching*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultado da Busca.....	19
Quadro 2 – Resultado final das pesquisas selecionadas para análise.....	20
Quadro 3 – Artigos científicos selecionados para análise.....	20
Quadro 4 – Dissertações selecionadas para análise.....	24
Quadro 5 – Teses selecionadas para análise.....	27
Quadro 6 – Fases do <i>Coaching</i>	59
Quadro 7 – Operações do <i>Coaching</i>	60
Quadro 8 – Os princípios fundamentais do <i>Coaching</i>	61
Quadro 9 – Estágios do <i>Coaching</i>	62
Quadro 10 – Setores de atuação do <i>Coaching</i>	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide das Necessidades de Maslow.....	38
Figura 2 – A Macro Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias.....	50
Figura 3 – Motivadores extrínsecos.....	52
Figura 4 – O <i>Continuum</i> da autodeterminação, com os tipos de motivação, seus estilos de regulação e os processos correspondentes	53
Figura 5 – Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas.....	55
Figura 6 – Organização das Etapas da Análise de Conteúdo.....	72
Figura 7 – Síntese dos principais teóricos e seus respectivos conceitos sobre o tema <i>Motivação</i> ao longo dos anos.....	79
Figura 8 – Intersecção da Teoria da Autodeterminação com os pensamentos de outros Teóricos e Teorias sobre Motivação ao longo dos anos.....	82
Figura 9 – Intersecção dos principais conceitos sobre o tema <i>Motivação</i> ao longo dos anos.....	84
Figura 10 – Indicadores e categorias da pesquisa segundo a Análise de Conteúdo.....	85
Figura 11 – Indicadores, categorias da pesquisa e respectivas ferramentas do <i>Coaching</i>	92
Figura 12 – Etapas do Método MAP.....	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTUALIZANDO O INTERESSE PELA ÁREA PESQUISADA.....	16
3 ESTADO DA CONHECIMENTO	18
3.1 Dos artigos	20
3.2 Das Dissertações	24
3.3 Das teses	27
3.4 Considerações finais do capítulo.....	29
4 REFERENCIAL TEÓRICO	31
4.1 Motivação: Sua importância no espaço escolar	31
4.1.1 Motivação: Conceito e Historicidade	36
4.1.2 Motivação no contexto escolar	41
4.1.3 Fatores intrínsecos e extrínsecos.....	45
4.1.4 Teoria da Autodeterminação	48
4.2 <i>Coaching</i> : Conceitos, Definições e Envolvimentos Atuais com a Educação.....	56
4.2.1 <i>Coaching</i> : Teorias, conceitos e fundamentos.....	57
4.2.2 <i>Coaching</i> e a Educação	65
5 METODOLOGIA.....	71
5.1 Pré-Análise.....	73
5.1.1 Análise Flutuante.....	74
5.1.2 Escolha dos Documentos.....	74
5.1.3 Formulação das Hipóteses e Objetivos	76
5.1.4 Referenciação dos índices e a Elaboração de indicadores.....	77
5.2 Exploração do Material.....	77
5.3 Tratamento dos Resultados, Inferências e Interpretação	84
6 COACHING NA EDUCAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA DO ALUNO.....	89
6.1 <i>Coaching</i> na Educação: Uma contribuição para Motivação Intrínseca	93
6.1.1 Objetivos bem definidos	93
6.1.2 Ter prazer e ver sentido nas ações	94
6.1.3 As ações não ferem seus valores pessoais	96
6.2 <i>Coaching</i> na Educação: Uma contribuição para Motivação Extrínseca	99
6.2.1 Ter consequências positivas nas ações realizadas.....	99

6.2.2 Necessidades básicas contempladas.....	101
7 <i>COACHING</i> NA EDUCAÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	103
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES.....	111

1. INTRODUÇÃO

O tema *Motivação* vem despertando o interesse de pesquisadores no âmbito da Educação, ciência que, ao longo de sua história, vem buscando formas e didáticas que contemplem os alunos como um todo. Em determinado momento, começou-se a perceber que os motivos para a aprendizagem eram singularizados, visto a necessidade, anseio e o querer do estudante.

Ao longo dos anos, pode-se notar a busca constante por respostas que levem a entender como de fato o indivíduo consegue se motivar ou ser motivado. Na educação, o assunto ainda não é devidamente difundido e discutido pelos diretores e gestores das escolas como um tema principal, sendo mais usual abordarem tópicos como metodologias, didáticas e formas de ensino que possam contribuir melhor para a aprendizagem do aluno.

O ser humano precisa ver sentido em suas ações e ter desejo pelo que está fazendo ou aprendendo; neste quesito é que está o grande desafio, pois o sentido, o desejo e o objetivo se dão de forma individual e única; disso nota-se, então, a complexidade deste assunto.

A motivação do aluno se dá, também, a partir das experiências e resultados que os mesmos tiveram ao longo do tempo, fazendo com que eles queiram e gostem de aprender pelas experiências positivas surgidas e conquistadas ao longo do percurso escolar. No entanto, o inverso pode vir a acontecer, isto é, se as experiências forem negativas, o aluno poderá ter mais resistência às novas tentativas e desafios, preferindo rejeitá-las.

Percebe-se, então, que a aprendizagem se dá por diversos motivos, sendo eles intrínsecos ou extrínsecos e, por isso, é de fundamental importância analisar quais os fatores que permeiam estes dois polos e suas contribuições no processo de aprendizagem escolar.

Em meio a tantos conceitos e teorias, este tema se torna mais complexo ainda quando se trata do contexto escolar, pois, se a motivação é única e centralizada no sujeito, se torna um grande desafio motivar de uma forma global todos os alunos em uma mesma ocasião.

Para entender e contextualizar melhor os fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos e como os mesmos impactam diretamente na aprendizagem e no desejo dos alunos, será apresentada, nesta dissertação, uma das mais importantes e

conhecidas teorias sobre o tema *Motivação*, desenvolvida no final do século XX pelos psicólogos e pesquisadores americanos Deci e Ryan: a *Teoria da Autodeterminação* e suas *Mini Teorias*.

Dentre as teorias e conceitos voltados à motivação, a *Teoria da Autodeterminação* é uma das poucas que analisam os fatores intrínsecos e extrínsecos de forma única e complementar, ou seja, não analisa estes fatores separadamente, pois um grupo será reflexo do outro. Sua contribuição para a educação se dá principalmente por promover o desejo dos alunos à aprendizagem e pela confiança dos mesmos em relação ao seu êxito. Pode-se dizer que a *Teoria da Autodeterminação* de Deci e Ryan (1985) é considerada uma *Macro Teoria*, pois dela se dissolvem mais quatro *Mini Teorias*, as quais são: A Teoria da Avaliação Cognitiva; Teoria da Interação Organísmica; Teoria da Orientação da Casualidade e Teoria das Necessidades Psicológicas.

Uma vez que a contribuição maior do *Coaching*¹ é despertar o desejo e o querer do indivíduo e ajudá-lo a atingir seus objetivos, ele pode se tornar, então, um grande aliado para os alunos ao despertar neles seu desejo de aprender, trazendo assim uma outra visão educacional, a qual busca há muitos anos a resposta para o aumento da motivação e do querer dos alunos pelo saber.

No âmbito educacional existem pouquíssimas pesquisas voltadas ao assunto e, em sua maior parte, são projetos pontuais, realizados em escolas, que fornecem resultados empíricos e sem sustentação teórica e metodológica. Das poucas pesquisas existentes, as mesmas são voltadas e direcionadas para a docência. Esta dissertação, portanto, apresenta-se complementar às já existentes, pois tratará da importância da atuação do *Coaching* para os discentes, bem como para os docentes.

O *Coaching* permite trabalhar a identidade do aluno visto suas reflexões, sendo ele então reconhecido como singular, mesmo o processo sendo muitas vezes conduzido em grupo, as reflexões são individuais. A partir das análises, conversas, compreensões e correções de erros e problemas, o aluno começará a desenvolver e potencializar seus acertos.

¹ O *Coaching* é um processo conduzido através de ferramentas cientificamente comprovadas em que o *coach* (profissional) instiga o entendimento do *coachee* (cliente) em relação aos seus objetivos e o ajuda a melhorar ou atingir seus resultados com base em ações e mudanças de atitudes e comportamentos.

Acredita-se então que, quando o aluno percebe sentido nas ações e estabelece objetivos próprios, sua motivação o impulsiona, tornando o processo de aprendizagem mais rico e produtivo. Dessa forma, o *Coaching* pode ser um aliado no processo de ensino e contribuir na Educação, pois, através de suas técnicas e ferramentas, o aluno compreenderá cada vez mais suas crenças, valores e comportamentos.

Nesta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, como comumente se utiliza nas investigações no âmbito da Educação, e as análises foram baseadas e conduzidas através da Análise de Conteúdo, de acordo com os pressupostos teóricos da autora Lawrence Bandin (1977).

O objetivo geral deste trabalho é mapear a influência dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem do aluno, tendo como referência conceitos sobre o tema *Motivação* estudados ao longo dos anos e a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias* de Deci e Ryan (1985), e verificar como o processo de *Coaching* pode contribuir para que evoluam estes fatores na Educação.

Já como hipótese de pesquisa assume-se que o *processo de Coaching* *poderá contribuir para Educação, elevando a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos e o interesse em aprender.*

Inicialmente, foi apresentada a primeira parte da metodologia, a Pré-análise, dividida em Análise Flutuante; Escolha dos Documentos; Formulação das hipóteses e Objetivos; Referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores.

Na análise flutuante, foi realizada uma pesquisa chamada Estado do Conhecimento, utilizando dois filtros, o primeiro com as palavras-chaves *Motivação; Aprendizado; Educação* e, o segundo, *Coaching; Educação*. Foram encontradas, neste primeiro momento, o total de 28 pesquisas relacionadas ao tema deste trabalho (11 artigos científicos, 13 dissertações e 4 teses).

Ao concretizar a primeira pesquisa do Estado do Conhecimento, a qual teve como propósito instrumentalizar o leitor e o pesquisador acerca do cenário científico em que se encontra inserido o objeto deste estudo, foram escolhidas 10 pesquisas (4 artigos científicos, 4 dissertações e 2 teses). Após, foi realizada uma longa análise teórica, tendo como base autores e teorias oriundos dos documentos escolhidos.

Com base no objetivo e hipótese deste trabalho, foram estabelecidos os indicadores de pesquisa, os quais são *motivação intrínseca e motivação extrínseca.*

Após análise sobre o tudo que foi pesquisado sobre o tema *Motivação* e o que foi discutido sobre o mesmo ao passar dos anos por diversos teóricos, dentre eles Freud, Skinner, Deci e Ryan, Bzuneck, entre outros, na segunda fase da Análise de Conteúdo, ao fazer a exploração do material, notou-se uma relação de continuidade e intersecção entre os conceitos e teorias. Ao fazer este cruzamento, verificou-se que o ser humano se torna motivado quando: (1) tem prazer e vê sentido em suas ações; (2) tem objetivo ou desejos bem definidos; (3) são contempladas suas necessidades básicas ou as que dizem respeito à sua subsistência; (4) as consequências de suas ações são positivas e (5) suas ações não ferem seus valores pessoais. Portanto, ficou determinado que estas serão as categorias deste trabalho.

Por fim, para atender o objetivo e hipótese deste trabalho, com base nos indicadores *motivação intrínseca* e suas categorias (ter objetivo ou desejos bem definidos; ter prazer e ver sentido em suas ações; as ações não ferem seus valores pessoais; e *motivação extrínseca* e suas categorias (ter consequências positivas em suas ações; necessidades básicas serem contempladas) foram analisadas quais ferramentas e técnicas de *Coaching* podem contribuir para atender estes cinco fatores, os quais tendem a elevar a motivação e entusiasmo do aluno.

Ao final dessa dissertação, o leitor verá como o processo de *Coaching* pode contribuir para a motivação intrínseca e extrínseca do aluno, e quais as técnicas e ferramentas atendem a cada umas das categorias citadas acima, com suporte de teóricos do âmbito da educação.

Por fim, a autora apresenta um relato sobre sua vivência e atuação como *Coach* com uma turma de alunos, explicando como conduziu suas sessões e quais foram as contribuições e resultados para motivação dentro daquele espaço escolar.

2. CONTEXTUALIZANDO O INTERESSE PELA ÁREA PESQUISADA

O interesse da autora pelos temas abordados nesta dissertação, tratando-se primeiramente sobre a motivação do aluno para o aprendizado e após defendendo a inserção do *Coaching* e a contribuição do mesmo na Educação, vem grande parte das experiências profissionais vividas pela mesma, tanto como professora universitária (Faculdade Anhanguera de Pelotas e SENAC Pelotas), quanto de sua atuação enquanto *Coach* em um projeto para jovens estudantes do ensino médio.

Por diversas vezes questionava-se sobre sua atuação como docente, pois foi se tornando professora com a prática, e não com o título de fato. Muitas vezes buscou ajuda em livros, cursos, conversas com professores mais experientes para que pudesse desenvolver-se com mais destreza e segurança na profissão. Apesar de seus esforços, sua surpresa foi que, por muitas vezes, o que encontrava na teoria era repudiado e não obtinha êxito, com alunos, na prática.

Foi por estas experiências, às vezes fracassadas, que a Educação começou a encantar a autora desta pesquisa, indo muito além das teorias e conceitos transmitidos, metodologias, didáticas, pedagogias e andragogias; ou seja, percebeu que todos os fatores intra e extramuros escolares afetam o aluno de alguma forma, contribuindo para que ele aprenda ou não os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Esses questionamentos fizeram com que a autora resgatasse suas experiências enquanto aluna, quando deparava-se pela apreciação do conteúdo, pela empatia tida com o professor, ou o repúdio/desinteresse por algumas disciplinas por outros fatores que não diziam respeito a conteúdo ou questões metodológicas, mas sim a questões de empatia professor/aluno, dificuldade com a disciplina, problemas familiares ou na vida pessoal, dentre outros fatores.

Por estas observações empíricas, a autora trouxe estes anseios para sua atuação enquanto *Coach* (profissional que conduz o processo de *Coaching*), com o intuito de entender o que influencia os estudantes na aprendizagem - e sem nenhuma surpresa - vem comprovando que o que faz determinado aluno querer aprender são inúmeros e variados motivos que não se limitam dentro dos espaços escolares, sendo eles intrínsecos (baixa autoestima, traumas, crenças limitantes...) ou extrínsecos (fatores familiares, financeiros, sociais...). Manter-se atento a estes

fatores e lidar com eles é um grande desafio para a Educação, pois exige que se pense no aluno como um todo, que se o olhe de forma singularizada.

Então, o objetivo principal deste estudo é mapear a influência dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem do aluno, tendo como referência conceitos sobre o tema *Motivação* estudados ao longo dos anos e a *Teoria da Autodeterminação* e suas Mini Teorias de Deci e Ryan (1985), e verificar como o processo de *Coaching* pode contribuir para que evoluam estes fatores na Educação.

No capítulo a seguir serão apresentados os trabalhos científicos escolhidos e pesquisados no Estado do Conhecimento, os quais deram subsidio para que a autora desse seguimento e aprofundamento em sua pesquisa.

3. ESTADO DO CONHECIMENTO

Ao iniciar uma pesquisa, é importante verificar se já existe algum estudo científico, realizado anteriormente, sobre o assunto que motivou o interesse por tal objeto. Esta ação possibilitará ao pesquisador mais subsídios e mais informações, as quais podem nortear sua pesquisa, como, por exemplo, os pensadores mais citados nas fundamentações teóricas, quais as metodologias mais utilizadas, e outras informações relevantes.

Esta parte da pesquisa é conhecida como “Estado da Arte” ou “Estado do Conhecimento”. Para Messina (1998, p. 04),

Um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando; um estado da arte é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como descontínuos ou contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática de uma área do conhecimento.

Para Soares e Maciel (2000, p. 04), o Estado do Conhecimento se torna fundamental para que se ordene o conjunto de informações encontradas sobre o assunto pesquisado, para que o autor obtenha diferentes óticas sobre o que está sendo pesquisado, mostrando os estudos recorrentes, as lacunas existentes e as contradições previamente encontradas.

O Estado do Conhecimento tem como objetivo apoiar o pesquisador nas etapas posteriores de sua pesquisa, possibilitando ter uma visão mais ampla do que está sendo trabalhado em relação ao assunto em questão e qual o caminho mais coeso a percorrer em sua pesquisa.

O tema pesquisado nesta dissertação se fundamenta na “influência dos fatores motivacionais no aprendizado do aluno e a contribuição do *Coaching* na educação”. Para buscar mais informações, e assim contribuir ainda mais com este tema, foi utilizada como metodologia neste primeiro momento a pesquisa exploratória de dados secundários.

Para cumprir esta parte da pesquisa, inicialmente foram realizadas consultas em Banco de Dissertações e Teses e repositórios de diversas universidades renomadas do Brasil, dentre elas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade de São

Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Também foram realizadas as pesquisas no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Foram utilizados dois filtros para a realização da pesquisa, o primeiro com as palavras-chaves: *Motivação; Aprendizado; Educação* e o segundo: *Coaching; Educação*. No primeiro filtro foram encontrados, para apoiar a presente pesquisa, 27 trabalhos no total, sendo 11 artigos científicos, 12 dissertações e 4 teses, entre os anos de 1999 até 2016. Já no segundo filtro, foi encontrada apenas 1 dissertação, a qual mais se aproximava com o tema de pesquisa e que contemplava o âmbito da Educação, cujo estudo foi realizado no ano de 2012, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 – Resultado da Busca

Palavra-chave:	Ano																	Total	
	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15		16
Motivação; Aprendizagem; Educação; Coaching																			
Artigos científicos	1	x	x	X	X	X	X	X	2	1	1	2	X	1	X	1	2	x	11
Dissertações	x	x	x	2	X	1	X	2	X	X	1	1	X	2	1	x	2	1	13
Teses	x	1	1	X	X	X	X	1	X	X	x	1	X	X	x	x	x	x	4
Total Geral	1	1	1	2	0	1	0	3	2	1	2	4	0	3	1	1	4	1	28

Fonte: Elaborado pela autora

Analisando o Estado do Conhecimento, notou-se um crescente movimento científico que busca entender os fatores que levam o aluno a motivar-se para aprender, indo além das didáticas e metodologias utilizadas em sala de aula. Porém há pouco movimento científico sobre a importância do *Coaching* e seus benefícios para educação e contribuição para aprendizagem.

Após a busca realizada e os trabalhos selecionados, foi feita a catalogação dos mesmos, contendo como informações básicas: Título, Ano, Autor, Objeto, Local e Palavras-chave (vide apêndices 1 e 2). A compreensão e análise de todos estes

trabalhos serviram como base importantíssima para orientar e direcionar esta pesquisa, pelo fato de aumentar a gama de teóricos que apoiaram a relevância do tema e, principalmente, a definição da metodologia mais adequada para este estudo.

Dentre os 28 trabalhos encontrados, foram selecionados apenas alguns para aprofundando das análises de pesquisa. Para fazer esta seleção, foram prezadas a singularidade e a aproximação com o tema da presente pesquisa, a qual trata da influência dos fatores motivacionais para aprendizagem e a contribuição do processo de *Coaching* para a Educação. O quadro 2, a seguir, apresenta o resultado desta escolha.

Quadro 2 – Resultado final das pesquisas selecionadas para análise

Palavra-chave:	Ano															Total
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	
Motivação; Aprendizagem; Educação; Coaching																
Artigos científicos	x	x	x	X	X	x	X	x	x	1	x	1	x	1	1	4
Dissertações	x	1	x	X	X	1	X	x	x	x	x	2	x	x	x	4
Teses	1	x	x	X	x	x	X	x	x	1	x	X	x	x	x	2
Total Geral	1	1	0	0	0	1	0	0	0	2	0	3	0	1	1	10

Fonte: Elaborado pela autora

3.1. Dos artigos

Dos 4 artigos selecionados pelo critério de maior similaridade com o assunto dessa pesquisa, vê-se, no quadro 3, os detalhes:

Quadro 3 – Artigos científicos selecionados para análise

Ano	Título	Autor(es)
2010	A motivação escolar e o processo de aprendizagem	Abílio Afonso Lourenço e Maria Olímpia Almeida de Paiva
2012	Motivação no contexto escolar	Denise Aparecida Rodrigues Almeida e Marco Aurélio Kaulfuss
2014	Motivação no contexto escolar: um estudo de conceitos	Ana Carolina Vilar de Oliveira Laignier, Mirelly Cristine da Rocha Ribeiro e Adelson Fernandes Moreira

2015	O estudo da motivação dos discentes em um curso de graduação a distância, à luz da escala de motivação acadêmica	Lucas Renan Monteiro de Oliveira, Ellen Campos Sousa e Marcos Antônio Chaves Ricarte
------	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

O artigo intitulado “**A motivação escolar e o processo de aprendizagem**” (2010), dos autores Abílio Afonso Lourenço e Maria Olímpia Almeida de Paiva, tem como principal objetivo salientar a importância da motivação para os processos de aprendizagem e para o sucesso escolar. O artigo científico é do Centro de Investigação em Psicologia e Educação (CIPE), Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal.

Como metodologia de estudo foi utilizada uma revisão de literatura, sobre o assunto em questão, trazendo o ponto de vista de diversos autores como: Balancho e Coelho (1996); Boruchovitch (2009); Brophy (1983); Bzuneck (2002); Deci e Ryan (1985, 2002); Garrido (1990); Murray (1986); Pintrich e Schunk (2002).

Segundo os autores deste artigo, no contexto educacional a motivação dos alunos é um importante desafio com que devemos nos confrontar, pois tem implicações diretas na qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem.

No decorrer da pesquisa, os autores trazem dois importantes conceitos sobre motivação: a *Teoria da Atribuição da Causalidade* (TAC), cujos princípios foram postulados inicialmente por Heider (1970), nos anos 60 do século XX, e a *Teoria da Autodeterminação* (TA) de Deci e Ryan (1985, 2002), os quais defendem que os objetivos que norteiam a motivação são diferentes de indivíduo para indivíduo e os mesmos permeiam a motivação intrínseca e a motivação extrínseca.

A contribuição do artigo citado para realização deste trabalho foi, principalmente, os teóricos utilizados para construção bibliográfica sobre o tema *Motivação* e a maior compreensão da *Teoria da Atribuição da Causalidade (Mini Teoria)* e da *Teoria de Autodeterminação*, as quais serviram de base teórica e balizadoras para esta dissertação.

Já o artigo intitulado “**Motivação no contexto escolar**” (2012), dos autores Denise Aparecida Rodrigues Almeida e Marco Aurélio Kaulfuss, tem como objeto de pesquisa trabalhar com a motivação no contexto escolar, aprofundando-se nos conhecimentos motivacionais de fatores intrínsecos e extrínsecos e, assim, examinar

condições que possam interferir na aprendizagem, no sucesso ou fracasso do aluno. Os autores, professores do Curso de Graduação em Pedagogia da FAIT (Faculdade de Ciências Agrárias e Sociais de Itapeva), afirmam que:

um trabalho que aborde tal temática justifica-se na medida em que cada vez mais se reconhece que as condições que interferem sobre o sucesso ou fracasso acadêmico não são apenas de natureza intelectual, pelo contrário, mais frequentemente de natureza afetiva, sendo a motivação do aluno fundamental para o seu futuro escolar (ALMEIDA e KAULFUSS, 2012, p. 02).

As hipóteses apresentadas no artigo são: 1) O ambiente familiar e sócio cultural de origem da criança é fator determinante na sua relação inicial com o conhecimento e ambiente da aprendizagem, interferindo na forma como identificará fatores intrínsecos e extrínsecos de motivação; 2) Os fatores que interferem na motivação dos alunos permitem ao professor desenvolver estratégias mais adequadas às suas necessidades.

O caminho metodológico adotado consiste em análise bibliográfica, tendo como objetivos: 1) levantar quais são os elementos dos variados contextos sociais que interferem sobre o estilo motivacional do aluno; 2) identificar qual é a influência do professor sobre os níveis motivacionais do aluno e que estratégias podem ser adotadas pelos docentes; 3) identificar qual é o caminho para o desenvolvimento de motivadores intrínsecos, identificando de que forma o professor pode favorecer seu surgimento e como isso interfere sobre a capacidade de aprendizagem; 4) buscar os fatores motivacionais presentes no ensino e aprendizagem e sua influência na relação família-professor e aluno.

A contribuição do artigo citado para esta dissertação foi trazer mais informações sobre o tema em questão, sendo analisados em uma ótica mais ampla os fatores que contribuem para motivação, os quais influenciam no processo de aprendizagem.

O artigo intitulado “**Motivação no contexto escolar: um estudo de conceitos**” (2014), de autoria de Ana Carolina Vilar de Oliveira Laignier, Mirelly Cristine da Rocha Ribeiro e Adelson Fernandes Moreira, tem como objetivo de pesquisa apresentar, discutir e relacionar estudos sobre os assuntos *Motivação, Motivação e Educação e Teoria da Autodeterminação*. Os autores são do Curso de Mestrado em Educação Tecnológica, do Centro Federal de Educação Tecnológica

de Minas Gerais. Como recurso metodológico foi realizado o Estado do Conhecimento, através do Portal da CAPES, selecionando ao total 10 artigos, 14 dissertações, 3 teses e 6 trabalhos de conclusão de curso de graduação, além da contribuição de mais 4 literaturas e 5 capítulos de livros.

Para os autores Laignier, Ribeiro e Moreira (2014, p. 03),

conhecer e compreender a visão, o sentimento e o engajamento dos alunos em diferentes momentos do percurso acadêmico, e fomentar condições de promoção da satisfação, do aprendizado emancipatório e do comprometimento com os estudos justificam estudar a motivação no contexto escolar.

A contribuição deste artigo foi trazer novos e variados estudos científicos sobre o tema *Motivação* e, principalmente, abordar mais profundamente o tema *Teoria da Autodeterminação*, o qual permeia esta dissertação.

Por fim, foi escolhido o artigo intitulado **“O estudo da motivação dos discentes em um curso de graduação a distância, à luz da escala de motivação acadêmica”** (2015), de autoria de Lucas Renan Monteiro de Oliveira, Ellen Campos Sousa e Marcos Antônio Chaves Ricarte. Este artigo tem como objetivo identificar, partindo da Escala de Motivação Acadêmica (EMA), descritas por Deci e Ryan (1985), quais os tipos de fatores motivacionais (intrínsecos ou extrínsecos) que predominam nos estudantes.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa exploratória, descritiva e quantitativa, na qual 268 alunos, graduandos do curso de Administração Pública, modalidade EAD da Universidade Estadual do Ceará, foram pesquisados. A conclusão foi que os fatores extrínsecos tiveram maior importância e representatividade nos resultados, apesar de pouca diferença para os fatores intrínsecos.

A contribuição deste artigo se deu para maior compreensão da *Escala de Motivação Acadêmica* citada pelo autor Vallerand et al (1992), e como a *Teoria da Autodeterminação* pode ser usada na prática Educacional e suas contribuições científicas na motivação do aluno.

3.2 Das Dissertações

Já dentre as dissertações, do total de 11 foram selecionadas 4; 3 delas equivalentes às palavras-chave *Motivação; Aprendizagem e Educação* e 1 referente às palavras-chave *Coaching e Educação*. No quadro 4, são apresentados os trabalhos escolhidos, na modalidade dissertação.

Quadro 4 – Dissertações selecionadas para análise

Ano	Título	Autor
2002	Motivação para aprendizagem dos alunos do ensino médio de uma escola: estudo de caso.	Vilma Biadola
2006	Motivação no contexto escolar e desempenho acadêmico	Carla Helena Mazini Genari
2012	A motivação do aluno no ensino superior: um estudo exploratório	Débora Menegazzo de Souza Almeida
2012	<i>Coaching</i> e formação da consciência docente	Karen Ciaccio Secco
2015	Gestão Motivacional na Instituição de Ensino: uma ferramenta capaz de proporcionar o envolvimento de todos por um aprendizado melhor	Ary da Rosa Torres

Fonte: Elaborado pela autora

A dissertação intitulada “**Motivação para aprendizagem dos alunos do ensino médio de uma escola: estudo de caso**” (2002), de autoria de Vilma Biadola, apresenta um estudo que teve por objetivo identificar quais fatores motivam os alunos para a aprendizagem escolar no ensino médio de uma escola. A autora dessa dissertação é do Mestrado em Engenharia de Produção, Programa de pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

A metodologia utilizada no estudo foi primeiramente uma revisão de literatura sobre o tema *Motivação na aprendizagem e qualidade de ensino*, trazendo a abordagem de novas teorias como: a *Teoria das necessidades de Maslow* e a *Teoria da Motivação Intrínseca e Extrínseca na Aprendizagem*. Logo após, foi realizado um estudo de caso, descritivo e exploratório, no qual foi utilizado um questionário estruturado para atender aos propósitos do estudo. Os dados foram analisados

através da Escala de Likert² (Teste de Confiabilidade). O público pesquisado foi composto por 109 alunos do ensino médio de uma escola de Loanda/ PR, de três séries no ano de 2002. O estudo teve como resultado a constatação de que os alunos pesquisados naquela escola encontravam-se, em geral, motivados, sendo que os alunos que se disseram menos motivados são oriundos de famílias com maior poder aquisitivo e, os que possuíam maior motivação, estavam no último ano do ensino médio.

A dissertação intitulada “**Motivação no contexto escolar e desempenho acadêmico**” (2006), de autoria de Carla Helena Mazini Genari, teve como principal objetivo verificar a relação entre motivação e desempenho acadêmico entre os alunos do ensino fundamental de uma escola pública do interior de São Paulo. A autora é do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Campinas/ SP.

A metodologia adotada foi um estudo de caso, aplicada num grupo de 150 alunos que cursavam a 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, em uma escola pública do interior de São Paulo. Os alunos foram avaliados através da *Escala de Motivação Escolar*, contemplada em 31 questões, as quais abordavam tanto fatores intrínsecos quanto extrínsecos. O resultado desta pesquisa confirma que existe certa relação entre fatores motivacionais e o desempenho acadêmico.

A contribuição desta dissertação para realização deste trabalho foi, principalmente, os teóricos utilizados para construção bibliográfica sobre o tema *Motivação*, os quais serviram de balizador para este novo estudo.

A dissertação intitulada “**A motivação do aluno no ensino superior: um estudo exploratório**” (2012), de autoria de Débora Menegazzo de Souza Almeida, teve por objetivo investigar a motivação do aluno no ensino superior e os fatores a eles relacionados. A autora é do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Londrina/ PR.

A metodologia utilizada para a realização desta dissertação foi uma pesquisa descritiva, de caráter exploratório e correlacional. Foi realizado um estudo de campo com 1.269 alunos do ensino superior de instituições públicas e privadas de várias regiões do país, tais como: Apucarana, Arapongas, Campo Mourão, Jandaia do Sul, Londrina, Mandaguari, Maringá, Caxias do Sul, São Paulo e Porto Velho. Foi

² A Escala de Likert é uma das escalas mais utilizadas no âmbito da Pesquisa de Opinião; ela permite medir as atitudes e o grau de conformidade dos entrevistados a partir dos objetivos individuais de cada pesquisa.

utilizado como instrumento de pesquisa um questionário de autorrelato, com questões fechadas, para obter informações acerca: a) das variáveis de caracterização pessoal; b) das concepções dos alunos a respeito do curso de graduação; c) do tipo de motivação; d) do interesse do estudante em permanecer no curso, atuar na área e a respeito da sua avaliação de desempenho; e) da avaliação de esforço do aluno. O resultado deste estudo veio a confirmar a hipótese de que os fatores motivacionais influenciam no processo de aprendizagem. O estudo visou contribuir para compreensão dos padrões motivacionais dos estudantes pesquisados e as implicações educacionais para a realidade do ensino superior.

A contribuição desta dissertação citada para realização deste trabalho foi o estudo aprofundado sobre a *Teoria da Autodeterminação* e as categorias metodológicas utilizadas no estudo.

A dissertação intitulada “**Coaching e formação da consciência docente**” (2012), de autoria de Karen Ciaccio Secco, teve por objetivo analisar as diversas formas subjetivas com as quais o professor se constitui e o que corrobora para construir sua identidade, mostrando e ressaltando os benefícios do *Coaching* para esta construção. A autora era aluna do Mestrado em Educação da Universidade Católica de São Paulo - PUC/ SP.

Nesta dissertação, a autora apresenta alguns referenciais teóricos do âmbito da Educação que apoiaram a pesquisa sobre o assunto em questão e, principalmente, teóricos no campo do *Coaching* como: Atkinson, O'Connor & Lages, Whitmore, Galley e Péres.

A metodologia utilizada para realização desta dissertação foi a *Análise de Conteúdo e Pesquisa-ação*. Foram realizadas cinco sessões de *Coaching* com duração de 80 a 90 minutos com professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, tendo como intenção verificar o impacto do *Coaching* na dimensão pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A pesquisa foi realizada em uma escola da iniciativa privada da cidade de Santo André, com o total de 16 professores, sendo 13 da Educação Infantil e 3 do Ensino Fundamental I. Foram utilizadas algumas ferramentas do *Coaching* para realização do processo, tais como: Roda da Vida; Missão de Vida; Visão de Futuro; Mudança de Hábito e Comportamento; Meta esperta; Crenças e Administração do Tempo. Secco (2012, p. 147) diz: “por meio desta pesquisa esclareço o que é o *Coaching* e quão positiva pode ser sua utilização inovadora e transformadora na Educação Brasileira”.

A contribuição desta dissertação foi de fundamental importância, pela devida escassez de trabalhos voltados ao âmbito da Educação que estudem o tema *Coaching* e sua contribuição nos meios escolares, trazendo teóricos que apoiam tanto o tema *Motivação* quanto o tema *Coaching na Educação*. Serviu para nortear a metodologia utilizada, a *Análise de Conteúdo*, que foi balizadora da realização deste trabalho.

A dissertação intitulada “**Gestão Motivacional na Instituição de Ensino: uma ferramenta capaz de proporcionar o envolvimento de todos por um aprendizado melhor**” (2015), de autoria de Ary da Rosa Torres, teve por objetivo avaliar a importância da Gestão Motivacional em uma entidade estudantil de ensino superior e sua relação com a motivação do aluno para aprender. O autor era aluno do Mestrado em Educação e Tecnologias (MPET), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Câmpus Pelotas.

O autor usou, como referência para pesquisa, um polo presencial do ensino a distância no Sistema de Ensino Presencial Conectado Online (SEPCO), na cidade de Pelotas, onde investigou as diversas variáveis capazes de influenciar no sucesso da gestão no quesito motivação do aluno.

Esta dissertação serviu como base para escrita deste trabalho, pois o autor apresenta relevantes informações que deram subsídio para construção do referencial teórico no âmbito da *Motivação na Educação*, principalmente o aprofundamento sobre a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias*.

3.3 Das teses

A apreciação das teses contemplou o universo de quatro trabalhos e foram selecionados para esta análise apenas dois que abordam o tema discutido com mais similaridade a essa pesquisa. No quadro 5, são apresentados os trabalhos escolhidos, na modalidade teses.

Quadro 5 - Teses selecionadas para análise

Ano	Título	Autor
2001	Categorias da motivação na aprendizagem	Christiane Kleinubing Godoi
2010	A percepção de competência, autonomia e pertencimento como indicadores da qualidade	Eliana Eik Borges Ferreira

	motivacional do aluno	
--	-----------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora

A tese intitulada “**Categorias da motivação na aprendizagem**” (2001), de autoria de Christiane Kleinubing Godoi, contempla uma análise das teorias motivacionais, principalmente no que tange aos fatores intrínsecos e extrínsecos que influenciam na aprendizagem.

Inicialmente, o problema de pesquisa desta tese permeou a pergunta: quais as categorias e fatores motivacionais que atuam em uma situação de aprendizagem? A pesquisa baseou-se em duas categorias: aspectos afetivos e aspectos cognitivos.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a da *Análise do Discurso*, sendo escolhido como grupo de estudo os alunos do Curso de Administração da UNIVALE (Universidade do Vale do Itajaí) e C.E.S IV (Centro de Educação Superior IV). Foram realizadas pesquisas em profundidade com 19 alunos. Como resultado desta pesquisa, após as análises dos discursos, foi reorganizado e feito um novo arranjo no interior das categorias.

A leitura desta tese foi de extrema importância para construção da presente dissertação, pois os resultados obtidos em seu estudo e as categorias utilizadas serviram como norteadores para a construção das análises teóricas.

A tese intitulada “**A percepção de competência, autonomia e pertencimento como indicadores da qualidade motivacional do aluno**” (2010), de autoria de Eliana Eik Borges Ferreira, tem por objetivo analisar se existe relação entre os fatores *competência, autonomia e pertencimento*, apoiado pela *Teoria da Autodeterminação* de Ryan e Deci, entre os alunos do ensino fundamental. Para Ferreira (2010, p. 12),

é necessário que a escola possa assumir sua responsabilidade de contribuir para despertar nos estudantes entusiasmo pela aprendizagem, pelo desenvolvimento de seus talentos, ajudando crianças e jovens a identificarem seu ideal e descobrir alternativas para alcançá-los.

Para fundamentação desta tese foi feita uma revisão das pesquisas relacionadas ao tema *Motivação*, principalmente um estudo aprofundado sobre a *Teoria da Autodeterminação*, suas *Mini Teorias* e as orientações motivacionais extrínsecas e intrínsecas que influenciam no processo de aprendizagem.

A metodologia deste estudo consiste na realização de uma pesquisa, a qual durou de março de 2008 até agosto de 2009, com objetivo central de verificar se recursos importantes do autossistema ou a satisfação das necessidades psicológicas básicas poderiam ser considerados recursos motivacionais para o estudante no período escolar. Participaram desta pesquisa o total de 623 alunos do ensino fundamental (5ª e 6ª séries), de escolas do ensino público de uma cidade da região metropolitana de Londrina/ PR.

Os resultados deste estudo foram além da *Teoria da Autodeterminação*, trazendo melhores compreensões dos principais elementos constitutivos dos processos motivacionais e da sua dinâmica.

A contribuição desta tese foi trazer novos e variados estudos científicos sobre o tema *Motivação* e, principalmente, abordar mais profundamente o tema *Teoria da Autodeterminação*, o qual serviu como parâmetro para esta dissertação.

3.4 Considerações finais do capítulo

Nas seções acima foram apresentados estudos científicos publicados sobre os temas: *A influência dos fatores motivacionais no processo de aprendizagem e a contribuição do Coaching na educação*.

O propósito deste capítulo é instrumentalizar o leitor e o pesquisador acerca do cenário científico em que se encontra inserido o objeto deste estudo, servindo para subsidiar a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos adotados por outros pesquisadores.

Como consequência da construção do Estado do Conhecimento, foi nítido perceber que a maioria dos autores que buscam pesquisar sobre motivação acaba buscando os mesmos referenciais teóricos: Ryan e Deci, Boruchovitch, Bzuneck, Freud, entre alguns outros.

É perceptível notar que, para o embasamento teórico e até mesmo para o aprofundamento de pesquisas sobre o assunto *Motivação*, a abordagem da *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias* foi muito utilizada pela maioria dos estudos analisados, o que também contribuiu para essa pesquisa.

Foi conclusivo também que as pesquisas e estudos científicos sobre o *Coaching* e suas contribuições para a Educação ainda estão a passos lentos. Existem apenas alguns textos e autores discutindo de forma empírica os benefícios

do processo e a maioria destes estudos estão voltados à docência e não à discência.

Todas as informações e leituras extraídas do Estado do Arte deram subsídios para a construção dos próximos capítulos dessa dissertação e, principalmente, embasaram os conceitos para produção do referencial teórico, pois, através do mesmo, foram extraídos os principais autores e pesquisadores que falam sobre *Motivação*, os quais contribuíram para elaboração da linha do tempo e dos conceitos sobre o tema.

Ao analisar todas as teorias sobre o tema em questão, foram aprofundadas, no decorrer deste trabalho, a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias*, visto serem as mais abordadas em diversos estudos e as quais contribuíram com o objetivo central do trabalho.

Nesta dissertação utilizou-se como metodologia a *Análise de Conteúdo*, a qual foi extraída do estudo da autora Karen Secco, sobre o assunto vinculado ao *Coaching*. Esta metodologia foi a que melhor contribuiu para o objetivo desta dissertação pelo fato de ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações e informações encontradas ao longo do estudo realizado, conforme se poderá inferir adiante.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, são apresentados ao leitor definições e conceitos voltados aos temas pertinentes para elaboração desta dissertação, vistos na ótica de teóricos e pesquisadores, os quais contribuíram para enriquecer o desenvolvimento deste trabalho.

Este capítulo será dividido em dois momentos: “**Motivação: sua importância no espaço escolar**” e “**Coaching: conceitos e contribuições para a educação**”.

No primeiro momento, são apresentados definições e conceitos sobre o tema *Motivação*, bem como sua evolução, nas mais diversas óticas de concepções, trazendo teóricos e teorias importantes para execução e aprofundamento deste tema.

Já no segundo momento, são apresentados conceitos que visam ampliar o entendimento do leitor sobre o que é e como se dá o processo de *Coaching*, seus benefícios, quais são, hoje, as suas interferências na educação e como este pode vir a contribuir com a mesma.

Este capítulo discute, então, os subsídios teóricos que fortaleceram os demais capítulos desta dissertação, a qual tem o intuito de mostrar a relação e contribuição que o *Coaching* tem junto à motivação e os benefícios desse entrecruzamento para melhorar a aprendizagem.

4.1 Motivação: Sua importância no espaço escolar

Nesta seção, são abordados conceitos e definições sobre o tema *Motivação no Espaço Escolar*. Primeiramente, pode-se dizer que *Motivação* é o que nos leva à ação, ou seja, é um motivo para agir. Segundo conceito extraído do dicionário Ferreira (2009), “Motivação é o conjunto de fatores, os quais agem entre si, e determinam a conduta de um indivíduo”. A palavra é oriunda do Latim “*Movere*”, que significa o ato de mover.

Para Bzuneck (2000, p. 09), “[...] a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou faz mudar de curso”.

Este assunto vem despertando o interesse de pesquisadores no âmbito da Educação, ciência que, ao longo de sua história, tem buscado formas e didáticas

que contemplem os alunos de uma forma mais ampla, para além dos conteúdos estudados. Em determinado momento, começou-se a perceber que os motivos para a aprendizagem eram singularizados, visto a necessidade, anseio e o querer do indivíduo:

A motivação é um aspecto intrínseco às pessoas, pois ninguém pode motivar ninguém. A mesma passa a ser entendida como fenómeno comportamental único e natural e vem da importância que cada um dá ao seu trabalho, do significado que é atribuído a cada atividade desse trabalho e que cada pessoa busca o seu próprio referencial de auto-estima e auto-identidade (BERGAMINI, 1997, p. 54).

Giordano Sacristán (2005, p. 56) comenta que “o aluno é uma construção histórica inventada pelos adultos ao longo da experiência histórica”. Por isso é importante salientar que, em cada sociedade, em cada cultura, é necessário atuar na educação e despertar o interesse deste aluno de formas diferentes.

Para despertar desejo e o interesse destes alunos, primeiramente precisa-se estabelecer conexão com a realidade vivida pelos mesmos. Mas o que comumente acontece é o que Warnier (2000, p. 57) relata: “formatam os sujeitos em seus hábitos mentais e motores, em seus laços de pertencimento ao parentesco, ao meio ambiente, às instituições sociais, às normas, regras e leis e a um conjunto de práticas culturais singulares”.

Com o passar do tempo, houve a institucionalização da escola, onde o indivíduo passou a ser única e exclusivamente sujeito determinado aos conhecimentos escolarizados, que previa os ensinamentos de uma nova ordem social e política; os alunos foram submetidos a um forte poder de disciplina, normatizando seus comportamentos, atitudes, regras e habilidades, enquanto que o conhecimento relacionado à vida e às experiências socioculturais era praticamente desprezado nas salas de aula. Cambi (1999, p. 54) comenta a formação do indivíduo com ênfase na razão quando fala:

uso rigoroso da mente que se desenvolve na direção lógica (que demonstra) e crítica (que discute abertamente cada solução) e que organiza cada âmbito da experiência humana, submetendo-a a uma reconstrução à luz da teoria, ou de um saber orgânico estruturado segundo princípios e posto como valor em si mesmo.

Devido às inúmeras mudanças e exigências do mundo contemporâneo, nota-se a presença de autores que, a partir da metade do século XX, trazem à tona a discussão da ressignificação do indivíduo como um “sujeito sociológico”. Cambi

(1999), D'ambrosio (2000) e Charlot (2005), dentre outros, defendem a cultura do aluno como algo que fortalece a formação de sua identidade e que deve ser considerada no âmbito da aprendizagem. Com essa nova pedagogia, o objetivo maior é formar o aluno como um sujeito crítico, livre e autônomo e construtor do próprio conhecimento, ensinando não apenas conhecimentos teóricos nas disciplinas, mas também valores sociais.

A partir do século XXI, a educação voltou-se à formação do dito “sujeito epistêmico”.

ao dar uma aula, o professor não desenvolve apenas o conteúdo da sua disciplina. Acaba por influir muito na forma de como o aluno poderá entender a sociedade em que vive, com isso queremos dizer que um professor sempre revela aos seus alunos as suas opiniões sobre o que acontece na sociedade ou na escola, sempre acaba colocando seus valores e concepção de vida. Por isso ao dar suas aulas, todo o professor faz mais do que desenvolver um conteúdo: influi nas concepções de vida do aluno (MEKSENAS, 1991, p. 107).

Com as rápidas transformações históricas do século XXI, a escola deparou-se com um novo tipo de aluno, tornando o cenário escolar um pouco mais complexo, pois o espaço acaba tornando-se um cruzamento de culturas e ideias, trazendo à tona as disciplinas artísticas, científicas, sociais e filosóficas. Além da base curricular, a escola começa a valorizar e integrar a “Cultura Experiencial”³ dos alunos. Este novo olhar abre espaço para a recuperação de uma diversidade de experiências que enriqueceram o ambiente escolar, diminuindo a distância entre o aluno e a escola, o que pode ser confirmado pela afirmação de Perrot (1992, p. 45): “Nos últimos anos, várias pesquisas têm se dedicado a dar voz aos sujeitos da educação, retirando-os da condição de Excluídos da História”.

Para Matos (2002, p. 95) é preciso,

restaurar as tramas e experiências encobertas, desvelar as ambiguidades e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência, fugindo dos dualismos e polaridades e questionando as dicotomias.

³ Segundo Gómez (2001), a Cultura Experiencial do indivíduo é o reflexo incipiente de uma cultura local construída a partir de aproximações empíricas e aceitações sem elaborar criticamente a mesma.

Trazendo a diversidade de culturas e vivências peculiares de cada indivíduo para sala de aula, e os mesmos entendendo esta aproximação, possibilita-se a construção da identidade. Para Sobrinho (2010, p. 06),

a construção da identidade não é concebida como resultante de forças extra-históricas, mas de um processo cumulativo de experiências, saberes e práticas interligadas por meio da relação espaço-temporal e pela dimensão relacional que os sujeitos estabelecem entre si em seu dia-a-dia.

Para Certeau (1998, p. 167),

a escola, portanto, reveste-se de uma complexidade bem maior, pois em seu interior também está presente um conjunto de “operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os detalhes do cotidiano” e que são constituídas por processos de disputa, de negociação, conflito, concessão, ou seja, de diferentes “táticas”, “estratégias” e “astúcias”.

Principalmente nos últimos anos, pesquisadores, como Bernard Charlot, em sua obra *Relação com o saber, formação dos professores e globalização* (2005) e Zygmunt Bauman em *Sobre Educação e Juventude* (2013), desenvolveram análises históricas para entrelaçar a relação entre o ser e o tempo na contemporaneidade, e estabelecer conexões com o conjunto de novas forças sócio-histórico-culturais como, por exemplo, a globalização, a predominância da esfera do mercado de trabalho em relação ao Estado e à sociedade, a mundialização da cultura, a intensificação do processo comunicacional.

Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. “Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam “imersão os jovens num mundo de consumo em massa, de maneira mais ampla e direta que qualquer coisa que possamos ter visto no passado” (BAUMAN, 2013, p. 52).

Assim vão sendo consolidados o gosto, os sentidos, os desejos, os relacionamentos, os “EU’s” individuais e coletivos, ou seja, vão sendo moldadas as subjetividades e fabricadas as identidades destes tempos.

Lepovetski (2005, p. 78) considera que “a sociedade tornou-se “pós-moralista” na medida em que repudia a retórica do dever austero, integral, maniqueísta, e que, paralelamente, exalta os direitos individuais à autonomia, ao desejo e à felicidade”.

Para Groppo (2000, p. 167), “nos últimos anos, usa-se o termo “juventudes” para que se possa dar conta da diversidade e pluralidade de experiências presentes na vivência juvenil”.

O novo sistema social e educacional está valorizando o exercício da cidadania, pois teve que alterar-se e render-se perante a revolução eletrônica, na medida em que a socialização não se realiza mais exclusivamente por meio da família e comunidade local, e sim, pelo grande e fácil acesso a inúmeras culturas, principalmente mundiais.

Segundo Hobsbawn e Ranger (1997, p. 112),

A cultura escolar instituída ao longo da modernidade, ao se tornar uma “tradição inventada” concebeu a formação do sujeito da educação de uma forma idealizada, distanciado de suas experiências cotidianas. No entanto, essa concepção de aluno, diante da velocidade das transformações históricas, não se concretiza mais de acordo com as ideias pré-concebidas pelas teorias pedagógicas. O aluno que está em sala de aula já não corresponde a nenhuma das representações propostas pela cultura escolar de natureza iluminista, porque, hoje, na posição de sujeito do conhecimento, ele é, sobretudo, um sujeito histórico, que traz para a sala de aula um repertório de experiências constitutivas da cotidianidade da sociedade contemporânea.

Nas escolas, os alunos, além de assumirem papéis de sujeitos do conhecimento, revelam-se também sujeitos que desejam algo, por isso precisam despertar um sentimento espontâneo e íntimo como elementos que irão construir suas identidades.

Após analisarmos a relação da cultura, do sentido, da intimidade do aluno junto à escola, é de suma importância refletir sobre o questionamento feito por Curi (2017, p. 09):

Respeitando a cultura que o indivíduo está inserido, as metas fundamentais da educação de qualquer povo deveriam ser: promover a capacidade de gestão da emoção dos jovens para que sejam minimamente autores de sua própria história, pacientes, proativos, ousados, estáveis, autônomos, altruístas, seguros, carismáticos, empáticos, capazes de aplaudir a vida e não reclamar de tudo e de todos. Mas onde se encontram jovens com esse tipo de personalidade capaz de liderar e resolver os desafios da vida?

Ou seja, mesmo que a Educação, ao longo dos anos, por motivos de mudança de comportamento dos novos alunos, tenha tentado se aproximar dos mesmos trazendo suas experiências e situações reais vividas para dentro da escola e as considerando parte das pedagogias em sala de aula, nota-se que ainda falta

um reforço para instigá-los a entender melhor os seus “EU’s”, bem como ajudá-los a compreender/descobrir o que têm que fazer para lidar com os desafios do cotidiano e para consolidar seus objetivos perante aquela realidade à qual estão atrelados extramuros da escola. Além disso, o declínio do poder simbólico das instituições tradicionais, tais como Igreja, Estado, Escola e Família, foram substituídos pelos direitos subjetivos da vida livre e da realização individual.

Vê-se o quanto é importante para o sujeito (aluno) analisar-se de forma sistemática, pois são diversos fatores que irão lhe permear para que construam seus conhecimentos e elevem sua motivação em aprender e conviver no espaço escolar.

Dentre estes diversos fatores, este texto abordará o tema da *Motivação*, o qual será comentado de forma mais ampla a seguir, a fim de favorecer, para o leitor, o entendimento de como foi sua evolução ao longo do tempo, com relação aos teóricos e às teorias citadas neste trabalho.

4.1.1 *Motivação: Conceito e Historicidade*

Dentre as várias definições encontradas sobre o tema *Motivação*, nota-se que se trata de uma construção mental, que contempla a combinação de inúmeros fatores intrínsecos e extrínsecos, os quais potencializam nossa vontade e nosso querer em agir.

Para Hersey e Blanchard (1986), o comportamento humano fundamenta-se para a conquista de objetivos, então pode-se dizer que o comportamento humano quase sempre está motivado pelo desejo em atingir os desejos, embora nem sempre tenha-se consciência de quais são estes.

Percebe-se que existem teorias e conceitos, os quais serão vistos ao longo do texto, que tentavam perceber como o indivíduo buscava a felicidade e sua vontade e desejo em agir, principalmente a partir do século XIX.

Os estudos mais consistentes para entender o ser humano se deram através de Sigmund Freud, considerado pai da psicanálise, em seu artigo “Além do Princípio do Prazer” (1920). O “Princípio do Prazer” é o que leva o indivíduo à motivação, buscando seus desejos e objetivos que lhes garantam realização e satisfação, evitando dores e constrangimentos. Freud ressalta que buscamos *Apetites*, de modo

que pode-se verificar uma conexão dos pensamentos dele com os oriundos de Aristóteles⁴.

Edward Thorndike (1911), psicólogo americano, relata em sua pesquisa que a motivação pela aprendizagem acontece através de conexões ou ligações às quais terão como consequência o estímulo-resposta, que darão impulsos para ação. Conceituando a *Lei do Efeito de Thorndike*, o psicólogo diz que se estas conexões tiverem respostas positivas, as ações tendem a se repetir; se as respostas forem negativas, as ações tendem a enfraquecer. O fortalecimento das conexões é chamado de *Lei do Uso* e, o enfraquecimento, de *Lei do Desuso* e esta conclusão deu origem à *Lei do Exercício de Thorndike*. Estas Leis tornaram-se de grande representatividade no que se refere à aprendizagem e ao efeito das recompensas e punições na motivação do aluno.

Max Weber (1940) traz o conceito de “Ação Social”, que significa ação com sentido. Entende-se que as ações humanas partem de um sentido, ou seja, há motivos/motivações que levam à ação. Para Weber, existem três tipos de motivos para ação: dado pela tradição, pelos interesses racionais e pela emotividade. Afirma que à medida que as ações se afastam dos costumes e afetos do ser humano, elas tendem a ser mais racionais. O autor cita quatro tipos puros de ação social:

- Ação racional com relação a fins: quando a ação é em relação a atingir um objetivo definido;

- Ação racional com relação a valores: quando a ação é em relação a atingir um objetivo ou resultado, mas o principal fator é o não descumprimento de sua conduta;

- Ações tradicionais: as ações que são baseadas em hábitos e costumes.

- Ações afetivas: as ações que são conduzidas pela emoção.

Weber também comenta que, para uma norma virar uma ação, primeiro ela tem que se manifestar nos indivíduos como motivação para realização.

Ainda com relação à motivação, Burrhus Frederic Skinner, autor e psicólogo norte-americano, enfatiza em sua obra “The Operational Analysis of Psychological”

⁴ Na visão de Aristóteles, *Motivação* é uma energia que resulta de algo que ainda está por vir, em busca de um resultado ou de um fim; sua teoria traz os conceitos de *Comportamentos Apetitivos Impulsivos e Racionais*: o primeiro é voltado a objetivos primários (nutrição, defesa, ataque) e, o segundo, voltado a objetivos que levam o indivíduo a ter prazer. Pode-se dizer que os conceitos motivacionais trazidos por Aristóteles começaram a ser levados em consideração na *Teoria da Tripartição da Alma*, na obra *A República*, de Platão; tal divisão se dava em razão, espírito e apetite, considerando os três como únicos, em se tratando de sujeito para sujeito.

(1945) o tema *Behaviorismo Radical*, o qual teve como objetivo entender questões humanas como cultura, liberdade e comportamento. O autor estabelece o *Behaviorismo Radical* como uma filosofia da ciência, ou seja, não há existência de métodos e sim a observação sobre a relevância das consequências de acontecimentos; deste modo, aborda em seus conceitos principalmente o quesito do controle comportamental que causa estímulos aversivos, isto é, que exista desprazer, que cause um incômodo (constrangimento, dor emocional, entre outros), reprovando o método que envolve a punição, e defende que o estímulo positivo se dá através das experiências favoráveis que o indivíduo teve.

A partir da *Teoria da Motivação* de Abraham Maslow (1954), surge a *Teoria das Necessidades*, demonstrada pela *Pirâmide das Necessidades de Maslow*. A pirâmide baseia-se em cinco níveis (fisiológicas, segurança, afiliação, autoestima e autorrealização) que apresentam elementos indispensáveis à automotivação, como mostra a figura 1:

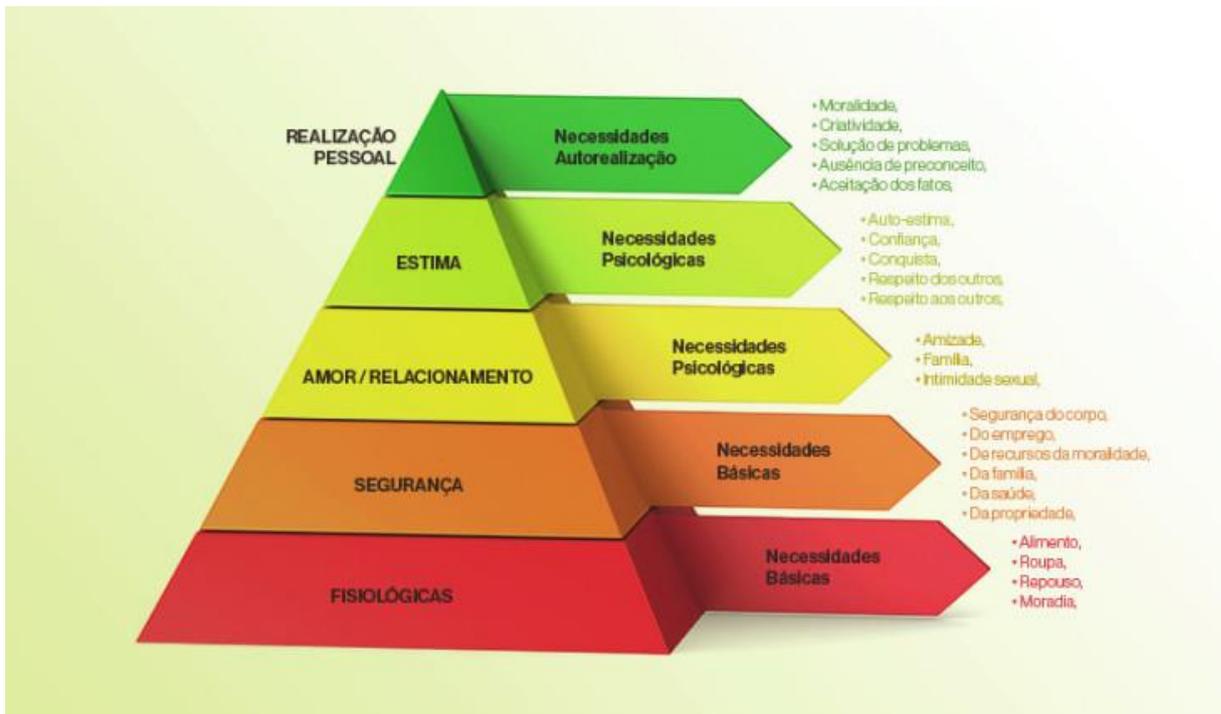


Figura 1 – Pirâmide das Necessidades de Maslow
Fonte: Portal Administração.

Com este estudo, percebe-se que, à medida que o indivíduo vai suprindo suas necessidades classificadas de ordem inferior (fisiológicas e segurança), o mesmo vai galgando conquistas e realizações nos próximos níveis classificados de ordem superior (afiliação, autoestima e autorrealização). A verdade é que

não se trata de novos truques, macetes ou técnicas superficiais que podem ser usados para manipular mais eficientemente seres humanos. Trata-se, sim, de um conjunto básico de valores ortodoxos sendo claramente confrontados por um outro sistema de valores mais moderno, mais eficiente e verdadeiro. Fala-se aqui das consequências verdadeiramente revolucionárias da descoberta de que a natureza humana tem sido desvalorizada (MASLOW, 2000, p. 34),

Frederick Herzberg (1959), psicólogo americano e um dos professores e autores mais influentes na *Gestão Empresarial e Estudos Motivacionais*, é o criador da *Teoria dos Dois Fatores*. Seu principal objetivo no estudo foi identificar quais fatores causavam satisfação e insatisfação nos empregados, no ambiente de trabalho. Estes fatores foram divididos entre *Motivacionais* e *Higiênicos*. O primeiro trata de fatores também chamados de intrínsecos, os quais estão relacionados com a efetividade do indivíduo na execução e resultado de seu trabalho, causando motivação quando existisse êxito e desmotivação quando não conquistado. Já o segundo trata de fatores ditos extrínsecos, como condições físicas, salários, entre outros que são importantes apenas para evitar que o indivíduo fique desmotivado, mas sua presença não se torna fator de motivação.

Já o autor Douglas McGregor (1960), psicólogo social e um dos principais cientistas sobre comportamento humano, criou a teoria denominada *Teoria X e Y*, com a qual pesquisou sobre o comportamento do colaborador perante o trabalho. Classifica que, na *Teoria X*, o sujeito teria aversão ao trabalho, preferindo evitar responsabilidades, e teria pouca ambição em seu crescimento profissional. Este indivíduo deveria ser estimulado de forma diferente dos demais, classificados como Y, sendo então controlado, ameaçado e ordenado. Já os indivíduos classificados como Y demonstram propensão ao trabalho e os mesmos precisam ser motivados e buscam realização profissional para darem resultado.

Outro autor, Victor Vroom (1964), psicólogo canadense, em sua obra destaca fatores que determinam a motivação do indivíduo: objetivos individuais, a relação que o indivíduo percebe entre produtividade e sua capacidade de influenciar o seu próprio nível de produtividade. Vroom era psicólogo e desenvolveu a *Teoria da*

Expectativa, a qual afirma que a motivação parte de uma complexa inter-relação que envolve diversas variáveis, como expectativas, recompensas e percepção do indivíduo em relação a si.

A *Teoria das Necessidades Adquiridas*, proposta por David McClelland (1997), psicólogo e teórico americano, contextualiza que o indivíduo desperta suas necessidades a partir de experiências vividas, relação com outros indivíduos e pelo ambiente no qual está inserido. Afirma que as pessoas são motivadas através de três necessidades básicas (Realização, Associação e Poder). Pode-se perceber que estas necessidades citadas por McClelland compõem as necessidades de ordem superior da Pirâmide de Maslow e os fatores motivacionais sugeridos por Herzberg. Isso mostra a continuidade e a preocupação constante por fatores que possam vir a motivar e potencializar o indivíduo.

Desde os anos 70, os professores e autores Deci e Ryan (1985) pesquisam sobre o tema *Motivação* e, para eles, existem dois fatores importantes: a *motivação intrínseca* e a *extrínseca*. A partir de suas vastas pesquisas que adentraram os anos 80, criaram a *Teoria da Autodeterminação*, a qual engloba outros fatores importantes que também influenciam na motivação. Através de seus estudos, muitos outros estudiosos e pesquisadores sobre o tema se apoiaram em seus conceitos e teorias para seguir a busca constante sobre motivação no contexto escolar.

Mais recentemente, para o psicólogo e professor húngaro Csikszentmihalyi (1990), a motivação vem pela provocação; o que realmente a torna uma experiência inspiradora é o que se pode chamar de *Flow*, ou seja, o que garante para o indivíduo felicidade e realização naquilo que faz. Para ele, promovendo o *Flow*, promove-se também a criatividade e o total envolvimento do indivíduo na realização de suas atividades. Em seus estudos afirma que, para atrair o interesse de nossos alunos e professores pelo querer aprender e ensinar, primeiramente se faz necessário que sejam desenvolvidas formas de gerar prazer para estas atividades.

Segundo Aloysio Bzuneck (2000), filósofo, professor e doutor em Psicologia Escolar, é visível a falta de interesse e motivação atualmente em nossos alunos. Ele relata em suas pesquisas que são diversos fatores que fazem com que o aluno tenha este reflexo e é por esta diversidade de fatores também que se torna complexo, em uma sala de aula, o professor, entre dezenas de alunos, tratar individualmente cada um dos anseios, desejos e angústias que, individualmente, eles apresentam. Pode-se intuir que este cenário de complexidade conduz à busca

da motivação, como vem sendo pesquisada até hoje. Em seus estudos mostra, também, a importância da motivação não ser apenas centralizada e fomentada pelo professor, mais sim por todos os que acabam se envolvendo no contexto escolar.

Já para os autores Lieury e Fenouillet (2000), na obra “Motivação e sucesso Acadêmico”, motivação é uma força proteica intraindividual e hipotética, que move o ser a um objetivo, tendo influências internas e externas que o fazem determinar sentido para ação.

Segundo o Professor e Mestre em Educação Ary Torres (2015), estamos entrando em uma nova etapa da busca da motivação, uma etapa onde o sujeito deve ir ao encontro de seus objetivos, entrar em ação e, mais do que isso, ser criativo, inovador e motivado, habilidades que se tornam fundamentais nos dias de hoje.

Para diversos autores que escrevem sobre motivação, nesse momento estamos entrando na fase da motivação 3.0, que seria aquela em que o homem é possuidor de um terceiro impulso além da luta pela sobrevivência e das recompensas. O homem tem através de seu próprio esforço uma grande capacidade de aprender, de criar e melhorar o que já foi feito. Baseado nessa síntese a motivação 3.0 virá para despertar no homem, através do uso de novas tecnologias, a sua capacidade de criar coisas novas e/ou aperfeiçoar o que já temos no mercado como forma de melhorar a vida das pessoas e o mundo, contribuindo para melhorar nossos processos pedagógicos e a vida nas empresas, ou seja, espera-se a partir dessa virada de século o despertar de uma nova consciência do ser humano com o seu próximo e o meio onde está inserido (TORRES, 2015, p. 90).

Em meio a tantos conceitos e teorias, este tema se torna mais complexo ainda quando se trata do contexto escolar, pois, se a motivação é única e centralizada no sujeito, se torna um grande desafio motivar de uma forma global todos os alunos em uma mesma ocasião.

Então, por este desafio e pela certeza de que atualmente as pesquisas trazem que a motivação interfere diretamente na aprendizagem, busca-se entender como estão sendo conduzidos estes processos motivacionais nas escolas, tanto pelo aluno, quanto pelo professor e pelos demais envolvidos no contexto escolar.

4.1.2 Motivação no contexto escolar

O tema *Motivação* vem despertando o interesse de muitos estudiosos e pesquisadores, devido à sua complexidade. Este tema já vem sendo testado e

discutido principalmente dentro das empresas e cada vez mais gestores e diretores estão atentando para o assunto pois notaram que, onde existe preocupação com a motivação, o reflexo nos resultados se dá de forma positiva.

Na educação também vêm aumentando a preocupação e as pesquisas sobre motivação, mas o assunto ainda não é devida e amplamente difundido e discutido pelos diretores e gestores das escolas como assunto principal, sendo mais usual abordarem temas como metodologias, didáticas e formas de ensino que possam aumentar a aprendizagem do aluno.

Como foi mostrado na seção anterior, há uma busca constante para entender como o ser humano se motiva ou o que faz ele se tornar motivado. Mesmo que as buscas e pesquisas pelo tema estejam cada vez mais em ascensão, nota-se que o reflexo nas salas de aula parece ser inversamente proporcional: daí percebe-se a complexidade e singularidade da busca da motivação. Como ressalta Bzuneck (2001), está cada vez mais aparente o desinteresse dos alunos pela escola, principalmente à medida que os alunos vão evoluindo entre os anos escolares. Para os autores Arnaldo Nogaro, Idanir Ecco e Luciane F. R. Rigo,

a palavra motivação é, atualmente, uma das mais usadas pelos professores e por outros responsáveis pela educação, em particular na educação formal, para justificar insucesso dos alunos. Muitos educadores colocam a alegada falta de motivação dos alunos como primeiro obstáculo à compreensão e aprendizagem dos conteúdos escolares. Curiosamente, grande parte das dificuldades do professor tem, também, origem na sua motivação para adquirir sólido conhecimento profissional, susceptível de ajudá-los na difícil tarefa de diagnosticar os interesses e as necessidades dos alunos e de perceber as diferenças individuais e outros problemas condicionantes de aprendizagem (NOGARO; ECCO; RIGO, 2014, p. 07).

Como já observado, o ser humano precisa ver sentido em suas ações e ter desejo pelo que está fazendo ou aprendendo; nesse quesito é que está o grande desafio, pois o sentido, o desejo e o objetivo se dão de forma individual e única. Nota-se então a complexidade desse tema, o qual se torna um desafio para o professor que também precisa estar motivado e se sentindo realizado para poder motivar inúmeros alunos em uma mesma sala de aula, todos com anseios e desejos distintos.

A maioria das pessoas não aprende coisas a não ser que haja um motivo para isso, em especial no contexto do trabalho, pessoas diferenciadas procuram diferentes benefícios incluindo: um desejo de aumentar sua

competência no trabalho atual; Um desejo de desenvolver sua competência em novas áreas de aptidão ou conhecimento; Um desejo de melhorar suas perspectivas de carreira; Um desejo de melhorar a satisfação pessoal que essas pessoas obtêm de seu trabalho; Um desejo menos imediato pelas recompensas referentes a qualquer dos pontos acima - financeiros, psicológicas ou sociais (MUMFORD, 2004, p. 8).

Pode-se dizer que, para promover a aprendizagem, primeiramente é preciso fomentar o querer em nossos alunos e é justamente esse querer único e individual que o professor tem que estar preparado para identificar em cada um do grupo, considerando quais as atividades e formas de ensino irão despertar o desejo da maioria, se não de todos os alunos; para os que não se sentirem contemplados, deveriam ser pensados novos métodos com a finalidade de também os capturar pelo desejo. Afinal,

a motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo (BZUNECK, 2004, p. 09).

É muito comum hoje em dia nas escolas a desmotivação dos alunos em relação ao conteúdo e às rotinas de sala de aula, causando reflexos que colaboram para a alta evasão e a baixa frequência dos mesmos.

O aluno irá se destacar em relação à motivação e pelo anseio em aprender quando houver desejo do mesmo para tal fato. Segundo Hersey e Blanchard (1986, p. 46),

a motivação das pessoas depende da intensidade dos seus motivos, que podem ser definidos como sinônimo de forças psicológicas, desejos, impulsos, instintos, necessidades, vontade e intenção oriundas do indivíduo e dirigida para objetivos conscientes ou inconscientes.

Para promover a motivação nas escolas, primeiramente o aluno deve se relacionar com o espaço em que estuda através de um desejo pelo conhecimento, e não simplesmente pensar que vai cumprir mais um ano de colégio; as estratégias de aprendizagem deveriam estar relacionadas com o nível motivacional do aluno em querer, de fato, aprender. Pintrich e Schunk (1996, p. 64) entendem que motivação é “um processo pelo qual uma atividade dirigida para um objetivo é instigada e sustentada”.

Segundo Stipek (1996, p. 93), “a motivação para a execução do aluno é notada como situacional e contextual, ou seja, ela pode oscilar dependendo da situação ou contexto, de disciplina para disciplina, de professor para professor”. Por exemplo, o aluno pode estar altamente motivado para a disciplina de História pela facilidade de captação e intimidade com a matéria e estar desmotivado com a disciplina de Matemática por não ter êxito em suas notas.

Pode-se dizer que a motivação do aluno se dá, também, a partir das experiências e resultados que o mesmo teve ao longo do tempo, fazendo com que eles queiram e gostem de aprender pelas experiências positivas surgidas e conquistadas ao longo do percurso escolar. No entanto, o inverso pode vir a acontecer se as experiências forem negativas, pois desta forma o aluno irá ter mais resistência às novas tentativas, preferindo rejeitá-las. Para Brown (1965), o sujeito frustrado costuma desistir de tentativas construtivas para solucionar seus problemas e regredir para formas mais primitivas e infantis de comportamento.

Para Pintrich e Schunk (2002, p. 119), “a motivação impacta tanto quanto nos novos aprendizados quanto também na *performance* de habilidades, estratégias e comportamentos previamente aprendidos. Ela pode influenciar o que, quando e como se aprende”.

Os alunos que estão motivados a aprender engajam-se ativamente em atividades que acreditam que os ajudarão a aprender, como prestar atenção cuidadosamente nas instruções, organizar e rever mentalmente o material a ser aprendido, tomando notas para facilitar o estudo subsequente, checando seu nível de entendimento e pedindo ajuda quando não entendem o material. Estes alunos também se caracterizam por apresentarem envolvimento em tarefas desafiadoras, intenso esforço associado a uso de estratégias de solução de problemas ativas, persistência frente às dificuldades, foco no desenvolvimento das habilidades de entendimento e domínio, além de apresentarem entusiasmo, otimismo, prazer e orgulho na realização das tarefas acadêmicas. Estas atividades, em seu conjunto, aumentam o aprendizado e, conseqüentemente, resultam em um desempenho bem sucedido (ZAMBON, 2006, p. 16).

Para Bzuneck (2001), o professor deveria ter duas funções básicas na motivação do aluno: a remediadora, que busca recuperar e estimular os alunos desmotivados, e a preventiva e permanente, que visa manter e desenvolver a motivação do aluno para o saber e querer aprender.

Segundo os autores Boruchovitch e Bzneck (2001), os fatores cognitivistas, aspectos intrínsecos e extrínsecos, as recompensas e metas para realização das tarefas, as questões da inteligência, da crença na autoeficácia, a ansiedade e a

satisfação escolar são fatores que interferem na motivação. Mas também fatores externos como organização da escola e estrutura física podem se tornar quesitos motivadores ao aluno. Porém, o principal indicador de motivação é quando o aluno acredita em sua capacidade de êxito.

É sabido também que inúmeras vezes os fatores desmotivadores estão além das salas de aula, sendo muito difícil para o professor definir ou estabelecer quais problemas estão ocorrendo na vida particular daquele aluno. Estes fatores podem ser externos, estando ligados a como o indivíduo interage ao meio, e internos, relacionados a aspectos cognitivos.

Os fatores externos que estimulam o indivíduo para a aprendizagem não estão isolados dos fatores internos. Porque, para que o aprendiz fique estimulado ele precisa aceitar esse estímulo. Não basta o indivíduo receber os estímulos do ambiente que o cerca, ele precisa respondê-lo. Quando não há respostas aos estímulos, devido a não aceitação do sujeito, o aprendizado não acontece (ALVES, 2013, p. 17).

Nota-se, então, que a aprendizagem se dá por diversos motivos, sendo eles intrínsecos ou extrínsecos e que, por isso, é de fundamental importância analisar quais os fatores que permeiam estes dois pontos e suas contribuições no processo de aprendizagem escolar. A seguir, será destacado cada um destes fatores e se tentará entender como eles influenciam no processo individual da motivação por aprender.

4.1.3 Fatores intrínsecos e extrínsecos

Para Tapia (2003, p. 78),

os motivos para desencadear a aprendizagem podem ser, então, extrínsecos ou intrínsecos, sendo comum que ocorra uma mistura de ambos, uma complementaridade, tornando importante que o/a professor/a alfabetizador/a tenha clareza dessa situação e busque contribuir para a promoção da motivação mais consistente, que é o próprio desejo de aprender.

Essa afirmação é assumida aqui como verdade, para além das séries de alfabetização.

Há uma busca constante, principalmente na psicologia, para entender como de fato o sujeito se motiva. Sabe-se que a motivação age em relação ao comportamento humano sob os pensamentos, a atenção, a emoção e a ação e desencadeia desejos, esforços, anseios e sonhos. Perante esta reflexão, percebe-se que, de fato, a motivação permeia interna e externamente o indivíduo e são estes fatores que levam o ser humano a atingir seus objetivos.

Pode-se dizer que a motivação intrínseca é um fator interno, singular e íntimo de cada sujeito; sobre este tipo de motivação, Almeida e Freitas (2013, p. 139) mostram que existem quatro origens: desafio, curiosidade, controle e fantasia.

Para que seja garantida a motivação interna é preciso que o indivíduo tenha habilidades e interaja positivamente com o meio. Para os autores Boruchovitch e Bzuneck (2001, p. 18), “o primeiro fator da motivação intrínseca é a competência, que é capacidade do organismo interagir satisfatoriamente com o seu ambiente”.

Acredita-se que as pessoas são instintivamente propensas a realizarem certas ações pelo simples fato de sentirem prazer e verem sentido na realização. Ao contrário, sentem-se ameaçadas, coagidas ou desmotivadas se forem obrigadas ou forçadas a realizarem as tarefas devido a pressões externas. Segundo Boruchovitch e Bzuneck (2001, p. 56), “quando um fator externo obriga o indivíduo a se distrair de alguma tarefa, sua motivação intrínseca é prejudicada, porque ela é interna ao “ser” e precisa de estímulos externos para se concretizar”.

A motivação interna acontecerá quando existir a recompensa pelo término ou êxito das ações propostas, ou seja, a certeza do indivíduo de acreditar que é capaz de conquistar seus objetivos e ter auto eficácia em suas ações, o que se observa facilmente na sala de aula: quando um aluno tem êxito, se torna bem sucedido em relação ao querer aprender, mas, quando esse fracassa, o olhar que passa a dirigir ao ato de estudar se torna às vezes massacrante ou desestimulante.

Outro fator que contribui para a formação intrínseca dos alunos pode ser através das experiências vivenciadas e exemplos extraídos em sala de aula, principalmente, pela observação das atitudes e ensinamentos dos professores. Então, percebe-se a grande responsabilidade do professor acerca de suas atitudes para a formação cognitiva do aluno e sua motivação perante as questões escolares e de ensino.

A motivação intrínseca do aluno não resulta de treino ou de instrução, mas pode ser influenciada principalmente pelas ações do professor. Embora não se desconsiderem as crenças, conhecimentos, expectativas e hábitos que

os estudantes trazem para a escola, a respeito da aprendizagem e da motivação, o contexto instrucional imediato, ou seja, a sala de aula, torna-se fonte de influência para o seu nível de envolvimento (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 147).

Pode-se dizer que motivação intrínseca é a força que vem de dentro para fora e que permite ao ser humano agir em relação aos seus desejos e sonhos, podendo ser estes fisiológicos ou psicológicos. Portanto, esse querer interno pode ser influenciado pelos acontecimentos e fatores externos que permeiam o ser humano.

Estes fatores externos estão relacionados ao meio que o indivíduo está inserido, sendo estes fatores os mais predominantes no ambiente escolar e os que mais impactam na motivação do aluno.

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou à atividade, como a obtenção de recompensas materiais ou sociais de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas, ou para demonstrar competências ou habilidades (BORUCHOVITCH E BZUNECK, 2001, p. 46).

Como já visto, para Skinner (1968) o sujeito se motiva pela consequência de suas atitudes. Se as consequências forem positivas, as recompensas externas serão motivadoras, já se forem negativas, podem acarretar em punições, assim desestimulando e desmotivando o indivíduo. Portanto, a recompensa pelo êxito e a punição pela falha são extrínsecas a ele. Devido a esse fato, as práticas de premiação por mérito estão sendo questionadas e repensadas, pois o indivíduo que não obtiver a recompensa provavelmente irá diminuir seu rendimento e seu querer por melhores resultados.

No contexto escolar, é extrínseca a motivação quando o aluno considera as atividades como um meio dirigido a algum fim extrínseco, ou seja, o aluno as realiza porque acredita que o envolvimento nelas trará resultados desejados como, por exemplo, elogios, notas, prêmios ou ajudará a evitar problemas como o de ser punido (LOCATELLI, 2004, p. 38).

Para promover a motivação extrínseca, também é fundamental que o sujeito se relacione com o meio onde está inserido e com as pessoas à sua volta e será a partir dessa interação que desenvolverá seu fator cognitivo e promoverá maior motivação para o alcance de suas conquistas.

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico (OLIVEIRA, 2002, p. 38).

Então, para entender e contextualizar melhor os fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos e como os mesmos impactam diretamente na aprendizagem e no desejo dos alunos, será apresentada, no subcapítulo a seguir, uma das mais importantes e conhecidas teorias sobre o tema *Motivação*, desenvolvida no final do século XX pelos psicólogos e pesquisadores americanos Deci e Ryan (1985), a *Teoria da Autodeterminação*.

4.1.4 Teoria da Autodeterminação

Dentre as teorias e conceitos voltados à *Motivação*, a *Teoria da Autodeterminação* é uma das únicas que analisa os fatores intrínsecos e extrínsecos de forma única e complementar, ou seja, não analisa esses fatores separadamente, pois um será reflexo do outro.

Esta teoria, criada pelos psicólogos e pesquisadores americanos Deci e Ryan (1985), apoia-se nos fatores motivacionais do indivíduo e torna-se um balizador do comportamento, crescimento e desenvolvimento humano. Em sua aplicação, é capaz de perceber o quanto o mesmo se torna automotivado ou autodeterminado.

Entre as teorias que estudam a motivação, esta é a que mais diretamente tem procurado compreender e relação entre qualidade da motivação do aluno e sua percepção de competência, de autonomia e pertencimento no contexto da sala de aula (FERREIRA, 2010, p. 48).

Sua contribuição para a educação se dá principalmente para promover o desejo dos alunos à aprendizagem e pela confiança dos mesmos em relação ao seu êxito. Proporciona que os alunos sejam desafiados, realizando suas tarefas de forma autônoma e, por meio de reconhecimento por suas ações, promove engajamento e maior interação entre professor e o aluno.

Devido às inúmeras pesquisas, percebe-se o quanto a *Teoria da Autodeterminação* pode contribuir para alavancar os fatores motivacionais do aluno. Se bem desenvolvida nas salas de aula e no ambiente escolar, pode vir a aumentar o interesse do aluno pela aprendizagem pois, ao ser desafiado, o mesmo passa a se

utilizar de suas competências, criatividade, inteligência e intrinsecamente reforça o quanto ele é capaz de atingir seus objetivos.

A Teoria da Autodeterminação é uma abordagem da motivação humana que enfatiza as fontes motivacionais naturais das pessoas ao explicar o desenvolvimento de personalidade saudável e a autorregulação autônoma. Procura descobrir como as tendências naturais para o crescimento e as necessidades psicológicas interagem com as condições sociais que nutrem ou frustram essas fontes naturais, resultando em níveis variados de funcionamento efetivo e de bem estar (REEVE; DECI; RYAN, 2004, p. 2).

Portanto, a *Teoria da Autodeterminação*, através de uma análise Organísmica Dialética⁵, procura entender como as necessidades psicológicas básicas, juntamente com a interação com os fatores socioambientais, integram e promovem o desenvolvimento na personalidade e motivação do indivíduo de forma autônoma construtiva.

À medida que os estudos foram se aprimorando em relação à teoria, seus autores foram percebendo a existência de grupos diferenciados em relação ao seu grau de autonomia, podendo evoluir em um *continuum* de desmotivação até motivação autônoma.

Pode-se dizer que a *Teoria da Autodeterminação* de Deci e Ryan (1985) é considerada uma Macro Teoria (figura 2), pois dela se dissolvem mais quatro Mini Teorias, as quais estudam com mais profundidade cada grupo de fatores com a finalidade de investigar os fenômenos motivacionais e de autorregulação que os compõem, os quais veremos com detalhes no decorrer do texto.

⁵ A Análise Organísmica Dialética procura compreender como as necessidades psicológicas básicas, em interação com os fatores socioambientais, integram e desenvolvem personalidade e motivação autônoma construtiva, para um desenvolvimento em níveis mais elaborados e unificadores do indivíduo, bem como as condições que fortalecem estes fatores.

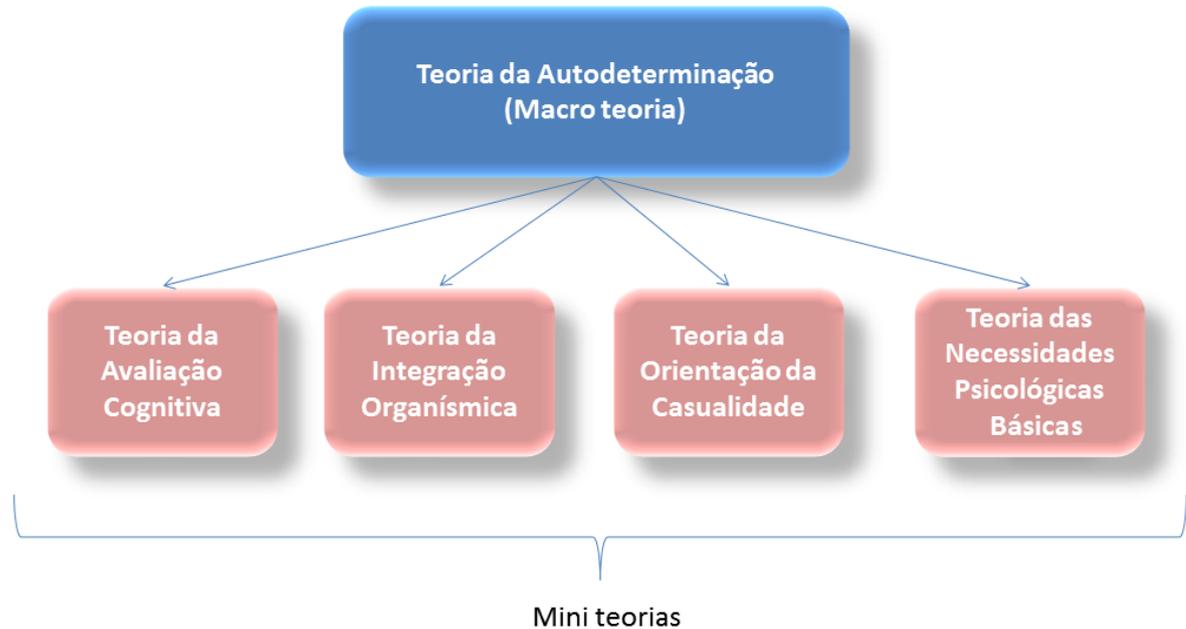


Figura 2 – A Macro Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias
 Fonte: Elaborado pela autora

A *Teoria da Avaliação Cognitiva* vem explicar os fatores que influenciam negativa ou positivamente a motivação intrínseca, devido aos fatores externos que os rodeiam. Já a *Teoria da Interação Organísmica* serve para entender como se desenvolvem as dinâmicas motivacionais extrínsecas. A *Teoria da Orientação da Casualidade* descreve de forma sistemática os recursos intrínsecos ao indivíduo e sua interação com o contexto social. E a *Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas* traz a importância da competência, autonomia, pertencimento e sua integração com os demais fatores.

A seguir, serão apresentadas as *Mini Teorias*, com mais detalhes.

4.1.4.1 Teoria da Avaliação Cognitiva

A *Teoria da Avaliação Cognitiva* foi criada com o intuito de identificar se fatores externos, tais como prêmios, recompensas, *feedbacks*, reconhecimentos, dentre outros, influenciam na motivação intrínseca do indivíduo. De acordo com os estudos de Deci e Ryan (2000), verificou-se que, ao introduzir recompensas

externas, o rendimento do indivíduo tende a cair. Já com reforços ou *feedbacks* construtivos, o indivíduo tende a gerar maior motivação intrínseca.

O uso de contingências controladoras sobre o comportamento do aluno apresenta algumas dificuldades, pois, ao tentar controlar comportamentos com apresentação de reforços, recompensas ou punições corre-se o risco de obter efeitos negativos, ou seja, a permanência na atividade fica condicionada a determinados estímulos (GUIMARÃES, 2009, p. 56).

Torna-se nítido em uma sala de aula o uso de contingências controladoras, principalmente acerca da autoridade e controle do professor para com o aluno quando se propõe uma atividade. Nesta relação, percebe-se também que pode haver recompensas ou punições de acordo com o comportamento do aluno.

Deci e Ryan (2000) perceberam que o *locus da causalidade* e a percepção de competência levam o indivíduo a ter um sentimento de autodeterminação em relação às suas atitudes, impactando em sua motivação intrínseca, ou seja, é fundamental que o aluno perceba que ele é o maior responsável por suas ações e que o êxito ou fracasso será uma decisão individual.

Para promover uma maior motivação intrínseca pelo fator da competência do indivíduo, é importante que existam *feedbacks* construtivos que estimulem o aluno a se autodeterminar e se sentir capaz de realização e êxito das tarefas.

Para Vallerand e Reid (1984), um ambiente que oferece oportunidades de desafios em nível adequado de dificuldade, *feedbacks* informacionais, liberdade para conduzir avaliações foi identificado como promotor e facilitador da motivação intrínseca.

4.1.4.2 Teoria da Integração Organísmica

Para os autores Deci e Ryan (2000), a grande questão se dá em como a motivação extrínseca conduz e mantém o indivíduo em suas ações, sabendo que seu comportamento pode ser engajado por inúmeros fatores, às vezes independentes de sua atividade-fim.

O meio onde o indivíduo está inserido vem a servir de influenciador à motivação extrínseca. O mesmo também pode promover a internalização e a motivação intrínseca quando há satisfação pela realização do desafio proposto.

Portanto, a identificação com as ações solicitadas é uma das melhores formas de internalização e querer do indivíduo.

Existem quatro tipos de regulação (figura 3) que influenciam a motivação extrínseca: externa, introjetada, identificada e integrada, todas variando em um *continuum* dentre os comportamentos de não regulação e desmotivação até a regulação e motivação intrínseca.

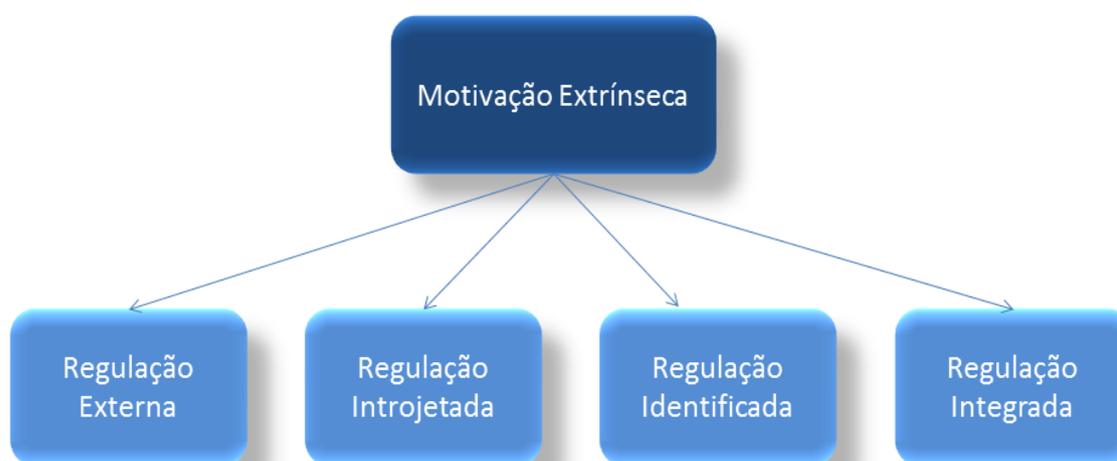


Figura 3 – Motivadores extrínsecos
Fonte: Adaptado de Deci e Ryan (1985)

Ryan e Deci (1985) atribuem à *Teoria da Integração Organísmica* seis níveis de *Motivação*, que vão desde a amotivação (ausência de motivação), passando pelo *continuum* da motivação extrínseca, até chegar à intencionalidade e motivação intrínseca.

A relação entre os fatores motivacionais extrínsecos e intrínsecos se torna mais complexa pelo fato de existir o *continuum* da Autodeterminação, conforme pode ser visualizado na figura 4.

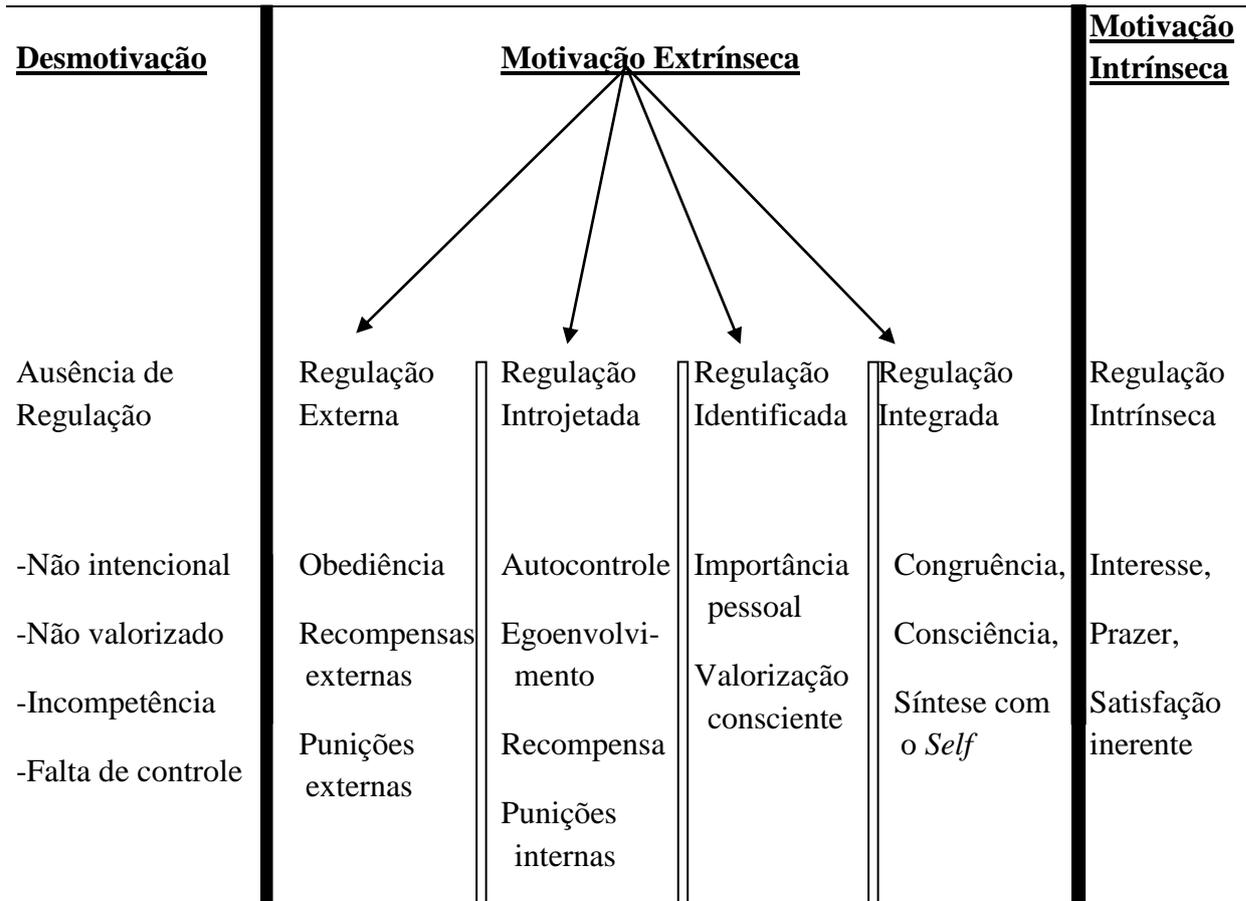


Figura 4 – O *Continuum* da autodeterminação, com os tipos de motivação, seus estilos de regulação e os processos correspondentes.

Fonte: Adaptado de Deci e Ryan (2000)

Na amotivação ou desmotivação, o indivíduo não possui nenhum tipo de estímulo ou interesse para desenvolver qualquer atividade proposta.

Já na motivação extrínseca com regulação externa, existe uma certa obrigação para o desenvolvimento da atividade e o indivíduo procura a realização para obter recompensas ou, então, evitar castigo ou punições.

A motivação extrínseca com regulação introjetada parte de nossa consciência e pressão interna, porém evitando sentimentos negativos ou de incapacidade, promovendo uma autoaprovação em relação ao seu êxito.

No que se trata da motivação extrínseca com regulação identificada, a mesma é intensificada através de uma recompensa consciente e de identificação com o objetivo proposto.

Já a motivação com regulação integrada se dá de forma congruente com outras necessidades e já faz parte da vida e da motivação do indivíduo.

Por fim, a motivação intrínseca está diretamente ligada com o interesse, desejo, prazer e vontade do indivíduo em relação às tarefas e objetivos, sendo uma vontade por satisfação pessoal e não por pressão de terceiros.

Para que de fato ocorra a internalização pelo indivíduo e seja assim promovida a autodeterminação, o grau de autonomia que lhe é dado é condição inalienável.

4.1.4.3 Teoria da Orientação da Causalidade

O objetivo da *Teoria da Orientação da Causalidade* de Deci e Ryan (2002) é descrever de forma mais global os recursos internos empregados pelo indivíduo em sua interação com o contexto social. Existem três fatores individuais que impactam diretamente na relação com o ambiente social, os quais diferem em relação à autodeterminação: orientação para autonomia, controle e causalidade impessoal.

Na orientação para autonomia, o aluno orienta seu comportamento com base na autodeterminação, ou seja, age em relação aos seus interesses, desejos e necessidades. Pode-se dizer que, em relação ao seu comportamento e ao seu interesse, a motivação se conduzirá para motivação intrínseca ou extrínseca no *continuum* de Regulação Integrada e Identificada.

Na orientação controlada, os estudantes são regulados por incentivos sociais e externos, sendo indicada e conduzida a direção que os mesmos devem seguir. Neste caso, sua motivação será regulada de forma externa e introjetada.

Por fim, na orientação impessoal, percebe-se uma relação negativa entre vários aspectos na personalidade do aluno, relacionada com indicadores que reforçam a ineficácia e insucesso do mesmo, estando vinculada à autodepreciação, baixa autoestima e quadros depressivos.

4.1.4.4 Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas

Segundo Deci e Ryan (2000, p. 78), “a *Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas* procura explicar a relação da motivação e das metas de saúde e bem estar, e os estilos reguladores da saúde psicológica”.

Esta teoria procura mostrar que elementos sustentam a motivação intrínseca e o que faz o indivíduo realizar de forma independente, motivada e autônoma suas ações, visto seus desejos e ambições. (Ver figura 5)

[...] aqueles estados nos quais as pessoas estão de tal maneira mergulhadas em uma atividade que nada mais parece ter importância; a experiência em si é tão agradável que as pessoas a vivenciam mesmo pagando um alto preço, pelo simples prazer de senti-la (CSIKSZENTMIHALYI, 1990, p. 17).

A teoria baseia-se em três necessidades psicológicas básicas: competência, autonomia e pertencimento.

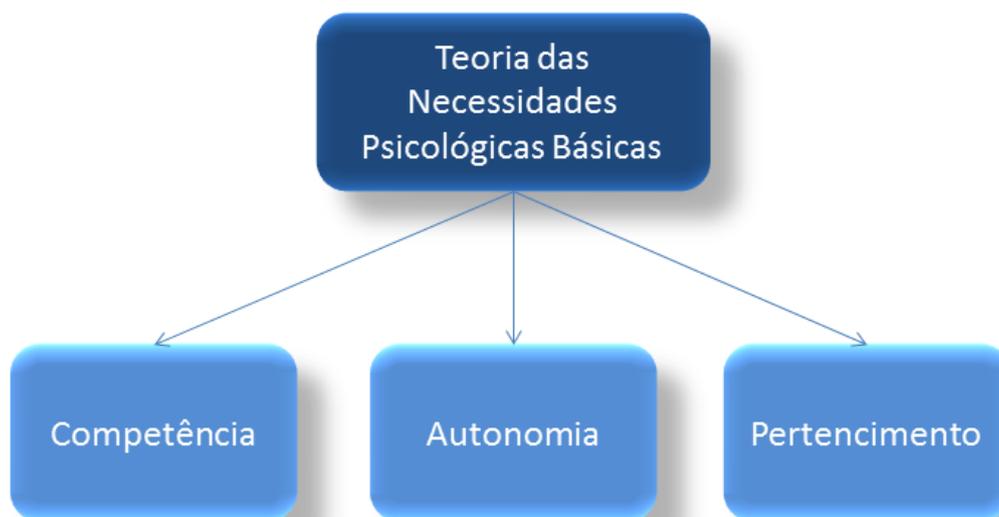


Figura 5 – Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas.
Fonte: Adaptado de Deci e Ryan (2000)

Identifica-se a necessidade da competência como fatores de suma importância para o indivíduo, pois o mesmo passa a se sentir ativo e responsável pelas suas conquistas e seu desenvolvimento. A competência gera motivação por ser considerada como um desejo para realização de determinada tarefa ou a percepção de sucesso e êxito na concretização da atividade.

Já a necessidade da autonomia se dá pelo poder de escolha e de autodeterminação, ou seja, mesmo que as ações sejam oriundas do meio externo, o

sujeito autônomo identificará seu comportamento como uma expressão de seu próprio EU, se tornando agente principal de sua ação.

O pertencimento se dá pela necessidade do indivíduo em estabelecer vínculos interpessoais seguros que lhe garantam proteção. Segundo os autores Baumeister e Leary (1995), existem dois fatores importantes na necessidade do pertencimento: o primeiro é que o ser humano necessita estabelecer e manter interações e contatos frequentes com outros, principalmente se estas relações forem positivas; o segundo é a necessidade que estes contatos e interações se tornem estáveis, garantindo sua permanência no futuro. Pode-se dizer que muitas atividades são desenvolvidas pelas pessoas para que elas consigam pertencer e permanecer no ambiente ao qual desejam.

Então, nota-se uma grande relação da *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias*, sendo estas um complemento do que vem sendo pesquisado e estudado em relação ao tema *Motivação* por diversos pensadores e teóricos ao passar dos anos.

Dessa forma, pode-se confirmar a complexidade das interações e processos motivacionais, tanto intrínsecos quanto extrínsecos, que envolvem os indivíduos, como mostrado e estudado nas teorias relacionadas a todos os subcapítulos anteriores a este ponto. A seguir, será apresentado como o processo de *Coaching* pode contribuir para a motivação do indivíduo (estudante) e para a busca de sua essência, de seus desejos e objetivos, através de suas ferramentas, as quais visam proporcionar reflexões e mudanças de comportamento. É focando nessas mudanças que o *coaching* pode tornar-se uma contribuição prática, à *Teoria da Autodeterminação*, às suas *Mini Teorias* e aos conceitos que até hoje vêm sendo estudados sobre *Motivação*, e produzir resultados positivos no campo da Educação.

4.2 Coaching: Conceitos, Definições e Envolvimentos Atuais com a Educação

Nesta seção, serão apresentados conceitos e definições sobre o processo de *Coaching* e como o mesmo esta presente atualmente na Educação.

Pode-se dizer que a contribuição maior do *Coaching* é despertar o desejo e o querer do indivíduo e ajudá-lo a atingir seus objetivos. Através de suas ferramentas, as quais despertam a reflexão, análise e mudança comportamental, pode se tornar

um grande aliado para os alunos ao refletirem sobre o seu desejo de aprender, sua motivação e seu querer pelo saber.

Como já visto nas seções passadas, existe uma busca constante para o resgate do entusiasmo nas dinâmicas em sala de aula, para que os alunos se sintam conquistados e capturados pelas disciplinas, pelos professores e pela escola em geral, mas isso só acontecerá se os alunos notarem sentido no que é proposto, pois o sujeito que faz as coisas por obrigação ou sem entender o real motivo ou sentido no que está realizando geralmente diminui seu empenho, o que prejudica seus resultados.

O *Coaching* vem contribuir justamente neste ponto: estimular e fazer com que o aluno reflita sobre seus desejos, objetivos, metas e mostrar-lhe que é capaz de conquistá-los à medida que houver interesse e expectativas de êxito e sucesso.

No âmbito Educacional existem pouquíssimas pesquisas voltadas ao assunto e, dentre elas, a maior parte são projetos pontuais realizados em escolas, cujos resultados fornecidos foram obtidos de maneira empírica e sem grande sustentação teórica e metodológica. Das poucas pesquisas existentes, as mesmas são voltadas e direcionadas para a docência, sendo esta dissertação complementar às já existentes, pois tratará da importância da atuação do *Coaching* também aos discentes.

4.2.1 *Coaching: Teorias, conceitos e fundamentos*

Nesta seção serão apresentados os conceitos e definições sobre o processo de *Coaching*, seus benefícios e atuações.

Segundo Matta e Victoria (2013, p. 24), “*Coaching* é um processo que visa elevar a *performance* de um indivíduo, grupo ou empresa, aumentando os resultados positivos”.

Segundo Borges (2015, p. 15), o “*Coaching* tem sido uma prática de intervenção crescente no Brasil e no restante do mundo. Apesar do aumento da procura por este tipo de serviço, ainda são poucas as pesquisas que dão sustentação a esta prática”.

A etimologia da palavra aparece associada à cidade de *Kocs*, na Hungria, localizada à metade do caminho entre Budapeste e Viena, quando, entre os séculos XV e XVI, tornou-se parada obrigatória para quem viajava entre estas duas capitais.

Kocs começou a ter um movimento grande de carruagens, as quais tinham um sistema diferenciado de suspensão e maior comodidade perante as demais que existiam. Com isso surgiu o termo *Coach* para se referir a quem conduzia as carruagens, pois estas eram chamadas de *Kocs* (pronunciava-se *Kocsi*). Esse termo foi utilizado pelo fato de estas carruagens, puxadas por animais, levarem seus passageiros de um ponto inicial ao destino final, ou seja, seu objetivo. Deste pequeno incidente histórico é que evoluiu o conceito de *Coaching*, tal qual se conhece hoje.

Mas o *Coaching* começou efetivamente a ser estudado, pesquisado e conhecido pouco antes de 1971, nos Estados Unidos, por Timothy Galley, e é devido a isso que muitas pessoas conhecem a história do seu surgimento através do esporte, mais precisamente no Tênis. É por isso que a palavra inglesa *Coach*, em português, significa *Treinador*.

O tenista tem dois adversários: um é o externo, que fica do outro lado da rede, e o objetivo é derrotá-lo, o outro é o adversário interior, ou seja, você mesmo. Enquanto o adversário externo, de certa forma, tira o melhor de você, o interno conhece todos os seus problemas e seus pontos fracos e, ao mesmo tempo em que possui muitas armas para enfrentar o adversário externo, possui a distração, conversas internas e dúvidas. Esse jogo interior se desenvolve na mente do jogador. E, na verdade, seu pior adversário acaba sendo ele mesmo (GALLEY, 1974, p. 134).

Mesmo esse termo tendo-se originado no esporte, suas técnicas se alastraram em diversos âmbitos, sendo eles organizacionais, pessoais, empresariais, e educacionais. Atualmente, o *Coaching* é uma das profissões em maior ascendência e reconhecida mundialmente.

O *Coaching* utiliza metodologias, técnicas e ferramentas cientificamente comprovadas e é aplicado por um profissional denominado *Coach*, juntamente com seu cliente, chamado *Coachee*. Este processo entre *Coach* e *Coachee* visa promover evolução, crescimento, *performance*, bem-estar e o aprimoramento da qualidade de vida do indivíduo.

No meio esportivo, onde o termo reaparece, o *coach* é muito comum. Enquanto o termo *Coaching* designa a técnica, o termo *coach* designa o técnico, aquele que coordena o time, quem combina, junto com os atletas, a melhor forma ou estratégia para conquistar seus lugares no pódio. Portanto, o *Coaching* é uma técnica realizada em parceria, em que o atleta é o centro do trabalho do *coach*. Como um tutor que ajuda seus orientados a

conquistar seus objetivos, o trabalho do *coach* é, conhecendo o objetivo do seu cliente, ajudá-lo a chegar ao destino final (SILVA, 2001, p. 38).

Os conceitos e conhecimentos que formam o processo de *Coaching* originam-se através de diversos campos do saber humano, tais como: psicologia, neurociência, administração, gestão, sociologia, antropologia, entre outros. Segundo Grant (2003), o desenvolvimento do *Coaching* se deu em três fases e períodos distintos, mostrados no quadro a seguir:

Quadro 6 – Fases do *Coaching*

Fase	Período	Característica
Atividade interna	1930 a 1960	<i>Coaching</i> interno: atividade exercida pelo supervisor hierárquico; forma de treinamento; desenvolvimento gerencial e, ao final do período, desenvolvimento executivo.
Rigor acadêmico	1960 a 1990	Período em que documentos submetidos à apreciação de pares começam a ser publicados; pesquisas e discussões atendem a maior rigor acadêmico; as primeiras teses de doutorado são desenvolvidas.
Ciência aplicada: Pesquisas científicas	Após 1990	Aplicação do <i>Coaching</i> como processo de mudança cientificamente comprovada

A metodologia utilizada no processo de *Coaching* abarca conversações efetivas e ativas, identificando ou reformulando valores, compressões, crenças, metas e objetivos de seus *Coachees*, promovendo maior clareza para definir e

atingir seus resultados nos mais variados aspectos de sua vida e auxiliando e fornecendo suporte para promover mudanças comportamentais.

Com o *Coaching*, o indivíduo torna-se mais independente, proativo, motivado e preparado para assumir o controle de sua vida.

Coach é o papel assumido por quem se compromete a apoiar alguém para o alcance de determinado resultado. O *Coaching*, mais que um treinamento, é entendido como uma disciplina, uma arte, um procedimento e, também, um processo de aprendizagem (ARAÚJO, 1999, p. 25).

O *Coaching* é um processo que tem como reflexo a mudança, a ressignificação das crenças do indivíduo, a autorreflexão e a busca da conquista de seus objetivos. Para Wolk (2008, p. 25), “o *Coaching* também permeia os elementos da Linguística e da Filosofia, onde o *Coach* fornecerá suporte ao *Coachee* até atingir seus objetivos, através das ações que vão ao encontro do desejo do mesmo”.

Para Possebon (2016, p. 16-17), o *Coaching* opera da seguinte forma:

Quadro 7 – Operações do *Coaching*

Processo	Um processo, na lógica do <i>Coaching</i> , implica um conjunto ordenado de passos sucessivos para chegar a um objetivo, um procedimento, um método, uma técnica, um exercício, uma atividade, uma prática.
Aprendizagem	A prática de aprendizagem, no <i>Coaching</i> baseia-se num diálogo, numa conversa entre <i>coach</i> e <i>coachee</i> , em que o <i>coach</i> , mediante a formulação de perguntas e de comentários a partir do que o <i>coachee</i> lhe responde, faz com que este se “aperceba” e tome consciência da sua situação atual e se movimente em direção à situação que desejaria estar.
Mudança	O <i>Coaching</i> é a disciplina que trata da mudança, do modo como implementar mudanças em si próprio, nos próprios

	comportamentos, atitudes, destrezas, capacidades e competências, e nos dos outros.
Resultados	A prática do <i>Coaching</i> se estabelece na forma de uma parceria entre <i>coach</i> e <i>coachee</i> , com a promessa de aperfeiçoamento e de obtenção de melhores resultados por parte do <i>coachee</i> , sejam eles pessoais ou profissionais. O <i>Coaching</i> é divulgado como sendo um meio eficaz para se chegar a determinados resultados.

Já para Marilyn Atkinson, no livro *A Arte e a Ciência do Coaching* (2007), o processo de *Coaching* percorre cinco princípios fundamentais, os quais são:

Quadro 8 – Os princípios fundamentais do *Coaching*

1º princípio: As pessoas são como elas são.	Este princípio diz que as pessoas podem crescer e mudar a partir de sua própria vida, através de suas escolhas. Todas as pessoas têm capacidades e habilidades que podem ser desenvolvidas a partir do seu querer.
2º princípio: As pessoas já possuem todos os recursos de que necessitam.	Imagens mentais, vozes interiores, sensações e sentimentos são os blocos básicos de construção de todos os recursos mentais e físicos. Podem ser usados para construir qualquer pensamento, sentimento ou habilidades desejados, colocando-os depois nas próprias vidas, onde se quiser ou mais se precisar.
3º princípio: As pessoas sempre fazem a melhor escolha disponível para elas.	Cada um tem a sua própria e única história. Através dela, aprende-se o que querer e como querer, o que valorizar e como valorizar, o que aprender e como aprender. Esta é a experiência individual. A partir dela, deve-se fazer todas as opções, isto é, até que outras novas e melhores sejam acrescentadas.

4º princípio: A mudança é algo inevitável.	A transformação é algo inevitável. O mundo está em constante transformação e, conseqüentemente, as pessoas também.
5º princípio: Todo comportamento tem uma intenção positiva para o sujeito.	Todos os comportamentos nocivos, prejudiciais ou mesmo impensados tiveram um propósito positivo originalmente: gritar para ser reconhecido, agredir para se defender; esconder-se para se sentir mais seguro etc. Ao invés de se tolerar ou condenar essas ações, pode-se separá-las da intenção positiva daquela pessoa para que seja possível acrescentar novas opções mais atualizadas e positivas que venham a satisfazer a mesma intenção.

É importante ressaltar que o processo é baseado na aprendizagem, pois estimula o *Coachee* a aprender sobre ele mesmo, ou seja, aumenta o autoconhecimento sobre sua vida. Para Atkinson (2007), o aprendizado no *Coaching* percorre quatro estágios, os quais são considerados como o *Ciclo de Aprendizagem*. Eles serão mostrados a seguir:

Quadro 9 – Estágios do *Coaching*

Estágio 1: Incompetência Inconsciente	É o estágio onde o indivíduo não tem a consciência de que não sabe algo, onde o mesmo não sabe e não conhece absolutamente nada sobre o assunto.
Estágio 2: Consciência Incompetente	É o estágio onde o indivíduo tem a consciência de que aquele determinado assunto existe, mas não tem conhecimento sobre o mesmo. É o estágio onde ele sabe que não sabe determinado assunto.
Estágio 3: Consciência Competente	É o estágio onde o indivíduo está começando a se desenvolver, pois é onde procura o conhecimento sobre determinado assunto. Momento em que sabe que o assunto existe e está aprendendo sobre ele.

Estágio 4: Competência Inconsciente	É o estágio onde o indivíduo incorpora determinado conhecimento, domina as habilidades envolvidas em determinado assunto e já o pratica de forma inconsciente.
-------------------------------------	--

Pode-se dizer, também, que uma das principais ferramentas do processo de *Coaching* é o *feedback*,⁶ sendo através dele possível diagnosticar falhas, problemas e anseio precisos do *Coachee*, analisando com eficácia qual a real necessidade do mesmo. Praticamente grande parte das intervenções do *Coaching* se dá através do *feedback* e será nesta relação que o *Coachee* chegará a suas conclusões e evoluções em seu estado de autoconhecimento. Para Willians (2005, p. 31),

Feedback é a base de todas as relações interpessoais, pode-se avaliar a importância que o ser humano tem em receber um retorno em relação aos seus comportamentos, sejam em relacionamentos de ordem pessoal ou profissional. Há uma necessidade desta orientação “do outro” para nortearmos e direcionarmos nossa conduta.

Segundo Moreira (2009, p. 32), existem dois aspectos fundamentais do *feedback* no processo de *Coaching*,

o primeiro corresponde ao levantamento das necessidades a serem trabalhadas no processo. O *feedback* é um recurso muito utilizado para identificar as principais qualidades e pontos que necessitam de desenvolvimento do *coachee*. O segundo aspecto trata do plano de desenvolvimento, ou seja, o *feedback* poderá ser utilizado como uma estratégia para reforçar comportamentos e também trazer a mudança de comportamento que o cliente almeja.

Então, pode-se dizer que o processo de *Coaching* tem um papel fundamental na vida e no entendimento do indivíduo em relação a ele e aos seus desejos e anseios. Através de uma escuta ativa nas sessões, o *Coachee* envolve e expressa aspectos verbais e não verbais para o *Coach*, e nessa conversa devem ser percebidos todos os detalhes. É fundamental que se proponham algumas questões: Como quer ser? Qual objetivo quer alcançar? Qual propósito quer atingir com este objetivo? Que novos comportamentos devem desenvolver para atingir suas metas?

⁶ *Feedback* é uma palavra inglesa que significa realimentar ou dar resposta a uma determinado pedido ou acontecimento. Em alguns contextos a palavra *feedback* pode significar resposta ou reação.

De acordo com a Federação Internacional de *Coaching* (ICF), os benefícios do processo de *Coaching* são: iniciativa de mudança, direção, clareza em relação às metas, planejamento de carreira, equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho, melhora nas relações pessoais e profissionais, melhora na habilidade de comunicação, aumento da satisfação no trabalho, ampliação da autoestima e da autoconfiança, aumento da motivação, mais energia e sucesso.

Como visto, nos últimos anos, o *Coaching* tem permeado inúmeros âmbitos e sendo inserido em diversas demandas do mercado e da sociedade. No quadro a seguir, de Atkinson (2007), serão mostrados alguns setores em que o *Coaching* já está em atuação:

Quadro 10 – Setores de atuação do *Coaching*

Setores	Descrição
<i>Carrear Coaching</i>	Visa provocar questionamentos que levem ao autoconhecimento e à consequente utilização do mais alto potencial, tomando decisões e ações alinhadas, descobrindo e colocando em prática o melhor de cada ser humano.
<i>Relationship Coaching</i>	Melhora os relacionamentos e analisa posturas e comportamentos, refletindo sobre estes como uma perspectiva de mudança.
<i>Executive Coaching</i>	Para alta gerência, para melhorar tomadas de decisões estratégicas e a liderança.
<i>Teacher Coaching</i>	Visa provocar mudanças, aprofundar conhecimentos, potencializar talentos, trabalhar competências que impulsionem o sucesso da instituição escolar como um todo, trabalhando sobre um potencial ainda inexplorado; integrando lideranças, professores e alunos vão em busca de seus sonhos e da melhor forma de realizá-los.
<i>Sport Coaching</i>	Desenvolve atletas de alto desempenho na sua modalidade, explorando o máximo de seu potencial, para que obtenham os resultados alcançados.

<i>Student Coaching</i>	Aprofunda reflexões sobre a escolha profissional, levantando questões essenciais para o sucesso na vida do estudante.
<i>Life Coaching</i>	É o trabalho que tem como foco o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional.
<i>Leadership Coaching</i>	Auxilia a liderança a explorar o potencial de sua equipe e o potencial do próprio líder.

Portanto, pode-se notar que o processo de *Coaching* começa a ser reconhecido nos campos da Educação, visto a importância e benefícios deste processo, como mostrado neste subcapítulo.

Assim, será apresentada, no decorrer deste trabalho, mais concisamente, como está em atuação o *Coaching* na Educação no Brasil e no mundo e como o mesmo relaciona-se de forma positiva e integradora nos pensamentos de alguns teóricos renomados no campo da Educação.

4.2.2 *Coaching e a Educação*

Como vimos no subcapítulo anterior, o *Coaching*, mesmo sendo uma profissão relativamente nova e em ascensão, já mostra sua presença e sua importância de atuação em diversos setores. Como já foi comentado também, ainda são poucas as pesquisas no campo da Educação, mas aquelas que já existem começam os movimentos de pesquisa científica para comprovação da efetividade do processo também dentro das escolas.

Existem inúmeros projetos pontuais voltados à implantação do *Coaching* na Educação. Porém, a maioria deles relata resultados empíricos e com pouca base teórica e científica para demonstrar sua efetividade de fato. Por outro lado, dentre os poucos trabalhos científicos existentes, a maioria deles é voltado para corpo docente e sua atuação como professor-coach. Para Campos (2015, p. 02), “atuando como professor-coach, o educador aprende a focar o tempo todo na motivação do estudante para o processo de aprendizado: a lição deixa de ser uma obrigação para tornar-se um desafio”.

Diante da realidade atual, são enfrentados constantemente grandes desafios voltados ao sistema educacional. Um deles, e acredita-se ser um dos mais

preocupantes, é a falta de entusiasmo e motivação dos alunos em sala de aula, sendo esta preocupação alastrada para os demais envolvidos neste contexto. Contudo, é importante salientar que o Coaching na Educação não significa treinar alunos para serem vencedores, para serem melhores do que os outros e assim incentivar a competição e premiação entre alunos. A contribuição do Coaching se dá em desenvolver algumas habilidades internas do aluno, para que ele possa se relacionar melhor com seus estudos, através da superação de seus próprios obstáculos, e não a superação do outro.

Para Salman Khan (2013, p. 09),

o velho modelo da sala de aula simplesmente não atende às nossas necessidades em transformação. É uma forma de aprendizagem essencialmente passiva, ao passo que o mundo requer um processamento de informações cada vez mais ativo. Esse método baseia-se em agrupar os alunos de acordo com suas faixas etárias com currículos do tipo tamanho único, torcendo para que eles capturem algo ao longo do caminho.

Então, já se podem intuir os inúmeros benefícios que o processo de *Coaching* pode trazer para várias áreas de atuação. Ao ampliar suas técnicas e práticas para as escolas, as mesmas podem começar a percorrer novos caminhos e rumos para a melhoria da educação e começar a explorar ao máximo seu potencial e seus resultados através das expectativas e anseios dos alunos, tanto no quesito aprendizagem quanto na satisfação dos envolvidos.

No Brasil, os movimentos do *Coaching* na Educação estão a passos lentos, ao contrário do que se observa nos Estados Unidos e em vários países da Europa. A Escola americana Inside Track desde 2001 é exemplo de uma escola especializada no desenvolvimento dos estudantes, baseada em técnicas e ferramentas do *Coaching*, o que a tem tornado bastante conhecida para quem estuda e aposta nessa técnica. Já atendeu e capacitou mais de 350 mil estudantes com o foco no alto desenvolvimento das capacidades de aprendizado e motivação do aluno em sala de aula. Já na Universidad de Almeria, na Espanha, desde 2009 foi instituído o processo de *Coaching* com objetivo de potencializar os alunos na trajetória estudantil.

Estudos feitos pelo pesquisador e professor da Universidade de Stanford, Eric Bettinger (2011), relatam que há um aumento de 15% na conclusão dos cursos de graduação nos grupos de estudantes que estão tendo acompanhamento do

processo de *Coaching*. Para Santos (2015, p. 02), “nos Estados Unidos, esta concepção tem sido amplamente utilizada nas escolas públicas como estratégia de melhoria da prática de diretores, professores e alunos”. Atkinson (2007) também aponta essa melhoria ao relatar que o uso das técnicas e ferramentas de *Coaching* aumentou em 70% nas escolas americanas, elevando consideravelmente o nível de resultados positivos das mesmas.

Outra opinião que pode ser considerada vem da experiência da pesquisadora Karen Secco (2012, p. 04):

Resolvi ir para o Canadá e me especializar em *Coaching*, e percebi que lá este processo é trabalhado nas escolas. Tive a oportunidade de conhecer escolas lá fora que aplicam o *Coaching* em seu cotidiano e que trazem bons resultados. Então, por que não trabalhar em meu país? É mais um questionamento que me motivou a voltar para o Brasil e colocar em prática tudo o que havia lido, aprendido e vivenciado na prática. Percebi que hoje é possível começar a promover uma educação de qualidade.

O *Coaching*, através de suas técnicas e ferramentas, visa conquistar resultados efetivos e mudanças positivas e duradouras em um período curto de tempo, levando o *Coachee* a atingir seus objetivos ou entendimentos muito rapidamente e de forma satisfatória. Segundo Di Stéfano (2005, p. 31), “o processo de *Coaching* tem a função de promover o aprendizado e o desenvolvimento”.

Isto posto, o *Coaching* na Educação é trazido nessa dissertação com o intuito de problematizar a necessária potencialização da *performance* do aluno, bem como despertar-lhe o desejo, auxiliando o mesmo no desenvolvimento de suas metas escolares e estimulando sua visão de futuro. Segundo Mauricio Ruiz (2016, p. 02),

O *Coaching* Educacional também é orientado ao processo de treinar e busca desenvolver estudantes, atendendo às suas necessidades relativas ao ambiente e aos processos educativos. Estudos comprovam que o *Coaching* Educacional contribui de diversas formas para o desenvolvimento dos estudantes. Melhora o índice de retenção de alunos no Ensino Fundamental e Médio e aumenta o sucesso em provas e exames classificatórios como vestibulares, concursos e outros.

Ao observar o atual cenário Educacional, consegue-se perceber um alto nível de desmotivação dos alunos em relação à escola, pois muitas delas ainda carregam em suas metodologias e didática a mecanização da Educação. Magalhães (2013, p. 267) diz que,

vivemos um momento crítico e é dessa percepção mesma que parte essa reflexão, mais especificamente da necessária transformação da sala de aula diante da chamada crise paradigmática. Nossa percepção deste momento não é exatamente a mais comum: problema, destruição, pessimismo, ao contrário, a própria abundância de novas propostas indica que, em períodos de crise, há uma forte percepção de limites, de esgotamento dos padrões estabelecidos, legitimados ou aceitáveis, mas há também, mesmo que seja paradoxal, uma perspectiva de renovação, de transformação, de (re)criação. Se vários “perigos” são associados à crise da educação, esses andam de braços dados com as oportunidades, num verdadeiro câmbio inovador.

Portanto, há muitos anos vem sendo trazido e estudado o outro lado da Educação, aquele a qual promove o envolvimento, o encantamento e a participação ativa dos alunos junto aos professores. Bruner (1947), psicólogo americano e um dos pioneiros dos estudos científicos sobre Psicologia Cognitiva, indica em suas pesquisas que o aprendizado é um processo ativo no qual o aluno, nesse processo, deve promover a construção de ideias e conceitos, baseado em seus conhecimentos passados e atuais, promovendo a construção de hipóteses e estimulando a tomada de decisão, ou seja, é preciso estimular que o aluno vá além das informações dadas.

Nesta pedagogia sugerida, percebe-se que deva existir uma nova consciência do professor para que o aluno seja estimulado a pensar e a construir seus conceitos, refletindo sobre seus desejos e objetivos perante os desafios propostos. É a isso que o *coaching* se destina.

O processo de *Coaching*, se/quando realmente adotado para a Educação, servirá para elevar o nível de motivação dos alunos e desenvolvimento da sua capacidade de aprendizagem, sendo estas competências fundamentais hoje em dia no mercado de trabalho. Aquele aluno que promove o desejo pelo aprender se destacará perante os outros, pois esta é a Era do Conhecimento.

Para Marcelo Campos (2015), o processo de *Coaching* para estudantes deve ter a seguinte estrutura:

Definição de uma meta em relação aos estudos; Identificação dos obstáculos para o cumprimento da meta; Levantamento de estratégias comportamentais que precisam ser adquiridas e aplicação de um treinamento específico para cada uma delas, com avaliação periódica dos resultados alcançados.

O principal objetivo da inserção do *Coaching* na Educação é elevar a motivação do aluno, através de suas reflexões e mudança de comportamento, auxiliando-o a gerenciar sua capacidade de agir sob seus objetivos e

potencializando sua autoconfiança, tendo como reflexo a visão de sentido perante seus desafios escolares e identificando como aumentar seu aprendizado e seu querer pelo conhecimento.

Para Santos (2015, p. 02), há inúmeras possibilidades pedagógicas, as quais possibilitam e viabilizam a inserção do *Coaching* nas escolas. São elas:

Estruturação de colóquios, seminários, workshops, grupos de estudos de sensibilização direcionados a diferentes áreas para conscientizar sobre o que é o *Coaching* Educacional, e quais são os benefícios para as relações intrapessoais e interpessoais da instituição educacional, associando-as, aos resultados acadêmicos; Abordagem específica para potencializar a vontade das pessoas para o ato de aprender e apreender, levando-se em consideração os estilos de aprendizagem, facilitando acertos para iniciar e continuar qualquer processo de mudança cultural; A potencialização da inteligência coletiva e individual por meio da elevação de ações estratégicas pedagógicas que levam à necessidade da cocriação de projetos coletivos, aumentando as possibilidades de comunicação assertiva, escuta ativa e o conceito da comunicação não violenta no gerenciamento de conflitos; Fortalecendo a redescoberta do autoconhecimento, desenvolvendo valores, compactuando com a família e a escola de educação básica a tarefa de formar humanos que se auto eduquem curiosos, capazes de enxergar e promover mudanças em si mesmos e no mundo; Otimização de ambientes pedagógicos para discussão e aprendizagem que tenham como objetivos agir sobre como cada um raciocina, para que cada um, por si mesmo, possa concluir quais os melhores comportamentos. Assim, a pessoa ganha capacidade de ser autônomo, tornando-se consciente, alargando a sua capacidade de análise crítica, sendo aquele que se orienta mais pelo que deve fazer do que pelo que pode fazer.

Para Branco (2014, p. 01), as vantagens que se pode ter com a inserção do *Coaching* na Educação são as seguintes: melhoria do desempenho do professor e do aluno em sala; estabelecer objetivos e atingi-los de forma eficaz; promover o trabalho em equipe; aprimorar a comunicação; reduzir os conflitos; gerir melhor o tempo; gerir as situações de estresse; entre outros.

Através do *Coaching* começa-se a trabalhar a identidade do aluno, sendo ele então reconhecido como singular. A partir das análises, conversas, compreensões e correções de erros e problemas, o aluno começará a desenvolver e potencializar seus acertos.

É extremamente importante considerar que o aluno perde o interesse facilmente quando não é estimulado e incentivado. Hoje, perdem-se muitos talentos por essa falta de entusiasmo em sala de aula. O *Coaching* é capaz de estimular os alunos a trabalhar em equipe, potencializando a comunicação e a socialização entre

eles, uma vez que “todo existir humano acontece no diálogo [...] as atividades humanas se dão como sistema de conversação” (WOLK, 2010, p. 39).

Para Secco (2012, p. 25),

atualmente, as melhores práticas para a busca do desenvolvimento pessoal e profissional estão entre as práticas de *Coaching*. O *Coaching* procura facilitar a transformação de desejo e sonhos em objetivos claramente definidos, aonde se quer chegar, partindo dos recursos atuais, considerando quais as competências que precisam ser reforçadas ou adquiridas, que esforço e recursos devem ser mobilizados para suprir as carências, que limitações e hábitos improdutivos precisam ser vencidos nos níveis: intrapessoal, interpessoal e profissional. Treina o indivíduo a aceitar a responsabilidade pelas escolhas e pelas consequências, pelos resultados diferentes do que foi objetivado, bem como a analisar o quê e como foi feito ou deixou de ser feito, que contribuiu para que não se atingisse os objetivos, estimulando o aprendizado.

Acredita-se então que, quando o aluno percebe sentido nas ações e estabelece objetivos próprios, sua motivação o impulsiona, tornando o processo de aprendizagem mais rico e produtivo.

Portanto, visto os conceitos e teorias já apresentados nas seções anteriores sobre o tema *Motivação*, consegue-se perceber uma intersecção entre os fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos pesquisados ao longo dos anos, os quais afetam diretamente a aprendizagem do aluno. Com isso, nota-se que o *Coaching* pode vir a contribuir na Educação, através de suas técnicas e ferramentas, proporcionando ao aluno uma compreensão cada vez maior de seus objetivos, crenças, valores e comportamentos, propiciando um momento de reflexão sobre como pode se relacionar melhor com seus estudos, não através da competição com o seu colega, e sim através de seus anseios e da superação de seus próprios obstáculos.

Na tentativa de mapear os aspectos intrínsecos e extrínsecos que fomentam a motivação e considerando o que foi dito até agora para o ambiente escolar, apresenta-se, a seguir, a metodologia adotada nesta pesquisa. O percurso metodológico percorrido visa argumentar sobre algumas ferramentas do *Coaching* que, manipuladas com foco na Educação, interferirão positivamente nas categorias que mexem diretamente com a motivação do aluno em aprender.

5. METODOLOGIA

Neste capítulo, primeiramente serão apresentadas as definições metodológicas que foram concebidas para a realização do presente estudo e, posteriormente, seus desdobramentos.

Será utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa, como comumente se utiliza nas investigações no âmbito da Educação. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 16), dados qualitativos são “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”. Tal característica vem ao encontro das necessidades da Educação e suas concepções enquanto área do conhecimento.

É importante entender por que em pesquisas voltadas à Educação preferencialmente usa-se a metodologia qualitativa e raramente a quantitativa. Para Bardin (1977, p. 21),

na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada características de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração.

A abordagem qualitativa permite refletir sobre as ações do processo de condução da investigação, interpretando os diálogos que ao longo são encontrados, evidenciando as ações desenvolvidas na construção do processo de conhecimento, revelando e valorizando os indícios encontrados, visando uma atitude crítica do estudo, não perdendo de vista um princípio norteador desta abordagem que é o desenvolvimento humano. Neste estudo, a análise qualitativa será empregada para mapear os fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos do aluno e entender como o *Coaching* pode trabalhar com eles.

Para Abramowicz (1996, p. 112), “uma das características da pesquisa qualitativa é a valorização das experiências tanto do pesquisador como do sujeito pesquisado, pois a natureza desta abordagem evidencia a subjetividade”.

Dentre as abordagens qualitativas mais usadas, optou-se por utilizar, nesta pesquisa, a Análise de Conteúdo, de acordo com os pressupostos teóricos da autora Lawrence Bardin. Para a autora (1977, p. 15), a “Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento,

que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

Segundo Bardin (1977, p. 20), “o que importa para realizar a Análise de Conteúdo são as mensagens com duplo sentido, sua significação só pode ser construída após uma observação cuidadosa e cautelosa”. A função ou o objetivo maior da Análise de Conteúdo é a inferência, que é um “processo intelectual segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas”. Bardin *apud* Henry e Moscovici (2011, p. 38) diz que: “[...] tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma Análise de Conteúdo”.

A Análise de Conteúdo é um método bastante empírico, não existem roteiros prontos, há apenas algumas regras de base, para guiar o percurso de análise. (BARDIN, 1977, p. 36). Estas regras de base são realizadas através de uma organização já pré-estabelecida, a qual é requisito para realização desta metodologia. A seguir, na figura 6, será mostrado o esquema de organização que foi utilizado para desenvolver esta pesquisa baseada na Análise de Conteúdo.

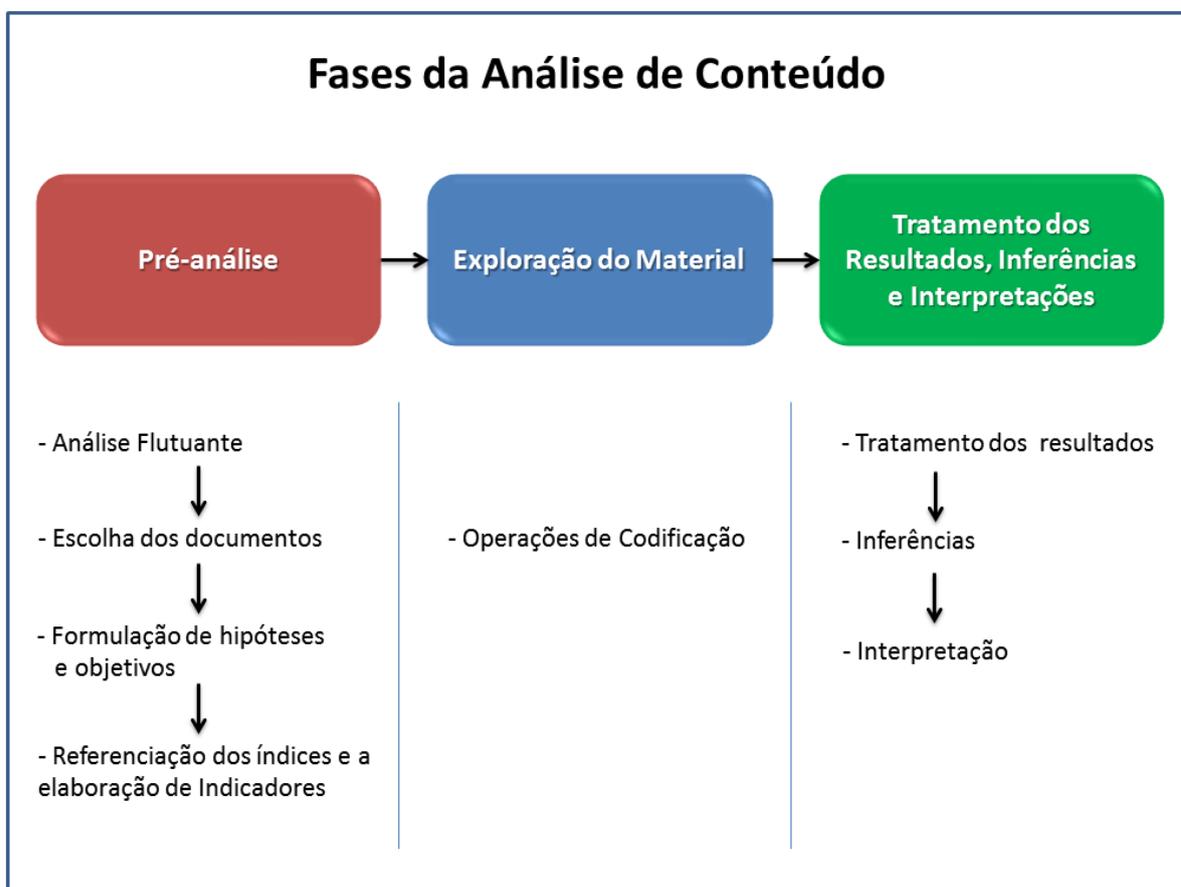


Figura 6 – Organização das Etapas da Análise de Conteúdo.
Fonte: Adaptado pela autora da obra de BARDIN (1977).

Ressalta-se que o anseio para delimitação do tema de pesquisa (aspectos intrínsecos e extrínsecos da motivação) se deu devido às inquietações da pesquisadora em relação às experiências vividas como professora, aluna e *Coach*, como previamente relatado no capítulo 2 desta dissertação.

Portanto, a presente pesquisa foi sistematizada através da metodologia Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977); a organização dos dados, suas análises e conclusões seguiram as etapas vistas na figura 6, tomadas cada uma separadamente (pré-análise, exploração do material e tratamento do resultado, inferência e interpretação dos dados), conforme serão mostradas, detalhadamente a seguir, a fim de comentar melhor os passos e resultados obtidos.

5.1 Pré-Análise

Segundo Bardin (1977, p. 95), a Pré-análise é a fase de organização propriamente dita. O objetivo principal desta etapa é operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais referentes ao objeto de estudo.

Esta primeira etapa está dividida em quatro passos: (1) *análise flutuante*; (2) *escolha dos documentos a serem submetidos à análise*; (3) *formulação das hipóteses e dos objetivos* e (4) *referenciação dos índices e a elaboração de indicadores* que fundamentem a interpretação final.

Vale a pena ressaltar que, segundo a autora,

estes quatro fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estritamente ligados uns aos outros: a escolha dos documentos depende dos objetivos, ou, inversamente, o objetivo só é possível em função das hipóteses, ou, pelo contrário, as hipóteses serão criadas na presença de certos índices (BARDIN, 1977, p. 96).

Para fins deste estudo, foi estabelecido que será seguida a ordem mostrada na figura 6. A seguir será apresentada detalhadamente a primeira etapa da Análise de Conteúdo.

5.1.1 Análise Flutuante

Para Bardin (1977, p. 96), a fase da Análise Flutuante “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”.

Esta etapa é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas. Neste trabalho, esta fase foi realizada através do levantamento de pesquisas científicas (dissertações, teses e artigos científicos), o qual chamamos de Estado do Conhecimento, tanto sobre o tema *Motivação*, quanto *Coaching na Educação*.

Segundo Messina (1998, p. 44),

O Estado do Conhecimento é uma das partes mais importantes de todo trabalho científico, uma vez que faz referência ao que já se tem descoberto sobre o assunto pesquisado, evitando que se perca tempo com investigações desnecessárias. Além disso, auxilia na melhoria e desenvolvimento de novos postulados, conceitos e paradigmas.

Para realizar este levantamento, foram utilizados dois filtros, o primeiro com as palavras-chaves: *Motivação*; *Aprendizado*; *Educação* e o segundo: *Coaching*; *Educação*.

Como já mostrado no quadro 1, foram encontradas o total de 28 pesquisas relacionadas ao tema deste trabalho (11 artigos científicos, 13 dissertações e 4 teses). Através da análise criteriosa dos trabalhos desta primeira pesquisa, foram selecionados aqueles com maior similaridade ao tema, os quais nortearam os próximos passos deste estudo.

5.1.2 Escolha dos Documentos

Ao concretizar a primeira pesquisa do Estado do Conhecimento, a qual teve como propósito instrumentalizar o leitor e o pesquisador acerca do cenário científico em que se encontra inserido o objeto deste estudo, foram escolhidas 10 pesquisas, conforme já mostrado no quadro 2 deste trabalho (4 artigos científicos, 4 dissertação e 2 teses). Para Bardin (1977, p. 96),

Estando o universo demarcado (o gênero de documentos sobre os quais se pode efetuar a análise), é muitas vezes necessário proceder-se à constituição de um *corpus*. O *corpus* é um conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleção e regras.

Para realizar esta etapa, seguiram-se as regras estabelecidas por Bardin (1977): *A Regra da Exaustividade; da Representatividade; da Homogeneidade; da Pertinência*.

- a) *Regra da Exaustividade*: foram analisados criteriosamente todos os trabalhos encontrados sobre *Motivação; Aprendizado; Educação e Coaching* (28 trabalhos) na primeira pesquisa do Estado do Conhecimento;
- b) *Regra da Representatividade*: após analisar todos os trabalhos encontrados, foram selecionados 10 que tiveram mais aproximação com tema (*Coaching e Educação*) em questão e que, por isso, representam bem o que se desejava investigar.
- c) *Regra da Homogeneidade*: foi estabelecido como critério para escolha dos trabalhos os que buscaram pesquisar: (1) sobre o tema *Motivação*, os mesmos referenciais teóricos (Ryan e Deci, Boruchovitch, Bzuneck, Freud, Skinner, entre alguns outros); os que aprofundaram seus estudos sobre a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias* de Deci e Ryan (1995); (2) os trabalhos que usaram a mesma metodologia deste estudo, a Análise de Conteúdo. As escolhas pautadas por (1) e por (2) permitiram que os trabalhos a serem analisados apresentassem maior homogeneidade, isto é, traços de semelhanças que interessavam à pesquisa. Foi conclusivo que as pesquisas e estudos científicos sobre o *Coaching* e suas contribuições para a Educação estão sendo pouco explorados, ou seja, ainda que existam alguns textos e autores discutindo de forma empírica os benefícios do processo, estas observações se dão mais voltados à docência que à discência.
- d) *Regra da Pertinência*: os trabalhos escolhidos como amostra deste estudo são aqueles que comentam sobre *Motivação intrínseca e extrínseca* atendendo ao objetivo que suscita a análise desta pesquisa (o qual será mostrado a seguir).

Uma vez concluído o Estado do Conhecimento, foi realizada uma pesquisa teórica, já apresentada no capítulo 4 deste trabalho, tendo com base autores e teorias escolhidos para fundamentarem esta dissertação. Foram utilizadas como base fontes bibliográficas como livros, artigos e *sites*, as quais aparecem citadas no referencial bibliográfico.

Para Mattar, o levantamento bibliográfico significa (1996, p. 20)

uma das formas mais rápidas e econômicas de amadurecer ou aprofundar um problema de pesquisa é através do conhecimento dos trabalhos já feitos por outros, via levantamento bibliográfico. Este levantamento deverá envolver procura em livros sobre o assunto, revistas especializadas ou não, dissertações e teses apresentadas em universidades e informações publicadas por jornais, órgãos governamentais, sindicatos, associações de classe, concessionárias de serviços públicos, etc.

A pesquisa bibliográfica, então, permitiu à pesquisadora aprofundar temas e teóricos que despertaram ao seu interesse na etapa da análise flutuante. O alargamento do horizonte de pesquisa, agora com critérios melhor estabelecidos, resultaram num aprofundamento do *corpus* do presente trabalho, a partir do qual foram estabelecidos a hipótese e o objetivo geral da pesquisa.

5.1.3 Formulação das Hipóteses e Objetivos

Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. O objetivo é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados (BARDIN, 1977, p. 98).

Após o aprofundamento e escolha criteriosa das pesquisas já existentes aos temas *Motivação; Aprendizado; Educação e Coaching* foram estabelecidos o objetivo geral e hipóteses desta pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho é mapear a influência dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem do aluno, tendo como referência conceitos sobre o tema *Motivação* estudados ao longo dos anos e a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias* de Deci e Ryan (1985), e verificar como o processo de *Coaching* pode contribuir para que evoluam estes fatores na Educação.

Já como hipótese de pesquisa assume-se que o *processo de Coaching* *poderá contribuir para Educação, elevando a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos e o interesse em aprender*. Esta é a afirmação que se propõe testar no decorrer da pesquisa.

Ao estabelecer o objetivo geral e a hipótese deste estudo, foi dada a direção para a elaboração dos indicadores da pesquisa.

5.1.4 Referenciação dos Índices e a Elaboração de indicadores

Após ser explorado o *corpus* de análise (Estado do Conhecimento e Referencial Bibliográfico) e levantados a hipóteses e objetivo geral deste estudo, foram elaborados os indicadores da pesquisa. Para Bardin (1977, p. 99),

se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes – em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas – e sua organização sistemática em indicadores.

Então, principalmente com base na hipótese, os dois indicadores da análise são *Motivação Intrínseca e Motivação Extrínseca*, os quais pretende-se investigar como o processo de coaching pode fomentar.

Aqui finaliza a primeira etapa da Análise de Conteúdo, a Pré-análise, e a seguir serão descritos os passos realizados na fase Exploração do Material, a qual já lança um olhar direcionado à procura dos indicadores da pesquisa.

5.2 Exploração do Material

Sobre esta, que é a segunda etapa da análise metodológica, Bardin diz:

Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, descontos ou enumerações, em função de regras previamente formuladas (BARDIN, 1977, p. 101).

A *Codificação* é a fase do tratamento do material já pesquisado que corresponde a uma transformação, com base em regras precisas sobre as

informações textuais, representativas das características dos conteúdos analisados. Para Bardin (1977), a codificação pode ser feita por uma dessas três escolhas: o recorte ou unidades; a enumeração (regras de contagem); a classificação e a agregação (escolha das categorias).

Para o presente estudo, foi determinada a codificação com base na escolha das categorias. Bardin (1977, p. 119) diz que, “a categorização tem, como primeiro objetivo, fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

Portanto, as categorias foram definidas com base na exploração do material realizada no levantamento bibliográfico, já mostrado e detalhado no capítulo 4.1, **“MOTIVAÇÃO: SUA IMPORTÂNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR”**.

É importante lembrar que, nele, em um primeiro momento, foi realizada uma análise histórica sobre o tema *Motivação*, onde foi mostrada uma linha do tempo dos principais autores e suas respectivas teorias em relação ao tema em questão.

Ao longo dos anos, pode-se notar a busca constante por respostas que levem a entender como o indivíduo consegue se motivar ou ser motivado. Na figura 7, com um cuidado didático, será mostrada a síntese dos principais teóricos e seus respectivos conceitos sobre o tema *Motivação* ao longo dos anos.

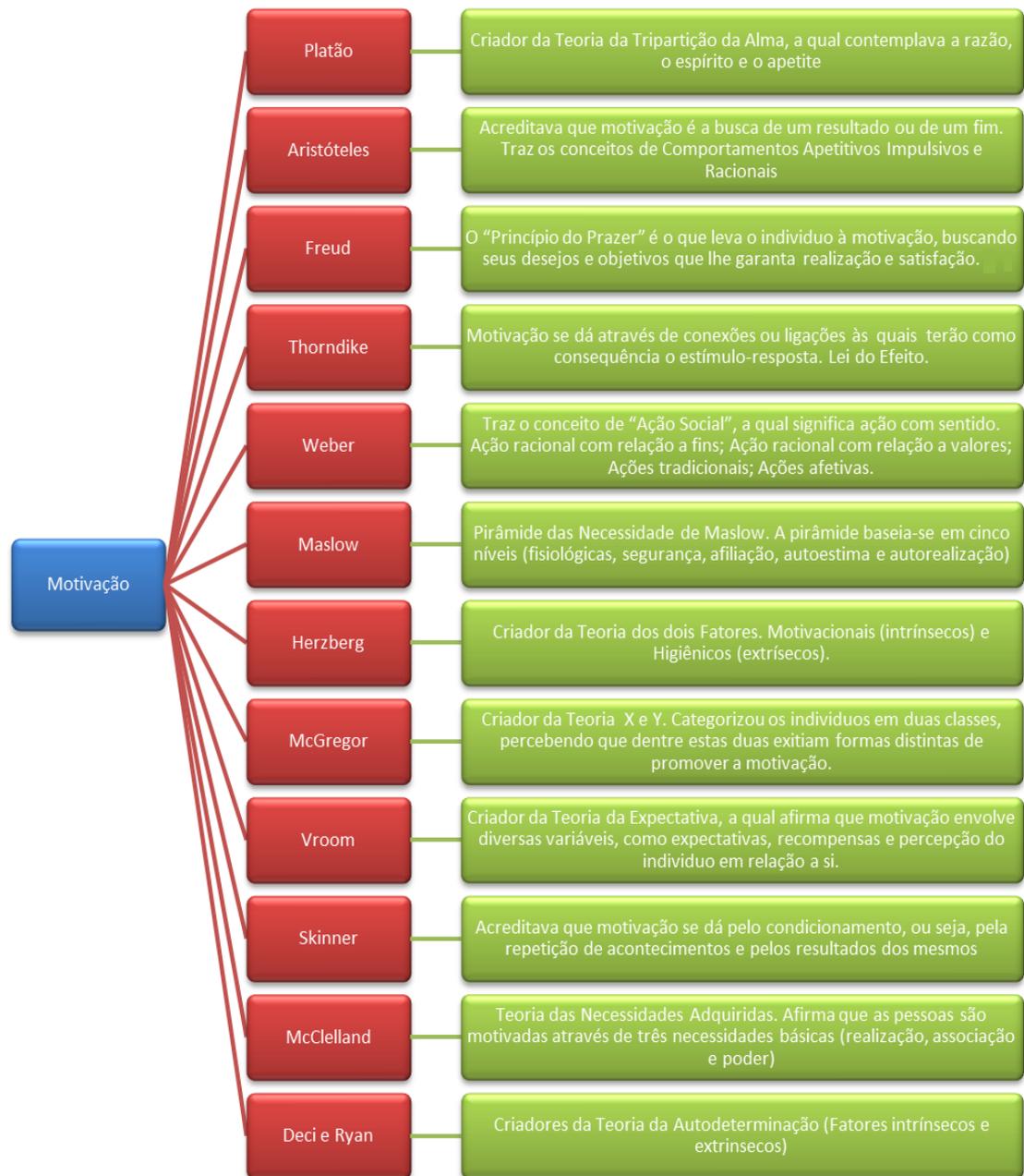


Figura 7 – Síntese dos principais teóricos e seus respectivos conceitos sobre o tema *Motivação* ao longo dos anos

Fonte: Elaborado pela autora.

Em síntese, pode-se observar algumas intersecções entre os pensamentos e conceitos dos teóricos citados, onde um complementa o outro ou ressignifica o pensamento anterior. Pode-se dizer que este foi um primeiro exercício de codificação, no qual a pesquisadora tentou “etiquetar” as informações relevantes de cada teórico sobre o tema *Motivação*. Na sequência será mostrada como foi realizada a interpretação destas informações, o que possibilitou perceber algumas

intersecções entre elas. Para isso, precisam ser recapituladas algumas informações já apresentadas nos capítulos anteriores.

Começa-se então com Freud que, em sua obra “O Princípio do Prazer”, relata que o que leva o indivíduo à motivação é a busca pelo seu prazer. Pensamento este já tratado por Aristóteles em sua teoria *Comportamentos Apetitivos Racionais*, voltado à necessidade de os indivíduos terem objetivos que lhes dão prazer, conceito este reforçado por Platão na *Teoria da Tripartição da Alma*. Max Weber traz o conceito de “Ação Social”, que significa ação com sentido. Já Skinner traz a importância e a preocupação sobre conceitos ligados ao controle comportamental, os quais causam estímulos aversivos, ou seja, que exista desprazer, que cause um incômodo (constrangimento, dor emocional, entre outros). Já o autor Douglas McGregor apresenta a *Teoria X e Y*, com a qual pesquisou sobre o comportamento do colaborador perante o trabalho. Classifica que, na *Teoria X*, o sujeito teria aversão ao trabalho, preferindo evitar responsabilidades, e teria pouca ambição em seu crescimento profissional. Este indivíduo deveria ser estimulado de forma diferente dos demais classificados como Y, sendo então controlado, ameaçado e ordenado. Já os indivíduos classificados como Y demonstram propensão ao trabalho e os mesmos precisam ser motivados e buscam realização profissional para darem resultado.

Pode-se perceber que estes autores, de forma complementar um ao outro, querem dizer que, para um indivíduo ser motivado, ele precisa **ter prazer e ver sentido em suas ações**.

Freud, também em “O Princípio do Prazer”, fala sobre desejos e objetivos e a importância de compreendê-los. Entende que para ter prazer e ver sentidos nas ações realizadas, as mesmas devem estar relacionadas aos **seus objetivos, os quais devem ser bem definidos**.

Aristóteles, em sua teoria *Comportamentos Apetitivos Impulsivos*, comenta que para o indivíduo é muito importante que estejam contemplados seus objetivos primários (nutrição, defesa, ataque). Esta teoria pode ser relacionada com a *Teoria das Necessidades*, demonstrada pela *Pirâmide das Necessidades* de Abraham Maslow, que diz que, para o indivíduo ser motivado, primeiramente precisa contemplar suas necessidades fisiológicas e de segurança, para depois ter autorrealização. Já Frederick Herzberg, na *Teoria dos Dois Fatores*, traz os fatores *Higiênicos*, que trata de fatores ditos extrínsecos, como condições físicas, salários,

entre outros que são importantes apenas para evitar que o indivíduo fique desmotivado, mas sua presença não se torna fator de motivação. Por fim, A *Teoria das Necessidades Adquiridas*, proposta por David McClelland, contextualiza que o indivíduo desperta suas necessidades a partir de experiências vividas, relação com outros indivíduos e pelo ambiente no qual está inserido e afirma que as pessoas são motivadas através de três necessidades básicas (Realização, Associação e Poder). Pode-se perceber que estas necessidades citadas por McClelland compõem as necessidades de ordem superior da Pirâmide de Maslow e os fatores motivacionais sugeridos por Herzberg. Isso mostra a continuidade e a preocupação constante por fatores que possam vir a motivar e potencializar o indivíduo. Então, visto as teorias destes pensadores, assume-se neste trabalho que, para um indivíduo, ser motivado é necessário que **suas necessidades básicas estejam contempladas**.

Ao analisar Edward Thorndike na *Lei do Efeito*, o fortalecimento das conexões é chamado de *Lei do Uso* e, o enfraquecimento, de *Lei do Desuso* e esta conclusão deu origem à *Lei do Exercício de Thorndike*. Estas Leis tornaram-se de grande representatividade no que se refere à aprendizagem e ao efeito das recompensas e punições na motivação do aluno, o que também foi sinalizado por Skinner, quando reprova o método que envolve a punição e defende que o estímulo positivo se dá através das experiências favoráveis que o indivíduo teve. Frederick Herzberg, na *Teoria dos Dois Fatores*, quando fala sobre fatores *Motivacionais*, trata de fatores também chamados de intrínsecos, os quais estão relacionados com a efetividade do indivíduo na execução e resultado de seu trabalho, causando motivação quando existe êxito e desmotivação quando não conquistado. Já o autor Victor Vroom na *Teoria da Expectativa*, afirma que a motivação parte de uma complexa inter-relação que envolve diversas variáveis, como expectativas, recompensas e percepção do indivíduo em relação a si. Portanto, percebe-se aqui que estes autores falam que o indivíduo, para se tornar motivado, **precisa obter consequências positivas em suas ações e, principalmente, que elas não firam seus valores pessoais**, como pesquisado por Skinner sobre estímulos aversivos; isso equivale a dizer que, quando existe desprazer ou sensação de incômodo (constrangimento, dor emocional, entre outros), a motivação não acontece ou é fortemente prejudicada.

Após pesquisar e analisar o tema *Motivação* e o que foi discutido sobre o mesmo ao passar dos anos por diversos teóricos, nota-se uma relação de continuidade e intersecção também com os conceitos trazidos na *Teoria da*

Autodeterminação e suas Mini Teorias. Verifica-se novamente uma intersecção em relação à síntese agrupada nos fatores motivacionais “Ter prazer e ver sentido em suas ações” e “As consequências de suas ações serem positivas”. Como representada na figura 8.

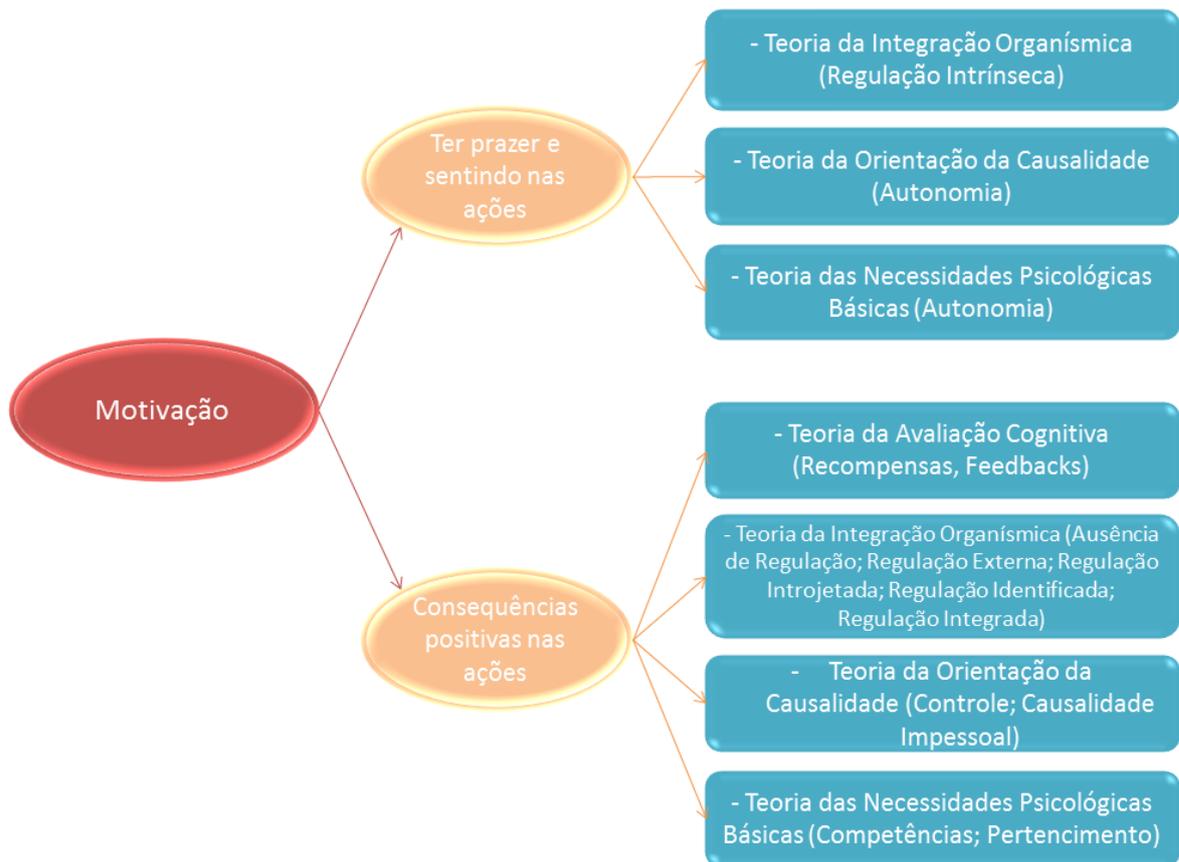


Figura 8 – Intersecção da Teoria da Autodeterminação com os pensamentos de outros Teóricos e Teorias sobre Motivação ao longo dos anos.

Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere a “ter prazer e ver sentido nas ações propostas”, consegue-se ver relação com o que diz a *Teoria da Integração Organísmica*, quando refere-se à Regulação Intrínseca, pois o indivíduo só será capaz de se autorregular se sentir prazer e notar sentido em suas ações. Da mesma forma acontece na *Teoria da Orientação da Causalidade* no que se refere à questão da Autonomia, na qual o indivíduo age em relação aos seus interesses, desejos e necessidades. E por fim relaciona-se com a *Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas*, também na

questão Autonomia, onde o indivíduo, ao ver sentido no que lhe é proposto, se torna agente principal da ação.

Já no que se refere a “Ter consequências positivas nas ações”, consegue-se ver uma intersecção com a *Teoria da Avaliação Cognitiva*, a qual fala que o indivíduo se motiva através de aspectos externos como recompensas e feedbacks favoráveis. Também existe relação com a *Teoria da Integração Organísmica* no que se refere às questões da Desmotivação, Regulação Externa, Introjetada, Identificada e Integrada, uma vez que todas precisam de fatores externos positivos para que o indivíduo faça a transição da desmotivação até a motivação. Já em relação à *Teoria da Orientação da Causalidade*, no quesito Controle e Causalidade Impessoal, o primeiro diz que o indivíduo precisa de incentivos sociais e externos, o qual precisa ser positivo para motivar o mesmo, enquanto que o segundo vincula-se à ineficácia e ao insucesso do sujeito, estando vinculada à autodepreciação, baixa autoestima e quadros depressivos. Por último, também se relaciona com a *Teoria das necessidades Psicológicas Básicas*, nos quesitos Competência e Pertencimento, sendo que o primeiro gera motivação pela percepção de sucesso e êxito na concretização da atividade, enquanto que, no segundo, o indivíduo precisa de vínculos interpessoais seguros e que estas relações sejam fortes e positivas, lhe trazendo proteção.

Portanto, pode-se perceber que, ao passar dos anos, muitos teóricos, teorias e conceitos foram surgindo sobre o tema *Motivação*, mas ao interligarmos estes pensamentos nota-se que cinco fatores são essenciais para a motivação do indivíduo: ter prazer e ver sentido em suas ações; ter objetivos ou desejos bem definidos; suas necessidades básicas serem contempladas ou as que dizem respeito à sua subsistência; ter consequências positivas em suas ações; e as ações não ferirem valores pessoais. Essa síntese fica bem representada na figura 9 que será mostrada a seguir.

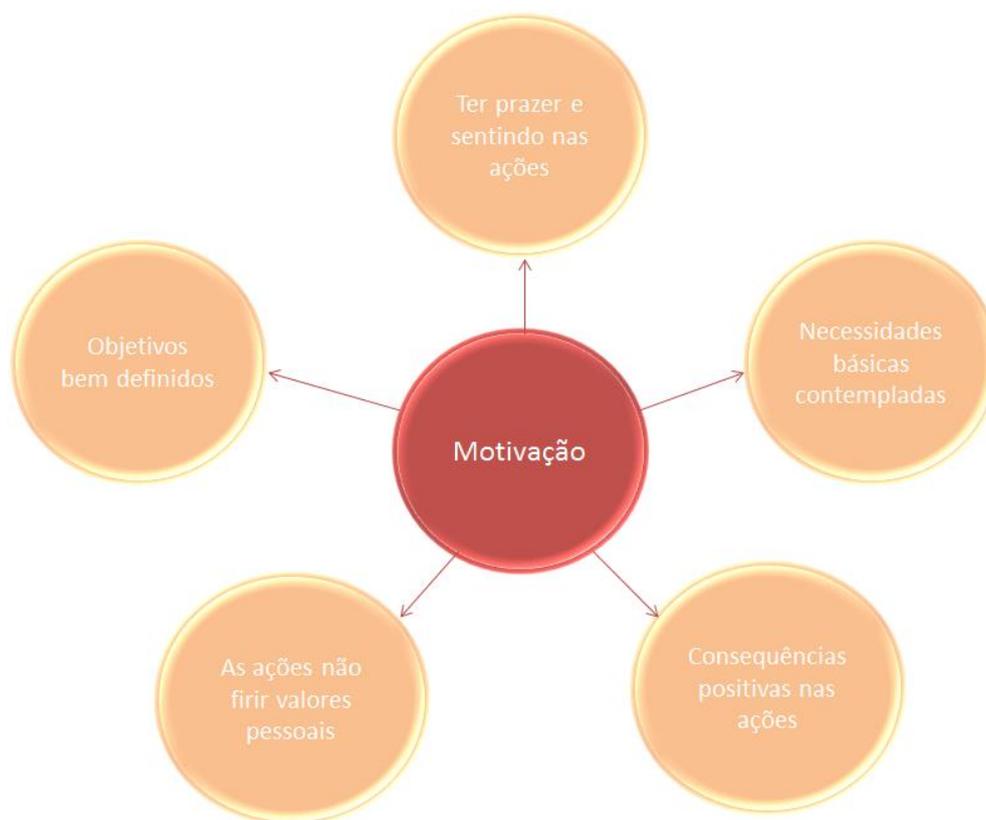


Figura 9 – Intersecção dos principais conceitos sobre o tema *Motivação* ao longo dos anos.
Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 09 é reflexo do processo de agrupamento dos principais conceitos sobre *Motivação* estudados ao longo dos anos. Deste modo, a partir desta análise, surgem as categorias deste estudo, as quais pode-se dizer serem o resultado deste trabalho. No próximo e último passo da Análise de Conteúdo, será feito o tratamento com base nos resultados obtidos até o momento, podendo assim, serem realizadas as inferências e interpretações necessárias, as quais estão para além dos referenciais teóricos até aqui abordados e mencionados, respondendo então ao objetivo e à hipótese deste trabalho à medida que mostram como o *Coaching* pode trabalhar, no aluno, cada uma destas cinco categorias, visando um acréscimo em sua motivação.

5.3 Tratamento dos Resultados, Inferências e Interpretação

Nesta etapa, que é a última parte de análise que a metodologia adotada propõe, os dados são tratados de maneira significativa.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem (BARDIN, 1977, p. 43).

Neste momento o analista (neste caso, a pesquisadora), pode promover inferências e adiantar interpretações, com base no que já foi pesquisado e encontrado até o momento. Neste subcapítulo será apresentada uma síntese das inferências e interpretações realizadas pela autora; porém, será no capítulo 6, a seguir, que a mesma apresentará mais detalhadamente estes dados.

Para Bardin (1977, p. 69), “o objetivo é estabelecer uma correspondência entre o nível empírico e teórico, de modo a assegurar-nos, e é esta a finalidade de qualquer investigação, que o corpo de hipóteses é verificado pelos dados do texto”. Lembra-se, então, que a hipótese de pesquisa afirma: “o processo de Coaching poderá contribuir para Educação, elevando a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos e o interesse em aprender.”.

Então, para atender a hipótese e objetivo deste trabalho, tratamos o resultado obtido e ilustrado na figura 09, dividindo-os entre os indicadores estabelecidos na pré-análise: *Motivação Intrínseca (internos)* e *Extrínseca (externos)*, assim representadas na figura 10 a seguir.

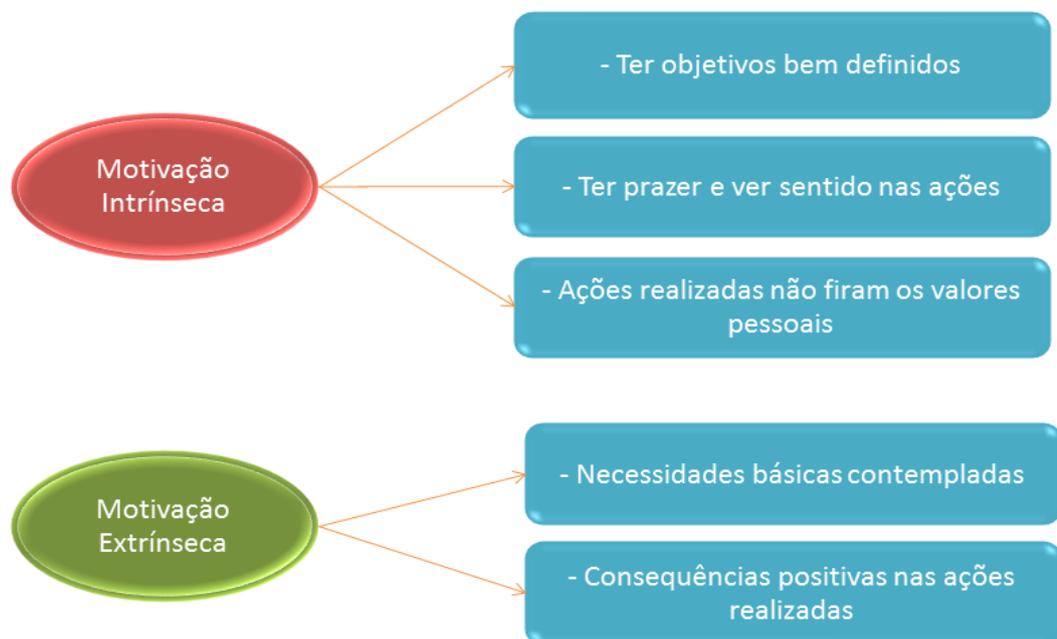


Figura 10 – Indicadores e categorias da pesquisa segundo a Análise de Conteúdo.
Fonte: Elaborado pela autora

Neste momento, retoma-se então o objetivo deste estudo, que diz respeito ao mapeamento da influência dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem do aluno, tendo como referência conceitos sobre o tema *Motivação*, estudados ao longo dos anos, e a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias* de Deci e Ryan (1985), e a verificação de como o processo de *Coaching* pode contribuir para que evoluam estes fatores na Educação.

Relembrando o que já foi visto no capítulo 4.2, **Coaching: Conceitos, Definições e Envolvimentos Atuais com a Educação**, percebe-se que, em vários setores, o *Coaching* vem crescendo e ganhando espaço. Isso se dá pelo fato de ser um maximizador de resultados através de um processo ativo de reflexões. Também foi visto que o processo ainda não ganhou força no sistema educacional, tendo pouquíssimos trabalhos científicos explorando o tema, os quais, em quase sua totalidade, são voltados aos docentes e não aos discentes.

O processo de *Coaching* se dá através de encontros em grupo ou presencial, nos quais são utilizadas técnicas e ferramentas que têm como objetivo provocar mudanças significativas na vida do indivíduo (aluno). Durante o processo, baseado principalmente em reflexões, a pessoa passa por etapas de grande aprendizagem e autoconhecimento e, com isso, consegue ter uma visão clara de seus objetivos, desejos, valores e comportamentos, assim percebendo o que precisa para alcançar os resultados desejados.

Existem inúmeras ferramentas para condução do processo de *Coaching*. Esta variedade é possível devido, principalmente, a onde e como o *Coach* (treinador) realizou sua formação. Contudo, para o presente estudo, as ferramentas mobilizadas escolhidas estão entre as oriundas da Sociedade Brasileira de Coaching (SBCoaching)⁷. Caso necessário, o *Coach* pode preparar os encontros com base nas reflexões estipuladas por ele próprio, se identificar que suas perguntas ou dinâmicas terão melhores resultados de reflexão com base no que será tratado.

Este processo não é estático. Por mais que existam ferramentas pré-definidas, não existe uma ordem ou obrigatoriedade de utilização. Existe, sim, a análise do grupo ou situação e, partindo disso, são escolhidas as ferramentas ou

⁷ O SBCOACHING, uma das maiores empresas de coaching do mundo, é líder e referência nacional e internacional em treinamentos e soluções de alta performance. Seu site é aberto a consultas e está disponível no endereço www.sbcoaching.com.br. Todas as ferramentas que serão em síntese comentas no decorrer do trabalho estão disponibilizadas no Apêndice 3.

reflexões que terão melhores resultados, haja vista o perfil e necessidade da turma ou indivíduo.

As inferências e interpretações, última fase da Análise de Conteúdo, serão feitas com base no tratamento dos resultados obtidos na figura 10, identificando, a seguir, para cada uma das cinco categorias observadas/descobertas/construídas, como o processo de *Coaching* pode contribuir para a evolução dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos do aluno.

Dito isso, primeiramente será analisado como o *Coaching* por atuar nas categorias que compõem a *Motivação intrínseca* (ter objetivos bem definidos; ter prazer e ver sentido nas ações; ações realizadas não ferem os valores pessoais).

Ter objetivos bem definidos: No que se refere ao aluno se motivar para este aspecto, o processo de *Coaching* poderá ser conduzido através da ferramenta chamada **Especificação de objetivos**. A partir das reflexões trazidas pelas perguntas dessa ferramenta, o aluno terá a capacidade de refletir sobre qual seu objetivo perante a escola e seus estudos, fazendo com que estabeleçam metas e ações que irão fazer o mesmo atingir seus resultados. Também faz com que o aluno reflita sobre por que estabeleceu este objetivo, ou seja, o que o motiva a conquistar o mesmo e também sobre o que pode impedir sua conquista. Para fechar a reflexão, o aluno estabelece o grau de comprometimento que ele tem com suas metas, fazendo com que ele se comprometa ainda mais com o que já tinha previamente pensado.

Já para que o aluno reflita sobre “Ter prazer e sentido nas ações”, o *Coaching* pode contribuir através da ferramenta **Ganho e Perdas**, a qual ajudará o aluno a identificar quais são seus propósitos (motivadores e sabotadores). Essa ferramenta permite com que o aluno pense sobre o que ele ganha e o que ele perde atingindo seus objetivos escolares. Com isso, o aluno entende por que está estudando, que existem ganhos e prazeres neste contexto e verifica o que perde (sabota) ao estar buscando seus resultados, criando então, ações que potencializem seu querer pelos ganhos e minimizem o que prejudica o atingimento do que entende que é o ideal.

Por fim, para o aluno se motivar intrinsecamente em relação a “As ações realizadas não ferem seus valores pessoais”, a ferramenta de *Coaching* que poderá ser usada neste caso é a **Identificação de Valores**. Ela ajudará o aluno a perceber como se motiva e o que realmente é importante em sua vida. Definindo seus valores, os alunos começam a determinar suas atitudes. Essa ferramenta, após o

aluno analisar sobre o que realmente é importante em sua vida e o que lhe move ao seu objetivo, faz com que ele pense no máximo cinco valores que os contemplam.

Agora será analisado como o *Coaching* pode atuar nas categorias que compõem a *Motivação Extrínseca* (ter consequências positivas nas ações realizadas; necessidades básicas contempladas).

Ter consequências positivas nas ações realizadas: no que se refere ao aluno se motivar extrinsecamente para este aspecto, o processo de *Coaching* poderá ser conduzido através da ferramenta chamada **Avaliação de Resultados**, a qual ajudará o aluno a perceber o que tem feito de positivo e refletir sobre o que pode ser ajustado e melhorado no que julga estar falho, fazendo com que pense sobre suas atitudes e ações durante o ano. Outras reflexões também despontam, como o que ele imagina que poderia ter feito melhor ou diferente, o que aprendeu durante o ano e o que melhoraria para os próximos, assim gerando ele próprio grande aprendizado em relação aos seus resultados e ações.

Por fim, para entender como o aluno se motiva tendo suas “Necessidades básicas contempladas”, o processo que *Coaching* pode ser conduzido através de reflexões criadas pela própria autora desta dissertação, a qual se refere à **Avaliação das necessidades do aluno**. O processo irá ajudar a escola a perceber o que o aluno necessita, podendo então gerar mudanças ou ações a partir do que foi dito, através de reflexões sobre como o aluno se sente em sala de aula e na escola, o que ele julga ser melhorado, se existe algum fator que está prejudicando seu aprendizado e rendimento e como a escola poderia ajudar-lhe a sanar ou minimizar suas necessidades.

Neste subcapítulo, último passo da Análise de Conteúdo, foi feita uma síntese de como o processo de *Coaching* pode contribuir na *motivação intrínseca e extrínseca* dos alunos, com base nas categorias estipuladas. No próximo capítulo, serão apresentadas, pormenorizadamente, as inferências e interpretações feitas para atender o objetivo deste trabalho.

6. COACHING NA EDUCAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA DO ALUNO

No subcapítulo anterior, foi feita uma síntese de como e através de quais ferramentas o *Coaching* pode contribuir para o Sistema Educacional através da elevação da motivação intrínseca e extrínseca do aluno, assim atendendo o objetivo e hipótese deste trabalho. Já neste capítulo, serão realizadas detalhadamente as inferências e interpretações que finalizam a Análise de Conteúdo. Para isso, serão trazidos alguns pensadores do âmbito da Educação cujas ideias, apresentadas de forma mais aprofundada, ajudarão a validar as reflexões feitas até aqui, ou seja, a construção das categorias e a escolha das ferramentas para cada uma delas.

Como já foi visto nos capítulos anteriores, os anseios, desejos e comportamentos dos jovens alunos vêm mudando constantemente, mas há a sensação de que a escola não vem acompanhando essa mudança. A consequência desse fato é que muitos alunos perdem o sentido do que é e para que serve a escola, sendo que, muitas delas, estão desconectadas do mundo que se diz “real” a eles.

Se quisermos reunir a visão e a vontade para mudar a essência da educação de forma significativa, alinhando o ensino e a aprendizagem com a realidade do mundo contemporâneo, um salto que precisamos dar é entender que o modelo educacional dominante nos dias de hoje não era, na verdade, inevitável. É uma criação humana. Evoluiu por um determinado caminho, mas outros caminhos também eram possíveis (KHAN, 2013, p. 69).

Pode-se dizer que a escola é uma das instituições mais importantes perante a sociedade, pelo fato de a maioria das pessoas passarem um vasto período de tempo de suas vidas inseridas nesse contexto. É uma das principais bases de formação social, pois seus ensinamentos vão além de conteúdos e disciplinas, uma vez que nela são ensinados também valores morais, éticos e sociais.

Para Setton (1999, p. 134),

a escola é definida como espaço público, a serviço de toda a sociedade, ela garantiria a comunhão de ideias e o fortalecimento do espírito coletivo e comunitário. É baseado nisso, no conceito de que a escola desempenha o papel de formadora de cidadãos, que se entende que a escola é um local de educação.

Para Silva e Dallanol (2008, p. 04), “ela tem a responsabilidade de proporcionar aos sujeitos a sua humanização, a realização da sua verdadeira natureza. É um projeto exterior, construído por toda a sociedade, mas que visa à modelagem interior dos agentes”.

É dentro do ambiente escolar que se transformam, em grande parte, os indivíduos que no futuro serão promotores de mudanças. Partindo dessa afirmação, promove-se uma reflexão ao modelo tradicional e atual: como está sendo formado este indivíduo para que o mesmo seja promotor de mudanças futuras?

Numa palavra, transformar o indivíduo autônomo no último referencial da legitimidade do proceder coletivo: que a sociedade ganhe sentido por meio da vontade das pessoas e não que as pessoas obtenham seu sentido do serviço que prestam a uma vontade comum, da qual são porta-vozes irrevogáveis uns poucos predestinados em autoproclamada comunicação direta com o destino do povo, a verdade científica da economia ou as raízes ancestrais da tribo [...] é necessário algo mais: é preciso entregar às novas gerações a completa perplexidade do mundo, nossa própria perplexidade, a dimensão contraditória de nossas frustrações e nossas esperanças (SAVATER, 1997, p. 173).

A escola ainda é reflexo de uma longa construção histórica, marcada por acontecimentos ao longo dos anos, cujos ecos podem ser ouvidos até hoje, pois nesse ambiente é replicada a formação do indivíduo de maneira ultrapassada, com resquícios de uma era que visava uma sociedade reprimida.

A década de 70 foi fortemente marcada pelo regime e ditadura militar. A escola, então, passa a ser compreendida como um pequeno ‘quartel’, onde os comportamentos deveriam ser modelados a partir de contingências de reforço. Controlando a relação entre Estímulo-Resposta-Reforço/Punição, poderia dar conta do processo de aprendizagem, no qual o conhecimento passaria a ser concebido como uma cópia do real. Essa perspectiva promoveu mudanças radicais na Educação, instituindo o tão conhecido e criticado “modelo tradicional de educação” (CORREIA, LIMA & ARAÚJO, 2001, p. 558).

Devido ao condicionamento no âmbito da educação, nasce o *behaviorismo*, que remete para uma modificação do comportamento, tanto dos professores quanto dos alunos, promovendo assim, aos olhares da época, melhorias no quesito aprendizagem, visto que a educação é um importante elemento para transformar a conduta de indivíduos. Para Skinner (1991, p. 119), “educar é estabelecer comportamentos para o indivíduo em um tempo futuro, isso porque a educação dá ênfase à aquisição do comportamento em lugar de sua manutenção”.

Ao entrar no século XX, pelas inúmeras mudanças e exigências do mundo moderno, iniciou-se a ressignificação do indivíduo. O objetivo passou a ser formar um sujeito crítico, livre e autônomo e construtor do próprio conhecimento, ensinando não apenas conhecimentos teóricos nas disciplinas, mas também, valores sociais. Visto isso, o sujeito (aluno) começou a ser valorizado de forma sistemática, pois são os diversos fatores que irão lhe permear os construtores de seus conhecimentos e incrementadores da sua motivação em aprender e conviver no espaço escolar.

Portanto, ao fazer a retrospectiva do que motiva o indivíduo ao longo dos anos, principalmente a partir do século XIX, como já apresentado nos capítulos anteriores, nota-se que a *Motivação* se dá, conforme esquematizado na figura 10, de forma intrínseca (ter objetivos bem definidos; ter prazer e ver sentido nas ações; ações realizadas não ferem os valores pessoais) e extrínseca (ter consequências positivas nas ações realizadas; necessidades básicas contempladas), divisões estas que representam indicadores e categorias deste trabalho.

Então, eis aqui a contribuição do *Coaching* para o sistema educacional e, principalmente, para nossos alunos: proporcionando momentos de reflexões para as duas partes, o aluno entenderá melhor e dará mais sentido às propostas escolares, ao passo que a escola analisará o que é importante para que o mesmo se interesse por aprender e conviver neste espaço.

Na figura 11 a seguir, será mostrada a síntese da relação dos indicadores, categorias e respectivas ferramentas do *Coaching* para melhor entendimento do leitor.

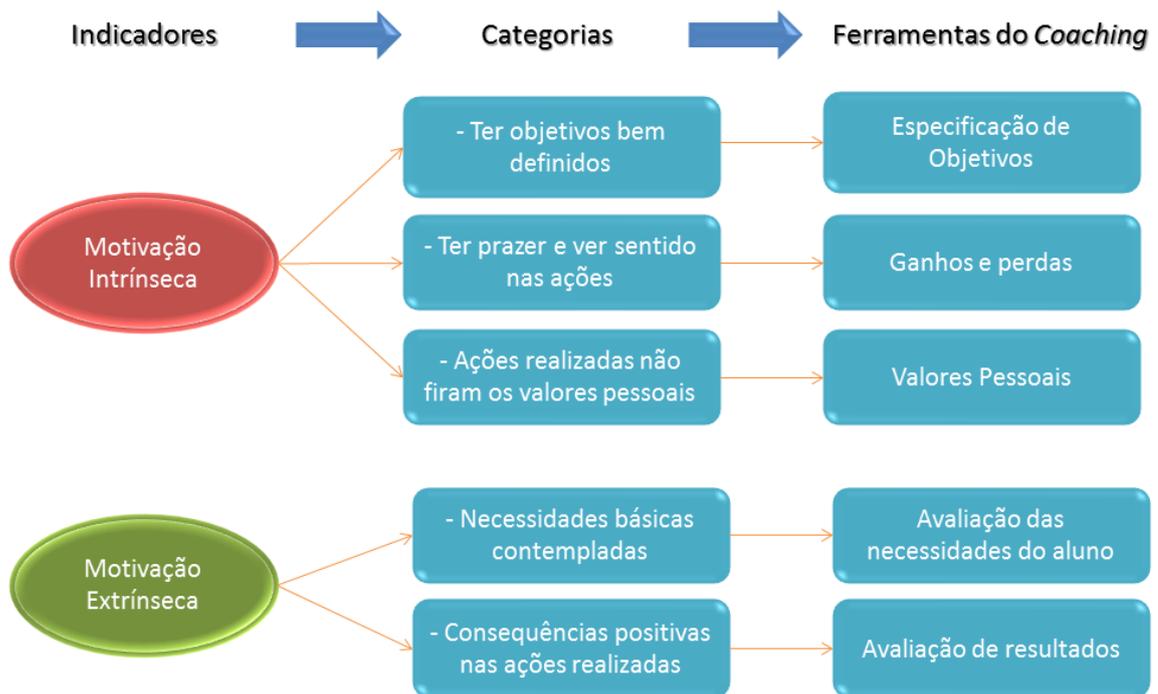


Figura 11 – Indicadores, categorias da pesquisa e respectivas ferramentas do *Coaching*.
Fonte: Elaborado pela autora

O *Coaching* pode vir a ser uma nova forma de condução pedagógica, como defende Santos (2015, p. 09) ao dizer:

O *Coaching* na educação está focado fundamentalmente na preocupação com um aluno vivo, inquieto e participante, bem como um professor que não teme suas próprias dúvidas e com instituições educacionais abertas, vivas, postas no mundo e conscientes de que vivemos no século XXI, e que neste sentido é preciso repensar a postura acadêmica, comunicando e construindo assertivamente, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica e criatividade.

A seguir, serão realizadas as inferências e interpretações, mostrando como o *Coaching*, através de suas ferramentas, junto com suporte teórico de pensadores do âmbito da Educação, pode contribuir para a elevação da *motivação intrínseca* e *extrínseca*, isto é, pode interferir positivamente nas categorias encontradas, as quais contemplam a síntese das teorias estudadas sobre *Motivação* ao longo dos anos.

6.1 *Coaching* na Educação: Uma contribuição para Motivação Intrínseca

A motivação intrínseca, como dito anteriormente, é a que se dá de dentro para fora. É estimulada e fortificada quando o indivíduo envolve-se em funções que considera prazerosas, interessantes e desafiadoras.

Para Deci e Ryan (2002, p. 128),

A motivação intrínseca reflete a tendência humana de engajar-se em atividades interessantes e desafiadoras em termos de aprendizado e desenvolvimento. Os indivíduos experimentam a motivação intrínseca quando suas necessidades inatas de autonomia (estar no controle de sua própria vida e agir em harmonia com seu eu interior), competência (capacidade de lidar de modo eficaz com o meio que o cerca) e relacionamento ou conexão (desejo de interagir, de conectar-se com as pessoas e de fazer algo em benefício dos outros) são satisfeitas.

Para fins deste estudo, foi estabelecido como *motivação intrínseca*: ter objetivos bem definidos; ter prazer e ver sentido nas ações; ações realizadas não ferem os valores pessoais. A seguir, será mostrado como o *Coaching* poderá contribuir para desenvolver mais cada uma delas.

6.1.1 *Objetivos bem definidos*

Um grande fator para que aumente a motivação intrínseca do aluno é que o mesmo tenha seus objetivos bem definidos, isto é, que entenda o que quer e como deseja alcançar seus resultados escolares.

Fazer com que o aluno tenha objetivos claros é fazer com que veja suas ações concentrando seus esforços para que consiga sua realização, visto o que acredita que para ele é importante.

A motivação do aluno, portanto, está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula. Surge daí a conclusão de que seu estudo não pode restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto (BROPHY, 1983 apud Bzuneck 2000, p. 11).

Para KUPFER (1995, p. 79), “o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento, ressaltando o porquê da sua importância. Os alunos precisam ser provocados, para que sintam a necessidade de aprender”.

Neste aspecto o processo de *Coaching* poderá contribuir através da ferramenta chamada **Especificação de objetivos** (Apêndice 3).

Esta ferramenta proporciona, através de suas reflexões, que o aluno perceba o seu objetivo em estar estudando e quais as metas que ele estabelecerá como ideal para atingir seus resultados.

Segundo Charlot (2005, p. 96),

o saber, para alguns alunos tem importância por si só; é o aprender pelo gosto de aprender. Para outros, estudar significa também uma conquista de saber, mas o que se visa essencialmente é passar para a série seguinte, obter um diploma e, em consequência, um bom emprego. Nesse caso, a meta não é o saber escolar em si, mas aquilo que se poderia alcançar através dele.

Primeiramente, então, é estimulado que o aluno reflita de fato sobre qual seu objetivo. Por ser algo intrínseco, cada um terá anseios e desejos diferentes e, portanto, entenderão o espaço escolar e seus desafios de maneiras distintas, fazendo com que o sentido e respostas encontradas sejam livres e únicas.

Qualquer objetivo principal definido deliberadamente fixado na mente e nela conservado, tendo-se a determinação de realizá-lo, acaba por saturar todo o subconsciente até influenciar automaticamente a ação física do corpo, para a consecução do referido propósito (HILL, 2014, p. 113).

Deste modo, o aluno entendendo e compreendendo seu objetivo, dará norte a sua caminhada educacional. É importante também que o mesmo entenda o porquê está querendo atingir este objetivo e o que ganhará ao obter este resultado.

Essa ferramenta também faz com que o aluno reflita sobre o que pode vir a lhe prejudicar e fazer com que não atinja seu resultado esperado. Essa reflexão é importante para identificar quais situações pode vir a interferir negativamente na conquista de seu desejo.

Por fim, o aluno estabelece quais ações ele fará para atingir seu objetivo, visto suas vontades/necessidades individuais e suas expectativas.

6.1.2 Ter prazer e ver sentido nas ações

As aprendizagens vão acontecer em função das necessidades do indivíduo; estas tendem a gerar um desequilíbrio, fazendo com que imediatamente surjam motivos; [...] assim podemos dizer que, para que ocorram as

aprendizagem é necessário um estado de alerta (moderado), impulso, vontade e desejo de aprender, ou seja motivação (ROSA, 2007, p. 28).

Ao analisar a questão do aluno ter prazer em relação ao saber, primeiramente não se pode deixar de interpretar e levar em consideração o mundo que age sobre ele, assim buscando a melhor situação a partir de sua condição de vida. Para Charlot (2005, p. 40), “a sociedade não pode ser analisada apenas em termos de posições sociais, é preciso também levar em consideração o sujeito na singularidade de sua História e das atividades que realiza”.

Ainda que o sujeito se construa socialmente, ele se faz único entre todos os indivíduos, pois individualmente constrói-se em sua própria história. Charlot comenta (2000, p. 78) que “um indivíduo não seria nunca o resultado passivo das influências do ambiente. Ele é influenciado na medida do sentido que dá àquilo que o influencia, ou seja, a influência é uma relação e não uma ação exercida pelo ambiente sobre o indivíduo”.

Em pesquisas feitas por Charlot (2005, p. 41) sobre a relação com o saber, o autor busca principalmente compreender como o sujeito categoriza e organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar, como apreende o mundo e como o sujeito se constrói e transforma a si próprio.

Charlot (2005) diz que o sujeito não tem propriamente uma relação com o saber, ele é sua relação com o saber e esta, por sua vez, pode ser concedida como:

o conjunto das relações que um sujeito estabelece com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., relacionados de alguma forma ao aprender e ao saber – consequentemente, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a atividade no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo, como mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação (Charlot, 2005, p. 45).

O fato de aprender pode ser compreendido para Charlot (2000, p. 68) como “passar da não-posse à posse, da identificação de um saber virtual à sua apropriação real”.

Charlot explica (2000, p. 123) que

o sentido é produzido através do estabelecimento de relações com a experiência, ou seja, se produz nas próprias relações com o mundo, com os

outros e consigo mesmo. Algo faz sentido para o sujeito se esse algo tiver relações com outras “coisas” que ele já encontrou no mundo, que já pensou, ou com questões que já se propôs ou propôs a outrem. Em suma, quando um sujeito se mobiliza para uma atividade, sente-se engajado em algo que o mobilizou, algo que lhe faz sentido (interno-externo-interno).

Visto isso, na categoria “Ter prazer e sentido nas ações”, o *Coaching* pode contribuir através da ferramenta **Ganho e Perdas** (Apêndice 3), a qual ajudará o aluno a identificar quais são seus propósitos (motivadores). Essa ferramenta permite que o aluno pense sobre o que ele ganha e o que ele perde atingindo seus objetivos escolares, identificando quais são seus prazeres e o que o move, ou seja, que sentido ele dá ao estar atuando nesse espaço.

Charlot (2000) diz que o aluno, para se apropriar do saber escolar, precisa estudar, envolver-se em uma atividade intelectual e estar mobilizado em relação à escola. E, para que essa mobilização aconteça, é necessário que a aprendizagem faça sentido para ele, que responda a um “desejo”.

Com isso, o aluno entende o porquê e para que está estudando, que existem ganhos e prazeres neste contexto e verifica o que perde (sabota) ao estar buscando seus resultados, criando então, ações que potencializam seu querer pelo ganhos e minimizam o que prejudica o atingimento seus resultados.

6.1.3 As ações não ferem seus valores pessoais

A escola é formadora de valores, local que propicia momentos de múltiplas trocas de ideias, pensamentos e culturas. Várias metodologias e didáticas usadas em sala de aula colaboram consideravelmente para a formação da personalidade dos alunos e para um processo de preparação para vida pessoal e profissional e para geração de cidadania.

Martinelli (1996, p. 21) afirma que

os valores humanos, na escola, estão presentes na apreciação e assimilação do conhecimento de todos os conteúdos a serem ensinados. Os valores integram o conhecimento, a família, a escola e a vida em sociedade. Vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida, construindo uma consciência da ética e da estética do bem.

O espaço escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito, aumentando ainda mais a responsabilidade da escola quando vista deste

ângulo, pois a mesma se torna responsável pelo desenvolvimento de competências que visam o crescimento dos estudantes em termos de valores, atitudes e construção do pensamento.

Para Souza (2010, p. 45), a escola contribui na formação do indivíduo

ao criar ações de construção e formação, do conhecimento a partir de um processo de geração de meios que possam contribuir para o engrandecimento cultural e o desenvolvimento de ideais de cidadania, respeito ao próximo, conhecimento e busca incessante do desenvolvimento do aluno nos vários aspectos da vida humana.

Como já visto, Skinner ressalta a influência direta que o meio causa no ser humano, por isso em seus estudos é valorizado a recompensa para construção de melhores comportamentos (valores).

Para Piaget (1977, p. 78),

na esfera moral, existe a ideia de noção de justiça na criança, ao referir-se a uma oposição existente entre dois tipos de respeito, e conseqüentemente, entre duas morais: a de obrigação e a de cooperação. Uma trata do dever, a outra do respeito mútuo. Quando a criança desenvolve uma formação baseada na justiça de cooperação é possível que ela possua um senso de justiça igualitário ao longo de sua vida.

La Taille (2002, p. 98) relata que na educação infantil existem duas fontes educacionais da criança: família e escola, tornando influenciadores de valores e definições sobre a vida.

O contexto social e midiático também acaba sendo produtor de conceitos e influenciador de comportamento. Como o fácil e disseminado acesso à informação, os valores aprendidos na família e na escola foram perdendo espaço para diferentes valores voltados ao mercado do consumo.

A criança geralmente forma seus valores através das pessoas com as quais convive e do meio onde vive. Segundo Souza (2010, p. 98),

a criança recebe determinada cultura de seus cuidadores, bem como influências do meio em que vive. Caso ela não obtenha valores de uma vida mais plena, dificilmente formará um conceito interno a respeito. A preocupação nesta altura das reflexões alcança os valores que o ser humano formou e os vive a partir de uma condição intrínseca. Ao contrário de alguém que percebe a necessidade de ter de se adequar às regras e normas circunstanciais de um dado momento, para uma demanda específica. Temos, então, valores adaptados e considerados extrínsecos. Seu efeito pode durar tanto quanto os seus objetivos permaneçam disponíveis. Aquele que possui valores intrínsecos tem maior chance de

resistir às atribuições que a vida reserva. Sofre, contudo, encontra sustentação diante das dificuldades existentes. Vê o campo de batalha no qual se situa, porém, tem ânimo e força para continuar lutando e planejando as perspectivas. É como se encontrasse uma companhia vital para continuar a jornada. Os valores religiosos são forte exemplo desse tipo de sustentação. Por outro lado, quem convive com valores extrínsecos, é presa fácil dos problemas. Sucumbe, quase sempre, ao primeiro vento que sopra contrariamente. Não há uma estrutura formada que ofereça apoio e perseverança. Encontra, na maioria das vezes, o desespero como aliado. Sente-se só.

A escola e os pais têm um papel fundamental junto aos alunos, no que se refere à construção de valores pessoais sólidos. Portanto, em uma escola, ao vivermos a convivência de tantos alunos em conjunto traz à tona a complexidade do cenário escolar e das vivências humanas de uma forma mais intensa, pois, em um mesmo local, vários valores, várias culturas e vários comportamentos, sendo eles bons e ruins, se mesclam.

Uma pessoa, ao carregar valores internos, é capaz de realizar ações que se aproximem de seus sonhos, avaliando acontecimentos, gerando mudança e indo em busca de seus resultados. Para Souza (2010, p. 45), “torna-se importante o exercício de compreender que formas de valor podem estar presentes nas pessoas. Dependendo das características existentes desde o nascimento, somadas as aprendizagens e experiências vividas, resultaram em diferentes valores encontrados em cada um”.

É de extrema importância que o aluno compreenda o que significam valores, para não ferir ou se permitir ser ferido. Através das reflexões, ele começará a entender o que significa respeito, o que significa família, crenças, entre outros assuntos. A contribuição destas reflexões podem vir a ser a diminuição do *bullying*, o aluno entender que o que faz com o outro pode vir a lhe ferir e desrespeitar, como também, pode entender de uma maneira mais clara que está sendo ferido ou desrespeitado.

Então, para o aluno se motivar intrinsecamente em relação a “As ações realizadas não ferem seus valores pessoais”, a ferramenta de *Coaching* que poderá ser usada neste caso é a **Identificação de Valores** (Apêndice 3), pois ela o ajudará a perceber como se motiva e o que realmente é importante em sua vida.

A ferramenta fará com que o aluno reflita sobre os seguintes questionamentos: Pense em seus objetivos. Por que este objetivo é importante? O que sua realização lhe trará? Pense nas coisas que são mais importantes para

você? O que estas coisas lhe proporcionam? O que é mais importante para você na sua vida? Qual é o sentimento que isto lhe traz? Por que isto é importante para você? Você pode se lembrar de um comportamento indesejado? Se apenas este comportamento lhe trouxesse algum benefício, qual seria? O que este comportamento lhe proporciona?

Através destas reflexões, o aluno conseguirá compreender quais os valores regem suas atitudes e o que dá sentido e importância para suas ações. Por fim, o aluno define seus principais valores e começa a compreender e determinar suas atitudes, analisando sobre o que realmente é importante em sua vida e o que lhe move ao seu objetivo.

6.2 *Coaching* na Educação: Uma contribuição para Motivação Extrínseca

A motivação extrínseca é a que se dá de fora para dentro, ou seja, aquela que o meio influencia diretamente no comportamento, atitudes ou resultados. É estimulada e fortificada quando o indivíduo tem certo tipo de recompensa ou incentivo.

Segundo os autores Boruchovick e Bzuneck (2001, p. 67),

a motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo a tarefa ou a atividade, como a obtenção de recompensas materiais ou sociais de reconhecimento, objetivando atender aos comando ou pressões de outras pessoas, ou para demonstrar competência ou habilidades.

Para fins deste estudo, foi estabelecido como *motivação extrínseca*: ter consequências positivas nas ações realizadas e as necessidades básicas serem contempladas. A seguir, será mostrado como o *Coaching* poderá contribuir para evolução de cada uma delas.

6.2.1 *Ter consequências positivas nas ações realizadas*

o fracasso escolar não é apenas diferença. É também uma experiência que o aluno vive e interpreta. [...] A expressão “fracasso escolar” designa: as situações nas quais os alunos se encontram em um momento de sua história escolar, as atividades e condutas desses alunos, seus discursos. [...] ele encontra dificuldades em certas situações, ou orientações que lhe

são impostas, ele constrói uma imagem desvalorizada de si... (CHARLOT, 2000, p. 17-18).

É importantíssimo o aluno entender e compreender seus comportamentos, para que com isso ele reflita sobre suas ações e consequências oriundas da mesma. Neste momento, ele estará formando aprendizado. Para que isso aconteça, ele precisa entender o que realmente importa para ele e o que ele gostaria de melhorar e evoluir.

Para Skinner (1971, 98),

mesmo que se defenda a não utilização de enunciados valorativos em uma teoria científica do comportamento, esse posicionamento não impossibilita o estudo científico do próprio comportamento valorativo, isto é, dos comportamentos de atribuir valores às coisas.

Nas observações de Skinner (1971) sobre o ambiente escolar, notou o déficit nos métodos e didáticas utilizadas. Ele comenta exemplos de humilhação, coação, retirada de privilégios etc como forma de obrigar o jovem a fazer o que não deseja. Métodos estes ainda são utilizados nos dias de hoje, enquanto que deveriam ser substituídos por melhores alternativas para melhoria de técnicas de ensino.

Para Figueiredo (1989, p. 85), na teoria Skinneriana sobre o conceito do Comportamento *Operante*, existe uma "[...] classe de respostas definida pelas relações funcionais do comportamento com suas consequências, com o estado de motivação e com as condições ambientais presentes no momento em que a resposta ocorre".

Segundo Skinner (2000, p.252.) “com frequência o indivíduo vem a controlar parte de seu próprio comportamento quando uma resposta tem consequências que provocam conflitos - quando leva tanto a reforço positivo quanto a negativo”.

É importante salientar que Skinner, um dos principais teóricos da Educação, fazia várias ressalvas ao uso da punição, principalmente em contextos educacionais pois, acreditava ocasionar efeitos colaterais destrutivos aos indivíduos.

Então, no que se refere ao aluno se motivar extrinsecamente para “Ter consequências positivas nas ações realizadas”, o processo de *Coaching* poderá ser conduzido através da ferramenta chamada **Avaliação de Resultados** (Apêndice 3), a qual ajudará o aluno a perceber o que tem feito de positivo e refletir sobre o que pode ser ajustado e melhorado no que julga estar falho.

Esta ferramenta usa os seguintes questionamentos, chamando o aluno à reflexão: O que você fez de muito bom durante o ano? Por que este ano valeu a

pena? O que você imagina que poderia ter feito diferente? Se pudesse voltar no tempo e ir lá para o início do ano, o que você ajustaria nesta caminhada? De tudo que viveu durante este ano, o que serviu de aprendizado para sua vida? Quais suas expectativas para o ano que vem? O que fará diferente no início do outro ano?

Nisto, faz com que o aluno pense sobre suas atitudes e ações durante o ano; o que ele imagina que poderia ter feito melhor ou diferente, o que aprendeu durante o ano e o que melhoraria para os próximos bimestres ou ano.

6.2.2 Necessidades básicas contempladas

Partindo da Pirâmide de Maslow, como já visto em momentos anteriores a este estudo, as primeiras necessidades do ser humano são as fisiológicas e as de segurança, tanto física como psicológica.

Com base na hierarquia das necessidades do ser humano, todas as pessoas dependem para sua sobrevivência e desenvolvimento das principais necessidades fisiológicas e de segurança como, por exemplo, ar puro, abrigo seguro, alimentação adequada, entre outros fatores como limpeza, clima etc para poder interessar-se por outras esferas de anseios humanos, visando sua realização.

Para Souza (2010, p.98), a

escola deve ser um local que atenda também essas necessidades, por exemplo: a merenda escolar, qualidade no ensino; a orientação ao recreio escolar; o cuidado com o mobiliário e ambiente escolar livre de risco de os alunos se machucarem, assim como limpo, organizado, bem arejado, com temperatura agradável e saudável. O cuidado com a organização do espaço, a ventilação, a higiene, o controle de ruídos fazem parte dessa atenção.

Porém, a necessidade de segurança precisa também ser sanada, criando um ambiente livre de agressões por palavras, que esteja atento ao descuido, abandono, preconceito, desconsideração, omissão, discriminações, favoritismos, arbitrariedades, tratamentos impessoais, autoritarismo, privação de atenção etc, todos estes elementos que podem funcionar como agressões aos alunos, produzindo sentimentos de insegurança que destroem sua autoestima.

Segundo Souza (2010, p. 78), “muitas vezes essa falta de segurança é a condição natural em que muitas crianças vivem, cabendo à escola estar atenta para

compensar os efeitos adversos do lar sobre a capacidade e predisposição dos alunos para aprender”.

O *bullying* é um dos grandes fatores que se pode identificar para exemplificar a falta de segurança psíquica que o aluno pode enfrentar na escola. Muitas pesquisas confirmam que a maioria dos alunos deixa a escola pelo fato de se sentirem ameaçados e humilhados. Neste caso, o *bullying* pode promover outros sentimentos, como o medo gerado pela insegurança, prejudicando diretamente o desenvolvimento das pessoas, servindo como inibidoras da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno.

Segundo Souza (2010, 86), “é necessário ter a atenção voltada para garantir as condições psicológicas, sociais e físicas necessárias ao desenvolvimento do sentido de segurança”.

Então, para a escola promover a motivação do aluno tendo suas “Necessidades básicas contempladas”, o processo que *Coaching* pode ser conduzido através de reflexões criadas pela própria autora desta dissertação, a qual se refere à **Avaliação das necessidades do aluno** (Apêndice 3).

O processo irá ajudar a escola a perceber o que o aluno necessita, através de perguntas como: Como se sente na escola? O que você julga que pode ser melhorado em nosso ambiente escolar? Existe algo que está prejudicando seu rendimento em sala de aula? O que podemos fazer para ajudá-lo?

Tendo posse destas respostas e analisando as mesmas, a escola pode gerar mudanças ou ações a partir do que foi dito, através de reflexões sobre como o aluno se sente em sala de aula e na escola, o que ele julga ser melhorado, se existe algum fator que está prejudicando seu aprendizado e rendimento e como a escola poderia ajudar-lhe a sanar ou minimizar suas necessidades.

Então, pode-se perceber no decorrer deste capítulo que o objetivo deste trabalho foi atendido e a hipótese confirmada, pois, tanto para as categorias intrínsecas quanto para as extrínsecas, o processo de *Coaching*, através de suas ferramentas, pode contribuir para que o aluno venha a refletir sobre os fatores que ao longo dos anos foram ditos motivacionais para o indivíduo (aluno). A seguir, será demonstrado como o processo por ser conduzido nas escolas através de um relato da própria autora em sua experiência como *Coach* no sistema educacional.

7. COACHING NA EDUCAÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Como já mostrado no capítulo 2, “CONTEXTUALIZANDO O INTERESSE PELA ÁREA PESQUISADA”, este trabalho teve como grande motivador para sua realização as experiências profissionais vividas pela autora, principalmente quando a mesma atuou como *Coach* em uma instituição educacional junto com alunos que estavam se preparando para realizar, ao final do ano de 2016, as provas do ENEM e vestibulares.

Tudo começou pela observação da autora, quando percebeu que não era apenas o fato de estudar (ou seja, melhores professores, metodologias ou materiais didáticos utilizados) que levaria o aluno a alcançar seu objetivo, neste caso, a aprovação. A autora constatou que vários fatores que estavam para além da teoria, como problemas pessoais, falta de confiança em si, nervosismo e ansiedade demasiada, entre outros, interferiam na maneira como o aluno aprendia.

Para aprenderem a lidar com essas situações, a autora formou um grupo de trabalho com 23 alunos (de Pelotas e Rio Grande), com idades e objetivos distintos (fotos dos encontros disponíveis no Apêndice 4 deste trabalho). O projeto atuou com base no processo de *Coaching* e tinha como objetivo potencializar os resultados dos estudantes que estavam se preparando para as provas do ENEM e Vestibulares, além de contribuir para que eles decidissem e reafirmassem a escolha de suas futuras profissões. Para tal, foram desenvolvidas ações durante todo o ano com o foco na aprovação, aumentando a autoestima, diminuindo o estresse, ansiedades e medos dos alunos.

O processo de *Coaching* foi dividido em 5 etapas, cada uma delas mostrada na figura 12. Começando pela etapa de definição e alinhamento dos objetivos.



Figura 12 – Etapas do Método MAP.
Fonte: Elaborado pela autora

O projeto foi composto por 20 sessões, totalizando 30 horas (1h 30min por encontro) de desenvolvimento junto aos estudantes. Nas sessões foram utilizadas técnicas e ferramentas específicas, desenvolvidas a partir da necessidade e linguagem dos estudantes, fazendo com que refletissem sobre a definição do objetivo principal. Também se preparou o vestibulando para o momento da prova, elevando sua autoestima, desenvolvendo suas competências na administração do tempo e domínio de suas emoções em situações de alto nível de estresse, além de os ajudar a criar estratégias eficazes de aprendizagem e melhoria de raciocínio e de memória.

A primeira etapa, *Definição e Alinhamento do Objetivo*, tinha como princípio estimular o estudante para que ele identificasse assertivamente sua profissão (Objetivo), o que vem a ser um dos principais passos para esta caminhada até a prova do ENEM.

Os excertos de depoimentos aqui partilhados mantêm os alunos no anonimato, o que não pormenoriza o valor das suas falas.

Depoimento do aluno A:

“Quando cheguei no MÉTODO MAP estava muito perdida, sem saber qual caminho seguir. As sessões me ajudaram a visualizar meu objetivo com mais clareza, me ajudando a escolher qual caminho deveria seguir e assim alcançar minha meta. Hoje sou BIXO em Moda.”

A segunda etapa, *Estabelecimento das Ações Estratégicas*, serve para, após o estudante ter sua profissão estabelecida, pensar ações para a busca da mesma. Estimula-se que o estudante se conheça cada vez mais, e, assim sendo, promova ações que levarão à sua aprovação.

Depoimento do aluno B:

“No início de 2016, quando resolvi que faria mais um ano de cursinho, sabia que precisaria mudar algumas coisas na minha rotina. Após o começo das aulas conheci o método MAP, o qual foi fundamental para a consolidação das mudanças e para que o meu foco nos estudos permanecesse o mesmo apesar do cansaço. Hoje, aprovada na medicina, afirmo o quão importante e eficiente foi o Método MAP para a minha conquista!”

A terceira etapa, *Elevação da Autoestima e Autoconfiança*, considera que, ao se aproximar do momento da prova, como ele vem junto alguns fantasmas que costumam amedrontar a vida e o rendimento do estudante. Por isso são trabalhados seus medos, anseios e conhecimento de suas potencialidades, as quais são fundamentais para atingir seu objetivo.

Depoimento do aluno C:

“O método MAP fez com que eu me visse de uma forma diferente, pude deixar de ser tão insegura e consegui ir confiante para as provas. Também mostrou-me minhas forças e como podia usá-las para alcançar meu objetivo, o que foi cumprido. Com o método pude crescer e me tornar alguém melhor!”

A quarta etapa, última antes da prova do ENEM, *Controle dos Estados Emocionais*, é momento de conhecer algumas técnicas que irão diminuir a tensão e ansiedade do aluno, aumentando seu foco e concentração no momento da prova.

Depoimento do aluno D:

“O Método MAP foi essencial na minha trajetória como vestibulanda e me ajudou a transformar 2016 no MEU ano! Além dos ensinamentos e trabalhos com a questão emocional, me presenteou com um ótimo grupo, com o qual eu podia desabafar e receber apoio. A cada sessão eu acreditava mais no meu potencial, o que me deu forças para ir até o fim com foco no meu objetivo.”

A quinta e última etapa, *Avaliação dos Resultados*, é um momento muito importante, pois nele será gerado aprendizado pelo aluno.

Depoimento do aluno E:

“O Método Map foi uma experiência muito gratificante na minha vida. Na última sessão, refleti sobre meu ano, tudo aquilo que tinha feito de bom e que analisei como crescimento e também tive a oportunidade de refletir sobre o que mudaria ou ajustaria em minhas ações, o que me fez aprender com minhas falhas. Hoje termino o ano, com a sensação de dever cumprido e com gratidão a tudo que fiz por mim”.

Neste projeto, foram contemplados outros aspectos motivacionais e, portanto, os fatores pesquisados nesta dissertação fizeram parte da evolução destes jovens: motivação intrínseca (Ter prazer e ver sentido nas ações, Objetivos bem definidos e Ações não ferem os valores pessoais) e motivação extrínseca (Necessidades básicas contempladas e Consequências positivas nas ações realizadas), as quais foram trabalhadas utilizando-se das mesmas ferramentas sugeridas nos subcapítulos anteriores.

Por fim, o resultado deste grupo foi surpreendente e extremamente estimulante, o que despertou na autora o desejo em levar a contribuição do *Coaching* para diversos alunos e para a educação. Destes 23 alunos, 16 foram aprovados para ingresso na faculdade, sendo 9 para Medicina e 7 entre os demais cursos, tais como Odontologia, Engenharia Elétrica, Moda, Biotecnologia, Direito. Dentre os que não conseguiram obter o resultado desejado, observou-se que todos aumentaram de pontuação, se comparada com os anos anteriores nos quais haviam feito as provas, fato que os fez retomar o entusiasmo com base na análise de seus resultados, gerando aprendizado para continuar na busca pelo seu objetivo.

Portanto, pode-se perceber o quanto o *Coaching* influencia na evolução do aluno e desperta o desejo em aprender para alcançar um objetivo, quando lhe é propiciado um momento de reflexão e evolução. Na prática, o que esta pesquisa sugere é a oferta de momentos como estes (sessões de *Coaching*, palestras, seminários, workshops) para os jovens alunos, o que virá a tornar a escola mais ativa em relação a aspectos motivacionais e psicológicos, ou seja, pode-se implementar um novo setor de apoio ao aluno, pois há anos ele vem sendo altamente passivo, pouco motivado e, em muitos casos, punido. Para que isso aconteça, a sugestão é que a escola consiga elaborar mais palestras, workshops, rodas de conversas, momentos de reflexão etc, a fim de que o próprio aluno tome consciência de seus desafios e crie oportunidades dentro das necessidades que ele julga importante evoluir e conquistar. Novamente, e mais fortemente, a escola faria assim a construção de valores, comportamentos e consciências cada vez mais sólidos e críticos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação vem fortalecer a importância sobre o tema *Motivação* no espaço escolar, tema este que ao longo dos anos vem sendo pesquisado por muitos teóricos, mas que, como se viu, pouco efeito mostra na prática. Também vem mostrar como o *Coaching* pode contribuir para a elevação da motivação do estudante através de suas ferramentas, com intuito de proporcionar momentos de reflexão e sentido para o mesmo. Assim sendo, defende-se que futuramente o *Coaching* venha a ser aplicado como uma importante ferramenta dentro das escolas, com o objetivo de melhorar o interesse e os resultados dos alunos.

É importante ressaltar que esta proposta parte de uma iniciativa de trazer outras contribuições para a Educação, vindo totalmente ao encontro das ideias já trazidas por grandes pesquisadores do âmbito educacional ao longo dos anos, principalmente a partir do século XIX.

Pode-se perceber que existem muitos estudos focados nas metodologias e didáticas docentes mas, ao atentar que os motivos para a aprendizagem são singulares e que, por isso, os anseios e desejos do estudante são diferentes, percebe-se que ainda há muito a entender sobre como de fato o indivíduo consegue se motivar ou ser motivado no sentido de querer aprender.

A pesquisa foi desenvolvida através da metodologia qualitativa, Análise de Conteúdo, de acordo com os pressupostos teóricos da autora Lawrence Bardin (1977). Foi através da mesma que se desenrolaram todos os passos desta dissertação, por ser um processo intelectual segundo o qual é possível chegar a uma conclusão a partir de premissas estabelecidas em cada etapa pré-definida.

Portanto, a primeira etapa desta metodologia foi de grande importância, pois nela foram operacionalizadas e sistematizadas as ideias iniciais deste estudo. Esta fase foi dividida em quatro passos (*análise flutuante; escolha dos documentos a serem submetidos à análise; a formulação das hipóteses e dos objetivos e referência dos índices e a elaboração de indicadores*).

Em um primeiro momento foi realizada a Análise Flutuante, através do levantamento de pesquisas científicas (dissertações, teses e artigos científicos), o qual chamamos de Estado do Conhecimento, tanto sobre o tema *Motivação*, quanto *Coaching na Educação*. Para realizar este levantamento, foram utilizados dois filtros,

o primeiro com as palavras-chaves: *Motivação; Aprendizado; Educação* e o segundo: *Coaching; Educação*. Foram encontradas o total de 28 pesquisas relacionadas ao tema deste trabalho (11 artigos científicos, 13 dissertações e 4 teses).

Já no segundo passo, que diz respeito à escolha dos documentos, foram escolhidas 10 pesquisas (4 artigos científicos, 4 dissertação e 2 teses), com base nas regras estabelecidas por Bardin (1977): *exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência*.

Ao finalizar o Estado do Conhecimento, foram elencados os autores e teorias que fundamentaram esta dissertação, os quais permitiram à pesquisadora aprofundar temas e teóricos que despontaram ao seu interesse para conclusão desta pesquisa.

Também ao aprofundar e escolher criteriosamente as pesquisas já existentes sobre os temas *Motivação, Aprendizado, Educação e Coaching* foram estabelecidos o objetivo geral e hipóteses desta pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho, então, foi mapear a influência dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem do aluno, tendo como referência conceitos sobre o tema *Motivação* estudados ao longo dos anos e a *Teoria da Autodeterminação e suas Mini Teorias* de Deci e Ryan (1985), e verificar como o processo de *Coaching* pode contribuir para que evoluam estes fatores na Educação.

Já a hipótese desta pesquisa foi identificar como o “*processo de Coaching poderá contribuir para Educação, elevando a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos e o interesse em aprender*”.

Ao concluir o *corpus* de análise (Estado do Conhecimento e Referencial Bibliográfico) e levantadas as hipóteses e objetivo geral deste estudo, foram elaborados os indicadores desta pesquisa, os quais são *motivação intrínseca e motivação extrínseca*.

A segunda etapa da análise metodológica foi a *Codificação*. Essa etapa foi fundamental, pois nela foi realizado o tratamento do material já pesquisado. Portanto, as categorias foram definidas com base na exploração do material realizada no levantamento bibliográfico. A partir disso, pode-se perceber que, ao passar dos anos, muitos teóricos, teorias e conceitos foram surgindo sobre o tema *Motivação*, mas ao interligar os pensamentos notou-se que cinco fatores são

essenciais para a motivação do indivíduo: ter prazer e ver sentido em suas ações; ter objetivos ou desejos bem definidos; suas necessidades básicas serem contempladas ou as que dizem respeito à sua subsistência; ter consequências positivas em suas ações; as ações não ferirem valores pessoais. A partir desta análise, surgiram as categorias deste estudo, as quais podem ser consideradas como resultado deste trabalho.

Por fim, foi realizada a última parte da análise que a metodologia adotada propõe, na qual os dados foram tratados de maneira significativa, o que inclui a realização das inferências e as interpretações desta pesquisa.

As inferências e interpretações foram feitas com base em cada uma das categorias encontradas, identificando como o processo de *Coaching* pode contribuir para a evolução dos fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos do aluno.

Foi conclusivo que o processo de *Coaching* pode atuar nas categorias que compõem a motivação intrínseca (ter objetivos bem definidos; ter prazer e ver sentido nas ações; ações realizadas não ferem os valores pessoais) e, também, naquelas que compõem a motivação extrínseca (ter consequências positivas nas ações realizadas; necessidades básicas contempladas).

Após o levantamento das ferramentas do *Coaching*, tendo sido indicada uma para trabalhar cada categoria apresentada neste trabalho, foi apresentado um suporte teórico de pensadores do âmbito da Educação, os quais puderam contribuir e interferir positivamente nas categorias encontradas.

Por fim, para contextualizar e reforçar a importância do processo de *Coaching* no âmbito educacional, a autora trouxe sua experiência como *coach* e o resultados que a mesma teve com estudantes que, através de suas reflexões e ações, conquistaram seus objetivos ou elevaram seus resultados.

Finaliza-se esta pesquisa com a certeza de que ainda há muito a ser discutido e pesquisado sobre a inserção do *Coaching* na educação, porém por meio deste estudo, ao esclarecer sobre o que é o *Coaching*, nota-se o quão positiva poderá ser sua contribuição para a elevação da motivação dos alunos. Portanto, conclui-se através de todo o estudo realizado sobre os fatores que motivam o indivíduo tanto intrínseca quanto extrinsecamente, que o processo de *Coaching*, através de suas ferramentas e reflexões, pode, sim, ser um grande aliado para a educação de nosso país.

Também percebe-se que a hipótese deste estudo foi confirmada pois, como foi mostrado, existem ferramentas do *Coaching* que atendem todas as categoriais intrínsecas e extrínsecas, as quais são responsáveis pela motivação do aluno.

Sendo assim, espera-se que este trabalho seja provedor de mais estudos voltados à contribuição do *Coaching* nas escolas, pois acredita-se que, quando o aluno percebe sentido nas ações e estabelece objetivos próprios, sua motivação o impulsiona, tornando o processo de aprendizagem ainda mais rico e produtivo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, M. **A avaliação da aprendizagem**: um novo olhar. São Paulo: Lúmen, 1996.

ALMEIDA, M. G.; FREITAS, M. C. D. **Virtualização das relações**: um desafio da gestão escolar. Rio de Janeiro: Brasport, 2013.

ALMEIDA, D. R.; KAULFUSS, M. A.. **Motivação no contexto Escolar**. Curso de Graduação em Pedagogia da FAIT – Faculdade de Ciências Agrárias e Sociais de Itapeva. 2012.

ALMEIDA, D. M. S. **A motivação do aluno no ensino superior**: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2012.

ALVES. I. S. **Motivação no Contexto Escolar**: novos olhares. Serra, 2013

ARAÚJO, A. **Coach**: um parceiro para seu sucesso. São Paulo: Gente, 1999.

ATKINSON, M. **A arte e a Ciência do Coaching**. Montreal, Canada: Exelon Publishing, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMEISTER, R.F.; LEARY, M. R. **A necessidade de pertencer**: Desejo de anexos interpessoais como uma motivação humana fundamental. *Psychological Bull.* 1995.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BERGAMINI, C. W. **Motivação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1997. 4 ed.

BETTINGER, E. **Como a ajuda financeira afeta a persistência**. National Bureau of Economic Research, Working Paper 10242, January 2004, JEL No.I2. 2011.

BIADOLA, V. **Motivação para aprendizagem dos alunos do ensino médio de uma escola:** estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, N. B. **Coaching Analítico-Comportamental: Estudos sobre efetividade de Coaching feito por um analista do comportamento.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

BORUCHOVITCH, E; BZUNECK, J. A. **Motivação do Aluno:** Contribuições da Psicologia Contemporânea, Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2001.

BRANCO, M. **O Poder do Coaching na Educação.** 2014. Acessado em http://cefopna.edu.pt/revista/revista_12/pdf_12/es_01_12_mb.pdf. Visitado em: 10 de agosto de 2016.

BROWN, R. **Psicologia social.** Glencoe, Ill: Free Press. 1965.

BROPHY, J. **Rumo a um modelo do valor da motivação na educação:** desenvolvimento da apreciação de domínios e atividades específicas de aprendizagem. *Educational Psychologist*, v. 34, n. 2, p. 75-85, 1983.

BRUNER, J. **Fabricando Histórias.** São Paulo: Letra e Voz, 1947.

BZUNECK, J. A. **As crenças de auto-eficácia e seu papel na motivação do aluno.** Em: *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.* Petrópolis, RJ, Editora Vozes, p. 116-133, 2001.

BZUNECK, J. A. **As crenças de auto-eficácia dos professores.** In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BZUNECK, J. A. **Aprendizagem por processamento da informação:** uma visão construtivista. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). *Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social da escola.* Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 1, p. 17-54.

CAMBI, F. **História da Pedagogia.** São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPOS, M. **Coaching para Professores e Educadores. 2015.** Acessado em: <http://www.esoterikha.com/Coaching-pnl/curso-de-Coaching-para-professores-e-educadores-Coaching-e-educacao.ph>. Visitado em: 23 de agosto de 2016.

CAMPOS, M. **Coaching para Estudantes. 2005.** Acessado em: <http://www.esoterikha.com/Coaching-pnl/Coaching-para-estudantes-o-que-e-Coaching-escolar-para-alunos.php>. Visitado em: 23 de agosto de 2016.

CAMPOS, T. M. **O Coaching no desenvolvimento de competências empreendedoras: uma pesquisa ação.** Tese (doutorado) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

CERTEAU, M. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 1995.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flow: a psicologia da ótima experiência.** New York: Harper & Row, 1990.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORREIA, M. F. B., LIMA, A. P. B., ARAÚJO, C. R. **As contribuições da psicologia cognitiva e a atuação do psicólogo no contexto escolar.** Psicologia: reflexão e crítica, 14(3), 553-561. 2001.

CURI, A. **20 regras de ouro para educar filhos e alunos.** São Paulo: Planeta, 2017.

DECI, E. L., RYAN, R. M. **The what and why of goal pursuits: Human need and selfdeterminationofbehaviour.** PsychologicalInquiry, 1999. Acessado em: http://en.wikiversity.org/wiki/Motivation_and_emotion/Textbook/Motivation/Student_motivation_theories. Visitado em: 24 de agosto 2016.

DECI, E. L., RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior.** New York: Plenum Press, 1985.

DECI, E. L., RYAN, R. M. **The "What" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior.** *Psychological Inquiry*, v.11, n.4, p.227-268, 2000.

DECI, E. L e Ryan, R. M. **O manual o sel-determinação pesquisa.** Rochester, EUA. Universidade Rochester Press, 2002.

DI STÉFANO, R. **O líder-coach: líderes criando líderes.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

DOWNEY, M. **Coaching eficaz.** São Paulo: Cengage Learning. 2010.

FERREIRA, A. B. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 2.ed. ver e atual. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

FERREIRA, E. E. B. **A percepção de competência, autonomia e pertencimento como indicadores da qualidade motivacional do aluno.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em Educação, Marília, 2010.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico.** Petrópolis, Vozes. 1989

FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego*, 1921. **Além do princípio de prazer.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GALLEY, T. **O interior do tênis.** EUA: Bantan Books, 1974.

GENARI, C. H. M. **Motivação no contexto escolar e desempenho acadêmico.** Dissertação Universidade Estadual de Campinas/ SP – Faculdade de Educação, 2006.

GODOI, C. K. **Categorias da motivação na aprendizagem.** Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, Florianópolis, 2001.

GRANT, A. M. **Workplace, executive anda life coaching:** na annotated bibliography from the behavioural scince literature. Unpublished paper. Sidney: Coaching Pscychology Unit, University os Sydney, 2003.

GROPPO, L. A. **Juventude**. Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, S. E. R. **Motivação intrínseca e o uso de recompensas em sala de aula**. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.) *Motivação do aluno: contribuições da Psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 37-57.

GUIMARÃES, S. É. R.; BORUCHOVITCH, E. **O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes**: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.17, n. 2, p.143-150, 2004.

HENRY, P.; MOSCOVICI, S. **Problemas da Análise de Conteúdo**. *Langages* 11: 36-60. Paris: Didier/Larousse. 2011.

HERSEY, P.; BLANCHARD, H. K. **Psicologia para administradores: as teorias e as técnicas da liderança situacional**. Trad. Edwino A. Royer. São Paulo: EPU, 1986.

HERZBERG, F. **A motivação para trabalhar**. Nova York: Wiley, 1959.

HOBSBWAN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da Personalidade**. São Paulo: Nova Fronteira, 1978.

KHAN, S. **Um mundo, uma escola**: a educação reinventada. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação** – O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1995.

LAIGNIER, A. C. V. O.; RIBEIRO, M. C. R.; MOREIRA, A. F. **Motivação no contexto escolar**: Um estudo de conceitos. Mestrado em Educação Tecnológica – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2014.

LIEURY, A.; FENOUILLET, F. **Motivação e aproveitamento escolar**. Tradução Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LEPOVETSKI, G. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos.** Porto Alegre: Manole, 2005.

LOCATELLI, A. C. D. **A perspectiva de tempos futuros e a motivação do adolescente na escola.** 2004. Acessado em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-162-TC.pdf>. Visitado em: 15 de julho de 2016.

LOURENÇO, A. A.; PAIVA, M. O. A. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem.** Ciência e Cognição 2010, Vol 15. Porto, 2010.

MAGALHÃES, S. M. O. **Ensino de Psicologia: limites do atual paradigma.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 265-287, abr./jun. 2013. Editora UFPR.

MARQUES, J. P. **A estrutura de metas de sala de aula e a motivação de alunos para aprender.** 2009. Acessado em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3000>. Visitado em: 18 de junho de 2016.

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação.** 7. ed. São Paulo: Peirópolis, 1996, 141p.

MASLOW, A. H. **Maslow no Gerenciamento.** Rio de Janeiro, Qualitymark, 2000.

MASLOW, A. H. **Motivação e personalidade.** New York, Harper, 1954.

MATTA, V.; VICTÓRIA, F. **Manual de Coaching Sociedade Brasileira de Coaching.** 2013.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: edição compacta.** São Paulo: Atlas, 1996.

MATOS, M. Z. S. **Cultura e Cotidiano.** História, Cidade e Trabalho. Bauru: Edusc, 2002.

McCLELLAND, D. C.; BURHAM, D. H. **O poder é o grande motivador.** In: VROOM, V.H. (Org.) Gestão de pessoas, não de pessoal. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

McGREGOR, D. **O lado humano da empresa.** New York, McGraw-Hill, 1960.

MEKSENAS, P. **Aprendendo Sociologia: A Paixão de Conhecer a Vida**. 6ª ed. Ed Loyola. São Paulo. 1991.

MESQUITA, A. M. **A motivação do aprendiz para a aprendizagem escolar: Perspectiva Histórico-cultural**. 2010. Acessado em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/97428>. Visitado em: 4 de setembro de 2016.

MESSINA, G. **Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa**. 1998. Trabalho apresentado à Reúñion de Consulta Técnica sobre investigación en Formación del Profesorado, Organización de Estados Ibero-Americanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura, México, 1998.

MOREIRA, B. L. **Dicas de Feedback: a ferramenta essencial da liderança**. Rio de Janeiro: Qualitymack. 2009.

MUMFORD, L. **A Cidade na História**. Martins Fontes Editora, São Paulo, 2004.

NEVES, E. R. C. **As orientações motivacionais e as crenças sobre inteligência, esforço e sorte de alunos do ensino fundamental**. 2002. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000278408>. Visitado em: 4 de setembro de 2016.

NOGARO, A; ECCO, I; RIGO, L. **Aprendizagem e fatores motivacionais relacionados**. Espaço Pedagógico. V. 21, N. 2, Passo Fundo, p. 419-434, jul/dez. 2014.

OLIVEIRA, L. R. M; SOUZA, E.C; RICARTE, M. A. C. **O estudo da motivação dos discentes em curso de graduação a distância, à luz da escala de motivação acadêmica**. Fortaleza, 2015.

OLIVEIRA, M. K; TRENTO, D; REGO, T. (org). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

PERROT, M. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PIAGET, J. **O julgamento moral da criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

PINTRICH, P. R; SCHUNK, D. H. **Motivation in Education: theory, research, and applications**. Englewood Cliffs, N.J: Prentice Hall, 1996.

PINTRICH P, R; SCHUNK, D. H. **Motivação na Educação**. New Jersey: Merrill Prentice Hall. 2002.

POSSEBON, R. O. **A pergunta como estratégia pedagógica nos processos de Coaching**. Anais XI Anped Sul. Curitiba, 2016.

REEVE, J. M.; DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Self-Determination Theory**: a dialectical framework for understand sociocultural influences on student motivation. In: D. M. McInerney & S. Van Etten (Eds.) Big theories revisited. Connecticut: Age Publishing, 2004. (tradução parcial para uso em sala de aula de Sueli Edi Rufini Guimarães).

ROSA, J. L. **Psicologia e Educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

RUIZ, M. **É possível usar o Coaching na Educação**. 2016. Acessado em: <http://supleno.com/blog/2016/02/22/e-possivel-usar-Coaching-na-educacao/>. Visitado em: 23 de agosto de 2016.

SACRISTÁN, G. J. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS. G. **Coaching na Educação: Contexto, Aplicação e Possibilidades para Professores e Gestores Educacionais**. 2015. Acessado em: <http://socialcoach.com.br/Coaching-de-carreira/Coaching-na-educacao-contexto-aplicacao-e-possibilidades-para-professores/>. Visitado em: 12 de agosto de 2016.

SAVATER, F. **O valor da Educação**. Barcelona, Ariel, 1997.

SCACCHETTI, F. A. P. **Motivação e uso de estratégias de aprendizagem no ensino técnico profissional**. 2013. Acessado em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000187446>. Visitado em: 3 de junho de 2016

SECCO, K. C. **Coaching e formação da consciência docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontífca Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2012.

SETTON, J. M. G. **As transformações do final do século**: resignificando os conceitos de autoridade e autonomia. In: Autoridade e Autonomia na escola: Alternativas Teóricas e Práticas. Summus Editorial. São Paulo. 1999.

SILVA, F. P; DALLANOL, R. A. **A educação como processo da formação social do indivíduo**. 1º simpósio nacional da educação. 2008.

SILVA, J. W. **A tripartição da Alma na República de Platão**. São Paulo. 2001

SKINNER, B, F. **A análise operacional de termos psicológicos**. Psychological Review, n.52, p.270-7, 1945.

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento Humano**. Tradução de J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953). 2000

SKINNER, B. F. **Tecnologia do ensino**. Tradução realizada por R. Azzi. São Paulo: Herder. (trabalho original publicado em 1968).

SKINNER, B.F. **Questões recentes na análise comportamental**. Trad. Anita L. Neri. Campinas, Papyrus, 1991.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. P. **Alfabetização**. Brasília: MEC; Inep; 2000. (Estado do Conhecimento, n. 1. Acessado em: Visitado em: 6 de julho de 2016.

SOBRINHO, A. F. **O aluno não é mais aquele: e agora professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

STIPEK, D. **Motivação e instrução**. In: BERLINER, David C; CALFEE, Robert (Eds.). Handbook of educational psychology. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1996. p. 85-113.

SOUZA, F. D. S. **Escritóres da Liberdade**. 2010

TAPIA, J. A. **Contexto, motivação e aprendizagem**. In: TAPIA, J. A; FITA E. C. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 5 ad. São Paulo: Loyola, 2003.

THORNDIKE, E. L. **Inteligencia Animal**. New York: Macmillan.1911.

TORRES, A. R. **Gestão motivacional na instituição de ensino superior: uma ferramenta capaz de proporcionar o envolvimento de todos por um aprendizado melhor**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e

Tecnologia) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2015.

VALLERAND, R.; REID, G. **Sobre os efeitos causais da competência percebida na motivação intrínseca: um teste da teoria da avaliação cognitiva.** *Journal of Sport Psychology*, 6, 94-102. 1984.

VROOM, V. H. **Trabalho e Motivação.** New York: Wiley, 1964.

WARNIER, J. P. **A mundialização da cultura.** Bauru: Edusc, 2000.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1940.

WILLIAMS, R. L. **Preciso saber se estou indo bem!** Rio de Janeiro: Sextante. 2005.

WOLK, L. **Coaching: a arte de soprar brasas.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

WHITMORE, J. **Coaching para performance: aprimorando pessoas, desempenhos e resultados.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

ZAMBON, M. P. **A motivação escolar de alunos com baixo rendimento acadêmico: metas de realização, atribuições de causalidade e autoconceito.** 2006. Acessado em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n4/12.pdf>. Visitado em: 12 de setembro de 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – MAPEAMENTO DE TRABALHOS SOBRE MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

ARTIGOS						
Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR	OBJETO	LOCAL	PALAVRAS-CHAVE
1	A motivação escolar e o processo de aprendizagem	2010	Abílio Afonso Lourenço e Maria Olímpia Almeida De Paiva	Este artigo procura salientar a importância da motivação para os processos de aprendizagem e para o sucesso escolar.	Porto/ Portugal	motivação; aprendizagem; contexto escolar.
2	Estudo dos Fatores Extrínsecos e Intrínsecos que Motivam os Discentes na Escolha e na Permanência no Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2015	Jorge Daniel Werlang, Márcia Bianchi, Maria Ivanice Vendruscolo	O objetivo deste estudo é identificar os fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam a escolha e a permanência dos discentes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com base na Teoria dos Dois Fatores de Herzberg.	Porto Alegre/ RS	Fatores Extrínsecos. Fatores Intrínsecos. Motivação discente. Ciências Contábeis.
3	Educação de jovens e adultos: expectativas e dificuldades	2010	Ioneide Sales Soglia e Cleide Selma Pereira dos Santos	Neste trabalho apresentamos dados coletados em entrevistas e observação realizadas numa sala de aula de Jovens e Adultos, analisando as necessidades educacionais destes alunos e as dificuldades encontradas por eles no processo de aprendizagem, bem como a motivação que os levou a retornarem à sala de aula e as expectativas destes em relação ao curso, pontuando os avanços e	Jequié/ BA	Dificuldades. Educação de Jovens e Adultos. Expectativas.

				retrocessos ocorridos nessa modalidade de ensino.		
4	Estratégias para motivar os alunos	2008	Saul Neves de Jesus	Neste artigo sintetizamos as principais implicações práticas decorrentes de algumas investigações anteriores que desenvolvemos sobre estratégias que os professores podem utilizar no sentido de uma maior motivação dos alunos para a aprendizagem e para apresentarem comportamentos mais adequados na sala de aula.	Porto Alegre/RS	Motivação; aprendizagem; disciplina; alunos
5	Motivação e aprendizagem na educação de jovens: uma experiência com o projuvem	2009	Emília Maria da T. Prestes; Alexandra Carvalho de Sousa; Kelly Ionara Andrade Santana	Este trabalho, centrado na motivação e aprendizagem dos alunos, pretende apresentar uma análise teórico-empírica dessas categorias, como possíveis elementos necessários para se delinear o que motiva os alunos do Programa de Inclusão de Jovens (ProJovem) a voltar a estudar	Paraíba/PB	Motivação, Aprendizagem, ProJovem
6	A (des) motivação da aprendizagem de alunos de escola pública do ensino fundamental I: Quais os fatores envolvidos?	2007	Maria Fabiana Nascimento de Carvalho, Valéria Cavalcanti Pereira e Sandra Patrícia Ataíde Ferreira	Busca investigar os possíveis fatores da (des) motivação dos alunos de escola pública para a aprendizagem, mais especificamente, as metodologias utilizadas pelo professor e as condições físicas e pedagógicas oferecidas pela escola.	Pernambuco/CE	Motivação, aprendizagem, aluno, escola pública
7	Motivação do aluno durante o processo de ensino-	2007	Carolina Roberta Moraes e Simone Varela	Este trabalho foi desenvolvido com foco no fator motivação do aluno no processo	Maringá/PR	Motivação, estimulação, relacionamento professor/aluno.

	aprendizagem			ensino-aprendizagem, voltado em específico para crianças da primeira série do Ensino Fundamental. Para desenvolvê-lo, partiu-se da hipótese da ausência de planejamento das aulas por parte do professor e da sua ausência no conhecimento da vida social do aluno.		
8	O estudo da motivação dos discentes em um curso de graduação a distância, à luz da escala de motivação acadêmica	2015	Lucas Renan Monteiro de Oliveira, Ellen Campos Sousa e Marcos Antonio Chaves Ricarte	A motivação do aluno é um fator fundamental para a qualidade do ensino em qualquer instituição e em qualquer modalidade empregada. No caso da educação a distância, em especial, esse aspecto se revela ainda mais importante, já que o aluno desta modalidade de ensino precisa ter maior liberdade e controle do processo de aprendizagem. Este trabalho, de cunho exploratório, descritivo e quantitativo, tem como objetivo identificar, a partir da Escala de Motivação Acadêmica (EMA), criada por Deci e Ryan (1985; 2000), que tipos de fatores motivacionais preponderam nos estudantes, se os intrínsecos ou se os extrínsecos.	Fortaleza/ CE	Motivação. Educação a Distância. Aluno.
9	Motivação no contexto escolar: um estudo de conceitos	2014	Ana Carolina Vilar de Oliveira Laignier, Mirelly	O presente trabalho objetiva apresentar, discutir e relacionar estudos sobre “Motivação”,	Minas Gerais/ MG	Motivação; Educação Profissional; Atividade.

			Cristine da Rocha Ribeiro e Adelson Fernandes Moreira	“Motivação e Educação” e “Teoria da Autodeterminação”. A partir desse contato, identificar corroborações e discordâncias que permitam ampliar os conhecimentos e as expectativas em relação às possibilidades de continuidade de estudos na área.		
10	Motivação no contexto escolar	2012	Denise Aparecida Rodrigues Almeida e Marco Aurélio kaulfuss	A pesquisa teve como objetivo, trabalhar com a motivação no contexto escolar, aprofundando-se nos conhecimentos motivacionais de fatores intrínsecos e extrínsecos, examinar condições que possam interferir na aprendizagem, no sucesso ou fracasso do aluno.	Itapeva/ SP	Motivação, Fatores motivacionais, motivação no processo de aprendizagem.
11	A motivação do aluno para a aprendizagem	1999	Leida Raasch	Atualmente a motivação dos alunos para a aprendizagem é o centro das atenções no processo educacional, uma vez que este reconhece que a aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático que depende do despertar das potencialidades do educando, de maneira sozinha ou com a ajuda do educador.	Nova Venécia/ ES	Educação; Processo ensino-aprendizagem; Incentivo; professor e família.

DISSERTAÇÕES						
Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR	OBJETO	LOCAL	PALAVRAS-CHAVE
1	A estrutura de metas de sala de aula e a motivação de alunos para aprender	2009	Juliana Pelinsom Marques	O estudo avalia a motivação de alunos do ensino fundamental com base nas metas de realização adotadas e a estrutura de metas de sala de aula a partir das percepções dos alunos e de descrições dos professores sobre as práticas educativas	São Carlos/ SP	Motivação de aluno, metas de realização, estrutura de metas de sala de aula
2	Motivação para aprendizagem dos alunos do ensino médio de uma escola: estudo de caso.	2002	Vilma Biadola	Esta pesquisa foi desenvolvida no sentido de identificar os fatores motivacionais na aprendizagem escolar dos alunos do ensino médio de uma escola. Inicialmente desenvolveu-se uma revisão da literatura sobre o tema motivação na aprendizagem e qualidade de ensino.	Florianópolis/ SC	motivação, aprendizagem, qualidade.
3	A motivação do aluno no ensino superior: um estudo exploratório	2012	Débora Menegazzo de Souza Almeida	O presente trabalho investiga a motivação do aluno no ensino superior e os fatores a eles relacionados.	Londrina/ PR	Motivação de alunos no ensino superior, Teoria da autodeterminação
4	A motivação escolar de alunos com baixo rendimento acadêmico: Metas de realização, atribuições de causalidade e autoconceito	2006	Melissa Picchi Zambon	O presente estudo enfocou as metas de realização, atribuições de causalidade e autoconceito dos alunos. As principais metas de realização são a meta aprender e a meta <i>performance</i> : a	São Carlos/ SP	-

				primeira tem sido associada a resultados cognitivos, motivacionais, afetivos e comportamentais positivos, já a meta <i>performance</i> tem sido vinculada a resultados menos adaptativos.		
5	A perspectiva de tempo futuro e a motivação do adolescente na escola	2004	Adriana Cristiane Dias Locatelli	O presente estudo objetivou responder questões referentes à motivação do adolescente na escola em um momento de definição vocacional. O adolescente, ao final do ensino médio, está construindo sua identidade e a principal tarefa dessa etapa é a definição de uma carreira, ou seja, a escolha de uma meta futura.	Londrina/ PR	Adolescentes e a escolha vocacional, Motivação intrínseca e a extrínseca, Perspectiva de tempo futuro e o ensino superior.
6	Qualidade motivacional no ensino médio: estudo sobre relações com a maturidade e a escolha profissional	2015		A presente pesquisa teve como objetivo geral identificar os fatores motivacionais que os alunos apresentam no ensino médio, etapa final da educação básica, de dois estados DIFERENTES – Minas Gerais e Paraná – atrelada à escolha profissional desses estudantes e também a maturidade para a realização de tal escolha, tendo como base teórica e Teoria	Londrina/ PR	Alunos, motivação, Ensino médio, Escola, Escolha Profissional.

				da Auto determinação para se trabalhar a motivação.		
7	A motivação do aprendiz para a aprendizagem escolar: a perspectiva histórico-cultural	2010	Afonso Mancuso de Mesquita	O objeto dessa pesquisa é a motivação para a aprendizagem escolar do ponto de vista do aprendiz.	Araranquara/ SP	Motivos, Atividade, Desenvolvimento psicológico, Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica.
8	As orientações motivacionais e as crenças sobre inteligência, esforço e sorte de alunos do ensino fundamental	2002	Edna Rosa Correia Neves	O presente estudo investigou as orientações motivacionais e as crenças sobre inteligência, esforço e sorte de alunos do ensino fundamental.	Campinas/ SP	-
9	Motivação e uso de estratégias de aprendizagem no ensino técnico profissional	2013	Fabio Alexandre Pereira Scacchetti	Esta pesquisa teve como foco analisar a motivação para aprender e a utilização de estratégias de aprendizagem em alunos do ensino técnico profissional, utilizando como referência a classificação de estratégias cognitivas e meta cognitivas.	Londrina/ PR	Motivação para aprender, Estratégias de aprendizagem, Ensino técnico profissional.
10	Motivação no contexto escolar e desempenho acadêmico	2006	Carla Helena Mazini Genari	A presente pesquisa teve como objetivo investigar a existência de possíveis relações entre orientações motivacionais e o desempenho acadêmico de alunos do ensino fundamental, bem como verificar se diferentes níveis de desempenho acadêmico apresentam	Campinas/ SP	Motivação escolar intrínseca, Motivação escolar extrínseca, Rendimento acadêmico, Fracasso escolar, Ensino fundamental

				diferentes padrões motivacionais.		
11	A história da matemática como motivação para o processo de aprendizagem e contextualização dos conteúdos matemáticos na Educação básica	2016	Thiago Barros de Castro	O presente trabalho apresenta reflexões e argumentos referentes a importância instrumental e motivadoras da História Matemática para o processo de ensino aprendizagem dos conteúdos matemáticos.	Juiz de Fora/ MG	História da matemática; Contextualidade, Ensino-Aprendizagem
12	Gestão motivacional na instituição de ensino, uma ferramenta capaz de proporcionar o envolvimento de todos por um aprendizado melhor	2015	Ary da Rosa Torres	Avaliar a importância da Gestão motivacional em uma entidade estudantil de ensino superior e sua relação com a motivação do aluno para aprender, usando como referência para pesquisa um polo presencial do ensino a distância no (SEPCO) Sistema de Ensino Presencial Conectado Online, na cidade de Pelotas para a investigação das diversas variáveis capazes de influenciar no sucesso da gestão em uma entidade de ensino superior, no quesito motivação do aluno.	Pelotas/ RS	Motivação. Gestão motivacional. Ensino à distancia. Polo presencial.

TESES						
Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR	OBJETO	LOCAL	PALAVRAS-CHAVE
1	Categorias da motivação na aprendizagem	2001	Christiane Kleinubing Godoi	O trabalho parte da análise crítica das teorias motivacionais, principalmente no que se refere aos aspectos da dicotomia entre o carácter intrínseco e extrínseco da motivação.	Florianópolis/SC	Motivação; Psicanálise; Cognitivismo
2	Entre a indignação e a esperança: motivação, pautas de ação docente, orientação paradigmática na alfabetização de jovens e adultos/as	2006	Suzana Schwartz	O estudo investiga os fatores pessoais e contextuais inerentes à motivação para o ensino e a aprendizagem que entremeiam as pautas docentes dos/as professores/as alfabetizadores/as de jovens e adultos/as, identificando as contradições e as mediações, sugerindo estratégias e possibilidades pedagógicas para a formação destes/as professores/as.	Porto Alegre/RS	Alfabetização de Jovens e Adultos/as. Motivação. Orientação Paradigmática. Pautas de Ação Docente.
3	A percepção de competência, autonomia e pertencimento como indicadores da qualidade motivacional do aluno	2010	Eliana Eik Borges Ferreira	Esta pesquisa teve como primeiro objetivo examinar em uma amostra de alunos do ensino fundamental as relações entre a percepção das necessidades psicológicas básicas de competência, autonomia e pertencimento com a qualidade motivacional avaliada pelo	Marília/ SP	Qualidade motivacional do aluno; teoria da autodeterminação; necessidades psicológicas básicas; engajamento emocional.

				continuum da autodeterminação, da teoria de Ryan e Deci		
4	Motivação humana: motivos envolvidos no processo educacional na UFAC	2000	Minoru Martins Kinpara	O presente trabalho tem por objetivo conhecer e compreender os motivos que levam as pessoas a participarem do processo de educação superior no Acre, permanecendo na Universidade até completarem a graduação e tendo como quadro teórico a concepção de desenvolvimento humano de Abraham Harold Maslow. A teoria presta ênfase à natureza e potenciais de crescimento intrínsecos ao homem como determinantes de seu desenvolvimento pessoal.	Campinas/ SP	-

APÊNDICE 2 – MAPEAMENTO DE TRABALHOS SOBRE COACHING NA EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÕES						
Nº	TÍTULO	ANO	AUTOR	OBJETO	LOCAL	PALAVRAS-CHAVE
1	Coaching e formação da consciência docente	2012	Karen Ciaccio Secco	O presente estudo tem como objetivo principal olhar para a subjetividade do professor; olhar para a ligação entre as dimensões pessoas e profissionais na formação da consciência docente e na produção identitária dos professores.	São Paulo/ SP	Formação de professores, Coaching, Identidade e Consciência Docente.

APÊNDICE 3 – FERRAMENTAS DO COACHINGMOTIVAÇÃO INTRÍNSECA**a) Ter objetivos bem definidos:**

Especificação de Objetivos
<p><i>Regras-chave para uma boa formulação de objetivos</i></p>
<p>O QUE</p> <p>Qual o seu objetivo?</p> <hr/>
<p>Evidência - Qual será a evidência de que você conseguiu?</p>
<p>POR QUE</p> <p>Motivadores Ganhos (O que você ganha com isso?)</p> <p>Sabotadores Perdas (O que você/outros perdem com isso? O que você pode fazer para minimizar possíveis perdas?)</p>
<p>COMO</p> <p>Estratégias (Quais são as formas de conseguir isso? Quais são os passos para conseguir isso?)</p> <p>Grau de comprometimento: _____</p>

b) Ter prazer e sentido nas ações:**Ganho e Perdas**

*Ajudar a identificar quais são os seus propósitos
(motivadores e sabotadores, ganhos e perdas)*

Que você ganha se obtiver isto?
(motivadores - prazer)

•

Que você perde se obtiver isto?
(sabotadores - dor)

•

Que você ganha se não obtiver
isto?
(sabotadores - prazer)

•

Que você perde se não obtiver
isto?
(motivadores - dor)

•

c) As ações realizadas não ferem seus valores pessoais:**Identificação de Valores**

Ajuda a perceber como o aluno se motiva, o que é importante em sua vida. Valores determinam nossas atitudes. Todos os nossos comportamentos atendem nossos valores.

Perguntas para identificar valores:

- Pense em seus objetivos. Por que este objetivo é importante? O que sua realização lhe trará?
- Pense nas coisas que são mais importantes para você? O que estas coisas lhe proporcionam?
- O que é mais importante para você na sua vida? Qual é o sentimento que isto lhe traz?
- Por que isto é importante para você?
- Você pode se lembrar de um comportamento indesejado? Se apenas este comportamento lhe trouxesse algum benefício, qual seria? O que este comportamento lhe proporciona?

Quais os 5 valores pessoais mais importantes visto suas respostas acima.

a) Consequências positivas nas ações realizadas:**Avaliação de Resultados**

Ajuda a perceber o que o aluno tem feito de positivos e refletir sobre o que pode ser ajudado e melhorado o que o mesmo julga estar falho.

- 1 – O que você fez de muito bom durante o ano?
- 2 – Porque este ano valeu a pena?
- 3 – O que você imagina que poderia ter feito diferente?
- 4 – Se pudesse voltar no tempo e ir lá para o início do ano, o que você ajustaria nesta caminhada?
- 5 – De tudo que viveu durante este ano o que serviu de aprendizado para sua vida?
- 6 – Quais suas expectativas para o ano que vem?
- 7 – O que faria diferente no início do outro ano?

b) Necessidades básicas contempladas:

Avaliação das necessidades do aluno

Ajuda a perceber o que o aluno necessita, podendo então gerar mudanças a partir do que é dito.

1 – Como se sente na escola?

2 – O que você julga que pode ser melhorado em nosso ambiente escolar?

3 – Existe algo que esta prejudicando seu rendimento em sala de aula?

4 – O que podemos fazer para te ajudar?

1- Primeira sessão: reflexões sobre objetivo com o grupo de Pelotas



2- Primeira sessão: reflexões sobre objetivo com o grupo de Rio Grande



3- Sessão para o aluno defender seu objetivo, ver sentido em seu estudo.

